



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES

BRINCADEQUÊ: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NO QUILOMBO DE LAJEADO

Palmas – TO
2021

LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES

**BRINCADEQUÊ: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NO QUILOMBO DE
LAJEADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma pelo orientador, co-orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Idemar Vizolli
Co-orientador: Prof. Dr. Adriano Castorino

Palmas - TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A474b Alves, Laurenita Gualberto Pereira .
Brincadequê: Brinquedos e brincadeiras no Quilombo de Lajeado.
/ Laurenita Gualberto Pereira Alves. – Palmas, TO, 2021.
154 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-
Graduação (Mestrado) Profissional em Educação, 2021.
Orientador: Idemar Vizolli
Coorientador: Adriano Batista Castorino

1. Brinquedos. 2. Brincadeiras. 3. Saberes tradicionais. 4.
Gerações. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES

BRINCADEQUÊ: BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NO QUILOMBO DE LAJEADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo Orientador, Co-orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 15 / 10 / 2021
Banca Examinadora



Prof. Dr. Idemar Vizolli - Orientador, PPPGE/UFT



p/k

Prof. Dr. Adriano Castorino – Co-orientador, PROFIAP/UFT



p/k

Profª. Dra. Rejane Cleide Medeiros de Almeida, PPGCULT/UFNT



p/k

Profª. Dra. Juciley Evangelista Freire, PPPGE/UFT



p/k

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes, PGAD/UNESP

Palmas - TO
2021

Dedico esta pesquisa as minhas estimadas avós, Laurinda Luiz de Albuquerque (Biló) (*in memoriam*) e Camila Martins de Deus (*in memoriam*), exemplos de amor e resistência negra.

AGRADECIMENTOS

A Deus, companhia de todas as horas e fortaleza sempre presente.

Ao Prof. Dr. Idemar Vizolli, pelas sábias palavras de incentivo, cordialidade, confiança, encorajamento e pelo tempo que disponibilizou para orientação desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Adriano Castorino, pelas valiosas prosas que me forneceram indicações de caminhos; pelas leituras sugeridas; e por ter aceitado o desafio de co-orientar este trabalho.

Ao Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes, Prof^a. Dr^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida e Prof^a. Dr^a Juciley Evangelista Freire pela disposição e contribuições inestimáveis para a organização final desta dissertação.

Agradeço minha família amada, ao meu filho Lázaro, ao meu esposo Alberto, ao meu pai Celeno, pessoa sorridente e acolhedora, à Maria Anita, minha linda mãe, mulher forte, delicada e sensível. Meu pai e minha mãe, em todo o tempo me acolhem, confortam, animam.

Também agradeço imensamente a força de Celenita, Jardilene, Selmária e Andréia, minhas irmãs e o carinho de meu irmão João Celino. Assim como aos meus sobrinhos, Kalebe, Eduardo e Petrus e minha sobrinha Selenna por acreditar em meu sonho, pelas orações, e por me apoiarem, principalmente durante as ausências inevitáveis.

Aos/às remanescentes do Quilombo de Lajeado, em especial aos/às protagonistas deste trabalho: Guilhermina Martins, Benedito Ribeiro, Maria Anita Gualberto, Delzuíta Furtado, Horacílio Alves, Alberto Luiz, Ana Bispo, André Avelino Luiz, Celenita Gualberto, Rejane dos Santos, Renato Gualberto, Lorena Gualberto, Lucas dos Santos, Ione Luiz, Valdivino dos Santos, Lázaro Gualberto, Eduardo Christopher Gualberto, Selenna Cathrine Gualberto, Vitor Hugo Alves, Enzo Gabriel Alves, Joelma dos Santos, Lílian Ribeiro e Luna Yasmin Pereira, pelos valiosos relatos das suas mais ricas memórias.

A todos e todas que de alguma forma compartilharam comigo este percurso de aprendizado, regado a esforço, superação e dedicação, alegria e prazer.

RESUMO:

Essa pesquisa tem como objetivo analisar saberes tradicionais que se manifestam nos brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações e integram a vida da Comunidade Quilombola de Lajeado. O estudo concentrou-se nessa comunidade amazônica, localizada na zona rural do município de Dianópolis- TO. Procurou-se alcançar os seguintes objetivos específicos: identificar brinquedos e brincadeiras em diferentes gerações na Comunidade Quilombola de Lajeado; verificar a permanência e as mudanças em relação aos brinquedos e às brincadeiras em diferentes gerações; e reconhecer saberes tradicionais presentes nos brinquedos e brincadeiras em diferentes gerações na Comunidade Quilombola de Lajeado. Para tanto, tomou-se como metodologia a perspectiva etnográfica, conjugada com a história oral. A pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa com práticas de campo, observação participante, roda de conversa e oficinas intergeracionais. Os interlocutores deste trabalho foram (23) vinte e três remanescentes quilombolas, entre 6 a 85 anos de idades, na qual são pessoas referentes a quatro gerações existentes na Comunidade. O aporte teórico que sustentou a argumentação construída foi: Kishimoto (1994), Adriana Friedmann (1992), Johan Huizinga (2000), Gilles Brougère (2010), Walter Benjamin (1984), Arruti (2010), Munanga (1996), Malinowski (1975), Laraia (2014), Bá Hampaté (2010), Bosi (2012), Alberti (2000), Meihy (2002), Ferdinand Tonnies (1957), dentre outros estudiosos. Ao final do trabalho, conclui-se que os saberes tradicionais que estão presentes nos brinquedos e brincadeiras que perpassam as diferentes gerações das pessoas da Comunidade são essenciais para a manutenção da cultura quilombola.

Palavras-chave: Brinquedos. Brincadeiras. Saberes tradicionais. Gerações. Comunidade Quilombola

ABSTRACT:

This research has the goal to analyze the traditional knowledge that is manifested in toys and jokes that run through different generations and integrate the life of the Quilombola Community of Lajeado. The study focused on this Amazon community, located in the rural area of the municipality of Dianópolis-TO. We tried to achieve the specific objectives: to identify toys and jokes in different generations in the Quilombola Community of Lajeado; verify the permanence and changes in relation to toys and jokes in different generations; and traditional knowledge present in toys and jokes in different generations in the Lajeado Quilombola Community. For this purpose, the ethnographic perspective was taken as a methodology, combined with oral history. One research took a qualitative approach with field practices, participant observation, conversation circles and intergenerational workshops. The interlocutors of this work were (23) twenty-three quilombola remnants, between 6 and 85 years of age, who are people referring to four generations existing in the community. The theoretical support that supported the constructed argument was: Kishimoto (1994), Adriana Friedmann (1992), Johan Huizinga (2000), Gilles Brougère (2010), Walter Benjamin (1984), Arruti (2010), Munanga (1996), Malinowski (1975), Laraia (2014), Bá Hampaté (2010), Bosi (2012), Alberti (2000), Meihy (2002), Ferdinand Tonnies (1957), among other scholars. At the end of the work, it is concluded that the traditional knowledge that is present in the toys and jokes that permeate different generations of people in the Community are essential for the maintenance of the quilombola culture.

Keywords: Toys. Jokes. Traditional knowledge. Generations. Quilombola Community

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Ilustração dos brincantes da pesquisa	42
Figura 02: Quadro geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos do Brasil	50
Figura 03: Mapa do Estado do Tocantins com destaque à localização da capital, Palmas, o município de Dianópolis e a Comunidade Quilombola de Lajeado.....	63
Figura 04: Foto por satélite do local da Comunidade Quilombola de Lajeado	64
Figura 05: Anciãs da Comunidade Quilombola de Lajeado: Vó Guilhermina (87 anos) e Vó Camila (81 anos – in memoriam)	66
Figura 06: Roda de sùssia na Escola Municipal Descoberto.....	72
Figura 06: Dia de observação na labuta da anciã Camila (in memoriam).....	102
Figura 07: Três tipos de bonecas	106
Figura 08: Casinha de papelão	106
Figura 09: Carrinho de madeira	106
Figura 10: Animais feitos de siriguela	106
Figura 11: Bola	107
Figura 12: Peteca	107
Figura 13: Cambota	107
Figura 14: Crianças brincando na Comunidade Quilombola de Lajeado	107
Figura 15: Roda de conversa com pessoas da 2ª geração	109
Figura 16: Brincadeira de ronda (jogo da douradinha) numa roda de conversa intergeracional	112
Figura 17: Roda de conversa com pessoas da 3ª geração.....	115
Figura 18: Retirada da madeira para confeccionar carrinhos	120
Figura 19: Oficina de carrinhos de madeira	121
Figura 20: Carrinhos de madeira confeccionados na oficina	122
Figura 21: Brincadeira com carrinhos de madeira após a oficina.....	123
Figura 22: Oficina intergeracional de boneca de sabugo	124
Figura 23: As bonecas criando forma nas mãos dos brincantes	124
Figura 24 : Bonecas de sabugo confeccionada na oficina	126
Quadro 01: Quadro de Comunidades Quilombolas no Tocantins.....	50

LISTA DE SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
DREJE	Diretoria Regional de Educação, Juventude e Esportes
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
CRQs	Comunidade Remanescentes de Quilombos
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação
SUS	Sistema Único de Saúde
PPPGE	Pós-Graduação Profissional Stricto Sensu em Educação
UFT	Educação da Universidade Federal do Tocantins
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
SEMED	Secretaria Municipal de Educação de Dianópolis
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa

SUMÁRIO

1 O INÍCIO DA BRINCADEIRA	13
1.1 Antes de minha vó, durante minha vó, depois de minha vó	13
1.2 Conceitos Iniciais	18
1.3 Brinquedos e brincadeiras	25
2 O BRINCAR COMO METODOLOGIA DE VIVÊNCIA	29
2.1 O corpo brincante em campo: dados os primeiros passos metodológicos	30
2.1.1 Da experiência etnográfica à História Oral: prosas da memória ...	34
2.2 Síntese do caminho trilhado	35
2.3 Cuidados éticos	45
3 O QUILOMBO E SUA FORMAÇÃO INICIAL	47
3.1 Marcos conceituais e a cultura quilombola	52
3.1.1 Cultura	52
3.1.2 Território e territorialidade	55
3.1.3 Memória	59
3.1.4 Comunidade X Sociedade	60
3.2 O terreiro da brincadeira	62
3.2.1 Saberes e fazeres na Comunidade de Remanescentes Quilombolas	67
4 TÁ NA HORA DE BRINCAR: ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICAS	75
4.1 Brinquedos e brincadeiras como processo lúdico	75
4.2 Brinquedos e brincadeiras como processos culturais	78
4.3 Brinquedos e brincadeiras como processos educativos	80
5 MINHAS NARRATIVAS POR ENTRE INFÂNCIA E MEMÓRIAS	83
6 BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: DE ONDE VEM? PRA ONDE VAI?	100
6.1 Observação participante	101
6.1.1 Brinquedquê: brinquedos, brincadeiras, lugares e modos dos lajenses	105
6.2 Rodas de conversa	109

6.3 Oficinas intergeracionais	119
6.3.1 Oficina de carrinho de madeira	119
6.3.2 Oficina de boneca de sabugo de milho	123
7 CONSIDERAÇÕES (IN) CONCLUSIVAS: PARA ALÉM DAS BRINCADEIRAS	129
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICES	140

1 O INÍCIO DA BRINCADEIRA

1.1 Antes de minha vó, durante minha vó, depois de minha vó

Este texto precisa partir de um tempo em que somente a memória pode acessar, o tempo de minha vó. Mas, ainda assim, houve o tempo antes de minha vó, e outro tempo, e um tempo ainda mais longínquo. Por isso, eu, a neta, que estou incumbida de escrever sobre os tempos de brincadeiras, tenho de falar que há um elo, entre mim e a minha vó, e dela com a ancestralidade, o tempo que flui na nossa existência. A minha vó, mesmo sendo criada longe de suas cepas ancestrais, trazia no corpo o molejo alegre de quem reconhece no tambor o chamamento divino da louvação que integra o todo, o corpo, a alma e o espírito.

É assim que este texto tem a possibilidade de restituir, na escrita, os tempos tão distintos de existência de minha vó, a minha memória de infância, e o tempo de hoje, da infância no tempo presente. Todos estes modos de vida, como estão pressuposto aqui, acontecem de modo imperceptível, de maneira que enquanto se vive não se percebe as tantas forças, da terra e do espírito, que se entrelaçam para que a vida aconteça. É aqui que as brincadeiras surgem como alegorias que interligam o passado, os idos tempos imemoriais, com a vida que faz quando se brinca.

Num simples balancear do corpo, num batuque de tambor, num repique ou num espalmar de mãos, há tantos sentidos restituídos, que colocados ali, cena de alegria, brincadeira, possibilitam uma recreação, um momento de alívio ao cotidiano de trabalho. Mas também, nesta cena mínima, estão refeitos os laços com a ancestralidade, com as inúmeras forças que nos fizeram existir até agora. Brincar é, portanto, um momento de rir, de se alegrar, de movimentar o corpo, de distender os músculos, como também um momento de louvação, de honrar os ancestrais. Assim, essa brincadeira une numa única, cena a alegria com a seriedade de manter viva a cultura.

Agora, eu me vejo negra, tão preta como a noite, sentindo que meu trabalho, este sobre as brincadeiras, traz para mim o tanto de segredos que me fizeram enegrecer ainda mais a minha percepção. Ser negra é, portanto, avivar em mim todos os significados que estão presentes num simples ato de brincar. A negritude é uma decisão que me faz pertencer ainda mais aos ancestrais de minha gente. Sendo negra posso ser, como mulher, uma mulher preta, altiva, com meus cabelos e

minha cor, atestando a longa caminhada do tempo que me ligam aos meus ancestrais, ainda que eu jamais nem consiga imaginar o tempo que passou entre minha existência e os meus parentes mais antigos.

Por isso, o elo, essa ligação intrínseca, que a brincadeira faz junto ao meu povo, é o sentido de mais íntimo que mantém viva em nós a memória como esse vínculo com a nossa ancestralidade, devo dizer, inclusive, que essa força das brincadeiras, da dança, do batuque, dos atos de alegria, próprios de nossa africanidade, sobrevive mesmo sob os inúmeros ataques vindos de todas as frentes, inclusive o fogo cerrado das religiões ocidentais de matriz judaico-cristã.

A partir dessas premissas o texto faz um percurso tanto pela memória de anciãs e anciãos quanto das crianças da comunidade, a Comunidade Quilombola de Lajeado. Para que a escrita seja também um traço da memória, é importante que o texto carregue essa noção de narrativa argumentativa. A narrativa será o traço principal porque o foco da escrita é demonstrar os vínculos entre as brincadeiras e as várias possibilidades educativas nelas existentes. Também será um texto que argumenta, por óbvio, sobre as bases epistemológicas, por isso mesmo pedagógicas e filosóficas, que estão presentes em cada ato de brincar.

É por isso que começo esta história sobre os caminhos percorridos das aproximações com o tema de pesquisa fazendo uso das próprias perspectivas e histórias com as quais me formei como pessoa. Estas experiências aqui contadas tanto na estrutura do texto quanto nas explicações me acompanharam até antes do ingresso no Mestrado.

Há alguns problemas sociais enfrentados no quilombo e dentre as muitas barreiras daí decorrentes, aquelas que impendem à continuação da trajetória escolar, deixa um retrato doloroso dessa falta de oportunidades. É muito comum que a maioria dos estudantes não ultrapasse o limite das séries finais do Ensino Fundamental. Se alguns dos jovens, que são remanescentes de quilombolas, desejam seguir estudando precisam migrar para outros lugares em busca de novas oportunidades.

Assim, esse roteiro de migração do lugar de nascimento, o berço afetivo, também pesou sobre a minha história. Tive de sair da comunidade em que nasci, enfrentando os muitos desafios para que eu pudesse dar continuidade aos estudos. Neste itinerário como retirante, também dói, não se pode negar, é que os mecanismos para essa migração têm um roteiro quase sempre inalterado: ainda na

infância, tive que sair do aconchego da casa de meus pais e ir morar de favor na casa de parentes na cidade.

Essa expressão “morar de favor” carrega em si uma quantidade enorme de significados e contornos. De um lado, há os sentidos que podem ser mais visíveis, como o trabalho nas atividades domésticas, mas também a saudade de casa, da família, o desamparo. Ainda mais quando nesta condição de retirante há uma menina, cuja condição feminina é ainda mais exposta ao trabalho doméstico.

Essa migração de jovens para os centros urbanos para dar continuidade aos estudos escolares pode ser um grande problema para o equilíbrio da vida no quilombo. A saída, como eu explico aqui, por ser sempre feita de modo forçado, retira, por isso, estes jovens da cultura praticada no dia a dia do quilombo. Assim, é como se houvesse uma contradição intrínseca neste itinerário do êxodo rural. Quem sai para estudar, pode, por tanto, compreender com mais anos de estudos, as próprias contradições do contexto que os fez sair do seio da comunidade. Também acabam tendo que conviver com essa perda, com uma ausência, com o peso da saudade vivida e sentida nos dias fora do convívio comunitário.

Aqui já se vislumbra como a ausência de uma autodeterminação das comunidades afeta muito a própria sobrevivência destas sociedades. A vida da cidade, mesmo quando estas cidades são limítrofes das comunidades, tem uma rotina que privilegia a ideia de indivíduo. É como se a cidade fosse uma comunidade de pessoas sem vínculo, sem afetividades como as que são mais vivenciadas e sentidas nas relações sociais da comunidade.

Há ainda o distanciamento deste mais jovem de suas tradições e dos seus familiares, forçando-os a construir outros tipos de relações sociais e culturais. Isso também contribui para uma perceptível sensação de prejuízo, que pode ser significativo para a permanência dessas tradições, uma vez que, o processo de socialização da cultura local é interrompido com a saída dos jovens, de modo que as tradições vão se tornando mais frágeis a ponto de algumas correrem o risco de deixar de existir.

Esses comentários tecidos aqui embora sejam, por natureza, muito pessoais, está intrinsecamente ligada a toda a minha história. Sou uma estudante que agora escrevo este texto, mesmo com todas as dificuldades inerentes ao processo criativo, por isso mesmo não posso olvidar, por coerência, que não cheguei a estas reflexões aqui apenas fazendo as leituras da formação acadêmicas.

Também devo reiterar que parte das inquietações que agora trato aqui, eu as percebi desde o contato com trabalhos na educação infantil, quando cursei o Magistério do Ensino Médio Profissionalizante no ano 2000. A esse contato inicial veio, em seguida, o ingresso no curso Normal Superior, que estreitou ainda mais o convívio e estudos na Educação Infantil. Também foi por esta época que comecei a ministrar aulas nessa etapa educacional. Assim, esses espaços foram construindo uma percepção pessoal que haveria relação intrínseca entre o brinquedo, brincadeira e cultura.

Com essas ideias na cabeça, com essas inquietações, continuei os estudos, agora já em nível de cursos de especializações *latu sensu* nas áreas de Gestão, Supervisão e Orientação Escolar e em Gênero e Diversidade na Escola. Nessa última, o trabalho final teve como título “A construção da identidade étnico-racial no ambiente escolar: reflexões e experiências a partir da Escola Municipal Descoberto”. Esse trabalho resultou em um artigo cujo objetivo estava na sensibilização em relação à autodeclaração dos alunos afrodescendentes da comunidade para que conheçam, protejam e valorizem a nossa história.

Assim, a formação pessoal e profissional foi sendo feita no sentido de desenvolver trabalhos que permitissem conviver e refletir sobre a infância e suas especificidades. Os motivos pelos quais surgiu o interesse em pesquisar essa temática foram suscitados nas vivências e na lida com crianças, educadores e demais pessoas que simpatizam e dedicam parte de seu tempo desenvolvendo algum trabalho com a temática da educação infantil. Essas experiências resultaram em oportunidades que foram imprescindíveis para a construção desses conhecimentos que foram entrelaçando as vivências com brinquedos e brincadeiras.

Em relação aos aspectos mais ligados à política de luta e resistência quilombola, também tive algumas experiências que conectaram essas ideias de pesquisa, aqui comentados, com os objetivos mais amplos de sobrevivência da comunidade. Assim, atuei como Secretária Geral da Associação de Remanescentes Quilombolas de Lajeado auxiliando na coordenação, direção, execução e fiscalização dos trabalhos da Diretoria, conforme deliberações das assembleias gerais; cumprindo e fazendo cumprir as decisões das assembleias e da Diretoria,

além de representar a comunidade sempre que se fazia necessário nos eventos em que discutissem temáticas de interesses coletivo do nosso povo¹.

Ainda no campo das experiências profissionais, sou servidora efetiva da Secretaria Estadual de Educação, Juventude e Esporte do Tocantins. Neste momento, atuo também como assessora da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Campo e Quilombola, dando apoio às escolas da rede estadual jurisdicionada à Diretoria Regional de Educação, Juventude e Esportes – DREJE de Dianópolis².

A atuação profissional feita como ofício laboral também não deixa de ser um momento de reflexão sobre as condições de oferta da escola para estudantes que são diversos entre si. O modelo de escola, mesmo com todas as ressalvas, ainda representa um distanciamento das condições objetivas da vida. A escola também é, por assim dizer, uma estrutura que parte de um pressuposto urbano de existência da vida, mesmo a escola desenvolvida na zona rural traz aspectos de um conteúdo essencialmente urbano.

No caso das condições objetivas da vida, referida aqui, é sabido que há uma consciência da precisão³ do respeito às diferenças e a necessidade de implantação de um currículo voltado para a construção e/ou afirmação identitária, que venha atender às particularidades de cada grupo, na prática, muitas vezes, não é o que realmente acontece. Ainda falando das tantas questões sociais, como o trabalho infantil, a precariedade das condições de moradia, o acesso a serviços de saúde, é preciso também insistir na necessidade de os educadores conhecerem as premissas das culturas e tradições de outros povos, como é o da cultura quilombola.

Num contexto como o do Sudeste do estado do Tocantins, onde se encontra a cidade de Dianópolis, por exemplo, é imprescindível que, tanto na rede estadual quanto municipal de educação, exista uma atenção aos aspectos da história e cultura quilombola. A educação, como um todo, precisa ser cada vez mais um espaço de valorização da diversidade cultural, para criar estratégias de um currículo multicultural⁴.

¹ O cargo de Secretária Geral faz parte da composição da Diretoria da Associação de Remanescentes Quilombolas de Lajeado.

² A DREJE é vinculada à Secretaria de Educação, Juventude e Esportes do Tocantins. Nesse espaço, minhas atribuições são acompanhar, sugerir e desenvolver ações relacionadas a essas modalidades de ensino nas escolas da rede estadual que estão jurisdicionadas a essa diretoria.

³ Termo utilizado com frequência pelos remanescentes da Comunidade de Lajeado como sinônimo da palavra necessidade.

⁴ Entende-se por currículo multicultural o currículo das escolas que trabalham questões que problematizam as diversidades sociais, de gênero e étnicas (Maclaren, 2007).

A escolha de brinquedos e brincadeiras da comunidade quilombola em que nasci como objeto de estudo, é, ao mesmo tempo, uma imersão no imaginário, na cosmologia da cultura de matriz africana, mas também um ato de imensa responsabilidade. Por isso, essa proposta de pesquisa parte, de modo inevitável, da minha própria experiência de vida. A noção do que significa *brinquedo* e *brincadeira* estão intimamente vinculadas à memória ancestral da comunidade e que, por isso mesmo, é o vínculo que conecta o imaginário das crianças. Por isso, há uma afetividade que permeia tanto a ludicidade quanto a existência do objeto de brincar.

1.2 Conceitos Iniciais

A criança chega à paisagem da Comunidade Quilombola de Lajeado chega a um lugar no mundo que a antecede. Os primeiros significados de vida são acessados no convívio com a família. No quilombo a noção de família extrapola o modelo nuclear, assim existe muitas pessoas que perpassam a vida da criança, em especial a presença dos anciãos.

A cultura oferece significados já instituídos, aos quais se atribui novos, a partir das experiências. Assim a criança vai dando significado às brincadeiras com objetivo de adaptá-las ao meio e ao tempo em que convive. Ela se diverte usando objetos da vida da comunidade em sua ludicidade, sob influências da cultura do local que integra seu cotidiano, evidenciando parte da sua cultura e seus valores.

Para Kishimoto (2002, p. 139), brincar é uma “atividade que a criança começa desde seu nascimento no lugar em que vive, seja no âmbito familiar ou institucional” e continua na vida adulta a partir de sua cultura. Assim, a brincadeira se constitui numa necessidade humana em que as ações subjetivas do brincar envolvem tanto a família, a escola, a comunidade.

Quando observamos uma criança, é difícil subtrair de seu comportamento o que está ligado à nossa presença de adulto. Assistimos à relação entre adulto e criança; não descrevemos uma natureza da criança, mas uma relação da criança com o adulto (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 463).

Brinquedos e brincadeiras se constituem, assim, parte da vida das crianças. A formação da noção de pessoa, de pertencimento e de valores também é constituída nas brincadeiras. Ainda assim, é perceptível, sobretudo na escola, que parte do corpo docente desconhece ou ignora o significado prático do que é realmente

brincar, e poucos dão valor às atividades lúdicas dentro das concepções pedagógicas.

Como os brinquedos também fazem parte da história da humanidade é evidente que tanto os brinquedos quanto as brincadeiras expressam as relações culturais, políticas e econômicas existentes na sociedade e relacionando as tais questões da realidade peculiar da criança. Por isso, a história dos brinquedos e brincadeiras está vinculada à história da infância. O historiador Philippe Ariès (1978) comenta as variadas visões de infância sobrevividas ao longo da história, baseando-se na ideia de que até o final do século XVIII era desconhecido que haveria alguma concepção teórica que garantisse que a criança era um ser social.

Mas é importante ter em mente que a história da humanidade não pode ser vista apenas pelo viés da cultura europeia. Por isso, retomando aqui a ideia de que a escola deve ter uma prática educativa ancorada no respeito e valorização da diversidade. Isso significa também, por exemplo, entender que há outras concepções de infâncias, de ludicidade e noções de mundo. Neste caso, não se pode deixar de mencionar a importância das brincadeiras de origem africana, porque é uma oportunidade de conhecer algumas perspectivas de sociedades ancestrais do mundo africano.

Neste sentido, é necessário trazer à tona o conceito de identidade cultural. Esse é um conceito que na discussão sobre brinquedos e brincadeiras é da maior importância. A definição de identidade cultural de um grupo passou a ser discutida com maior intensidade nos finais do século XX, época em que o tema ganhou visibilidade e expansão de discussões sobre de que maneira essa identidade desponta em diversos grupos sociais.

Hall (2004) comenta a definição sociológica moderna de identidade cultural. Diz o autor:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo social e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então costura (ou, para usar a metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura (HALL, 2004, p. 11).

Essa explicação de Hall (2004) também aponta para uma leitura sobre os impactos da globalização nos nossos dias. Esses impactos são mais negativos em

sociedades que estão à margem do centro do capitalismo. Parte destas decorrências é perceptível nos efeitos de homogeneização cultural. Por isso, uma das premissas inerentes ao trabalho de revitalização da cultura ancestral quilombola não é apenas para que as gerações presentes e futuras possam usufruir dos valores cosmológicos de matriz africana. Trata-se, sobretudo, de uma atividade de resistência à voracidade do capitalismo de mercado:

Assim chamada, “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2004, p. 7).

A cultura quilombola é o resultado tanto da ancestralidade africana quanto das lutas vivenciadas sob o jugo da lógica colonial e escravocrata. A continuidade desse imaginário é passada de geração em geração, todavia, neste contexto de homogeneidade próprio dos tempos atuais, a transmissão desta cultura enfrenta mais obstáculos. A presença da escola, por exemplo, já introduz novos elementos à prática da oralidade. Por isso, os brinquedos e brincadeiras que acompanham os quilombolas por gerações, pela via da oralidade, agora há a escrita.

Por essa razão, diante do quadro social de uma sociedade periférica, capitalista, orientada pelas regras e normas de mercado, aqueles valores ancestrais, como os que vivenciados nas brincadeiras de uma comunidade quilombola, vão ficando cada vez mais esquecidos e negligenciados. Como disse Hall (2004), essa afirmação da identidade cultural surge, portanto, de uma necessidade de continuar vivo, mesmo sob todas as dificuldades possíveis.

Então, a noção do que são brinquedos e brincadeiras está intimamente relacionada com as compreensões de infância, de família, de trabalho e aprendizagem. Mas como as discussões feitas por Hall (2004) apontam para modificações profundas nas sociedades, tanto a noção de brinquedo quanto de brincadeira modificou. Parte dessas mudanças foi produzida pela introdução dos brinquedos eletrônicos e as brincadeiras teleguiadas.

É aqui que se faz necessário entender de que modo essas alterações se refletem em brinquedos e brincadeiras dentro do contexto de uma comunidade quilombola. Para situar melhor este contexto, é preciso considerar que a cidade de Dianópolis a que esta comunidade pertence, no plano político e administrativo, está no sudeste do estado do Tocantins, estado formado a partir do então estado de

Goiás. Esta é mais uma das tantas cidades fundadas no período colonial cujo objetivo era a exploração mineral, em especial o garimpo de ouro.

Essas cidades eram fundadas como arraiais ou pequenos povoamentos, em que o trabalho de extração e garimpagem era feito pela mão obra escrava. Assim é que se formaram os povoamentos de remanescentes quilombolas, em sua maioria depois da promulgação da lei áurea. Diante disso, o tempo de convívio nestas comunidades, como as brincadeiras, era também um tempo de repassar os valores, reforçar os laços sociais e selar os compromissos em comum.

As autoras Marcella Brasil Furtado, Regina Lúcia Sucupira Pedroza e Cândida Beatriz Alves (2014) trazem algumas explicações sobre a formação dos quilombos no Brasil. Para estas autoras, a “manifestação típica da insubordinação negra foi o que se convencionou chamar de Quilombo” (FURTADO, PEDROZA e ALVES, 2004). Por isso é importante salientar que uma comunidade quilombola também é um exemplo de resistência. Para estas autoras ser quilombola é uma forma de sobrevivência e luta contra a escravidão. As pessoas se organizaram “em localidades distantes o suficiente para resistirem ao sistema escravista imposto, constituindo-se, assim, os quilombos, lugar de refúgio desses negros” (FURTADO, PEDROZA e ALVES, 2004).

Neste contexto de vivência entrelaçada pelos valores cosmológicos, pela relação com a terra, pelos laços sociais, a infância é a continuidade tanto da história da comunidade quanto da ancestralidade. Por isso, o papel das brincadeiras além de todas as funções lúdicas visíveis no ato de brincar, trazem em seu bojo o conforto afetivo, a resiliência e a resistência.

A cultura quilombola, por ser um espaço de trocas e compartilhamento de conteúdos simbólico-afetivos, e por se dar em relação a um contexto social, cultural e político específico, enfatiza as particularidades dos sujeitos que a constituem. É uma instância que preserva elementos culturais carregados de um passado histórico e social e que propicia um posicionamento subjetivo do sujeito ao reconhecer-se nesse passado (FURTADO, PEDROZA e ALVES, 2004).

Dentre os tanto desafios já decorrentes da condição de ser quilombola, como os que são identificados com os problemas de infraestrutura, demarcação da terra, está também a necessidade de manter viva a memória ancestral que sobrevive também nas brincadeiras. É como se houvesse um tipo de luta feita para manter os valores e os significados simbólicos da cosmologia quilombola. Isso acontece

porque, como observa Hall (2004), o imperativo da sociedade de mercado modificou também a produção e o destino dos brinquedos e brincadeiras, inclusive em lugares mais longínquos, como é o caso dos quilombos.

No contexto de uma sociedade de consumo houve transformações que originaram novas formas de produção e consumo de objetos, nos quais se embutiram valores e ideias que atestam um modelo de vida baseada apenas em possuir coisas, consumir desenfreadamente, coisificando as pessoas e as relações sociais. Além disso, na sociedade do consumo, o valor da oralidade, da fruição livre do tempo e da palavra dos anciãos de alguma forma foi arruinado pela imposição das mídias, especialmente as ditas mídias sociais.

Por isso, o peso do consumismo, método da sociedade de mercado, corrói duplamente os valores ancestrais das comunidades cujos laços sociais se fazem pela vivência humana contínua. De um lado, é inevitável que estas comunidades estabeleçam contato com a vida urbana, mesmo em pequenas cidades. Por outro lado, quanto mais a presença da sociedade de consumo se faz presente, tanto mais vai empurrando para o ostracismo as bases do convívio humano feito sob conceitos ancestrais.

A ação de compra passa, assim, a ser considerada como diversão para muitas pessoas e com as crianças não é muito diferente, ainda mais quando se trata de brinquedos. Precocemente, as crianças aprendem a consumir e ostentar produtos,

[...] crianças pobres bebem cada vez mais Coca-Cola e menos leite, o tempo de lazer vai se tornando o tempo de consumo obrigatório. Tempo livre, tempo prisioneiro: casas muito pobres não têm cama, mas têm televisão, e a TV está com a palavra... As mercadorias em oferta invadem e privatizam o espaço público. A cultura do consumo, a cultura do efêmero, condena tudo à descartabilidade midiática. Tudo muda no ritmo vertiginoso da moda, colocada a serviço da necessidade de vender [...] (GALEANO, 2007).

As mídias incentivam o consumo e expõem brinquedos da última geração, levando as crianças a desejar a possuí-los. Mesmo que o consumo não se efetive com tanta frequência, em parte devido ao estado de pobreza, mas a influência da propaganda afeta também as formas de lidar com os brinquedos e as brincadeiras que são típicas de cada comunidade. São profundas as mudanças trazidas pelos mecanismos de comunicação digital, que por serem tão sedutores, acabam por distrair e tomar a atenção tanto de jovens quanto de crianças.

Em relação ao estatuto legal, as crianças no Brasil contam dispositivos legais que protegem a infância. O Estado brasileiro reconhece as crianças como cidadãos que possuem direitos e que carecem de assistência, acompanhamento e proteção de maneira intensiva. Dentre os direitos, há o direito “à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1990).

A Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) garante que toda criança tem a necessidade e o direito de brincar, mais precisamente no artigo 15 e no inciso IV do artigo 16, em que o termo “brincar” aparece explícito no texto:

Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:
IV - brincar, praticar esportes e divertir-se (BRASIL, 1990).

Tal como está na lei, o ato de brincar tem um estatuto próprio que o torna um direito fundamental da infância. Assim, há o reconhecimento legal de que as brincadeiras podem ser também uma forma de expressão da cultura. Para a criança quilombola, no entanto, a brincadeira se constitui como uma relação com o tempo e o espaço em que a existência vai se imbricando na cultura como uma atividade lúdica.

É necessário dizer, portanto, que no contexto da comunidade quilombola o conceito exarado no texto da lei, de que o *brincar* é próprio da infância, já é um fato, porque a criança quilombola é percebida como um ente da comunidade que tem o direito de existir brincando. O tempo da infância no quilombo se realiza num ciclo em que os anciãos falam sobre as experiências da vida e a criança refaz a experiência da vida quando brinca. A criança e o ancião são, por isso, parte do mesmo ciclo de vida e da vida quilombola.

Considerando o brinquedo e a brincadeira como uma premissa para uma existência humana plena e livre é que se deu a motivação principal para este trabalho de pesquisa do qual este texto resulta. Além disso, este tema foi pensado também a partir da possibilidade de identificar e perceber as possíveis

ressignificações e leituras dos brinquedos e brincadeiras das pessoas da Comunidade⁵ de Lajeado⁶.

Uma vez concebido o tema para o estudo, se faz necessário o vislumbre em relação às possibilidades para a execução da pesquisa, o que foi possível a partir do acesso às bases de dados como o portal Scielo, Google Acadêmico páginas oficiais entre outros. Os estudos de Kishimoto (1994), Adriana Friedmann (1992), Johan Huizinga (2000), Gilles Brougère (2010), Walter Benjamin (1984), Arruti (2010), Munanga (1996), Malinowski (1975), Laraia (2014), Bá Hampaté (2010), Bosi (2012), Alberti (2000), Meihy (2002), Ferdinand Tonnies (1957), dentre outros teóricos ajudam a sustentar a argumentação construída neste texto. Estes autores, dentre outros, fala sobre brinquedos, brincadeiras, construção da identidade cultural, autonomia dos sujeitos. Todos estes temas ajudaram a seleção de autores, para que fosse possível construir um referencial teórico para sustentar a pesquisa.

Além dos marcos teórico, esta é uma pesquisa que parte também da concepção etnográfica para o trabalho de campo. O trabalho etnográfico é uma metodologia própria da antropologia que possibilita a quem pesquisa poder conviver, observar e *estar* presente no momento em que a vida acontece. Para esta proposta de pesquisa, portanto, a etnografia representa uma importante sustentação para que as observações feitas na vivência das brincadeiras, nas conversas com os anciãos, nas rodas de bate papo informal sejam amparadas numa metodologia respaldada em uma ampla tradição de trabalhos de campo.

Assim, o marco do trabalho etnográfico, como explica Roberto Cardoso de Oliveira (1996) é feito por três premissas básicas: olhar, ouvir e escrever. Para este autor, o *olhar* é a primeira experiência de pesquisa no trabalho de campo. Ouvir,

⁵ O Estatuto Social da Comunidade de Lajeado no Capítulo I do Art. 1º designa oficialmente o nome de Comunidade de Lajeado como: Art. 1º. A Associação de Remanescentes Quilombolas de Lajeado do Município de Dianópolis – TO, entidade jurídica de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político ou partidário, com a finalidade de atender a todos que a ela se dirigir, desde que preencham os requisitos do Decreto Presidencial nº. 4887 de 20 de novembro de 2003, independente de classe social, nacionalidade, sexo, raça, cor ou crença religiosa, com sede no município de Dianópolis, foro na Comarca de Dianópolis-TO, fundada em 18 de dezembro de 2011 é órgão representativo da comunidade, com prazo de duração indeterminado, que compreende que só poderão se associar residentes, ou seja, aqueles/as que exercem moradia habitual dentro da comunidade, bem como, às pertencentes das famílias Martins de Deus e Luiz Gualberto.

⁶ Apesar de alguns documentos (como por exemplo, o Estatuto da Associação da Comunidade), notícias, site de internet, entre outros constarem o nome Comunidade de Remanescentes Quilombolas de Lajeado neste trabalho prefere-se usar o termo “Comunidade de Lajeado”, considerando as falas dos sujeitos da pesquisa.

portanto, já seria o seguinte passo, isso significa que para ouvir é preciso ter uma dupla aceitação, uma de que a pessoa da pesquisa é recebida e pode ouvir as histórias e a outra que incide sobre o ato de ouvir: é preciso se preparar para ouvir. Já a escrita como ato criativo, que traz em si tanto os esforços de relatar as tantas cenas e acontecimentos vividos na experiência de pesquisa quanto o vigor e pujança da linguagem. A escrita é tanto a forma, o estilo, quanto o conteúdo que é produto da pesquisa.

Para esta pesquisa em que a pesquisadora é parte da comunidade na qual o trabalho acontece, a etnografia representa a possibilidade de que o registro seja considerado dentro de uma perspectiva segundo a qual os laços afetivos, as relações humanas, o traço do pertencimento sejam ainda mais valorizados como instrumentos interpretativos da pesquisa e das conclusões, porque foco do trabalho etnográfico também é a condição humana do grupo onde se desenvolve a pesquisa.

1.3 Brinquedos e brincadeiras

Além da necessidade, todas as crianças tem o direito de brincar, essa especificidade está garantida na Lei. O ato em si de brincar não se restringe meramente ao brinquedo, ao material utilizado, à situação em que se brinca. Brincar é uma maneira subjetiva em que a criança extrapola os limites do real, podendo assim, numa fração de tempo, viajar em dimensões em que as fronteiras da realidade e do imaginário se conectam, se alternam, se interpõem ou se misturam. Se o ato de brincar é feito com uma única criança e seus brinquedos, a imaginação transforma e anima a natureza dos objetos da brincadeira.

Para Benjamin (2004), circula entre um povo e seus brinquedos um diálogo mudo que, contudo permanece aberto a decifração. O brinquedo é compreendido como um objeto que é utilizado numa brincadeira. Objeto este que chama atenção da criança independentemente do tamanho ou da qualidade do mesmo, e funciona como apoio de brincadeira, enquanto a brincadeira resulta na ação que a criança desenvolve.

Os brinquedos como define Brougère (2001, p.105), “orientam a brincadeira, trazem-lhe a matéria. [...] Só se pode brincar com o que tem, e a criatividade, tal como evocamos, permite, justamente, ultrapassar esse ambiente, sempre particular

e limitado”. Em concordância com Brougère, o brinquedo é o objeto da brincadeira. É o objeto que dá suporte à brincadeira ou ao jogo, diz Kishimoto (2011).

Ao produzir um brinquedo uma representação é transformada em objeto, numa imagem na qual o adulto indica definições e sentidos à criança, por meio de significações culturais advindas da sociedade.

Brougère (2001) ressalta que um brinquedo é a “materialização” de algo projetado para as crianças pelos adultos. Quando um adulto escolhe um brinquedo para uma criança, encontra nesse artefato algo que vai despertar o interesse daquela criança.

É evidente que os brinquedos enquanto objetos de cultura tem a possibilidade de criar, produzir e modificar sobre elementos de diferentes esferas culturais e sociais. Os brinquedos possuem a própria história, da mesma maneira como se pode conhecer um pouco da história de povos por meio dos brinquedos. Sua criação, produção, comercialização e modos de representação incluem com diversas formas culturais. Para Friedmann (1992, p.96) a “brincadeira tem um papel especial e significativo na interação criança - adulta e criança - criança. E pela brincadeira, as formas de comportamento são experimentadas e socializadas”.

A brincadeira desempenha uma função social, pois amplia o lado intelectual e possibilita chances para que as crianças criem e vivenciem situações emocionais e conflitos sentidos no cotidiano de toda criança.

Por meio das brincadeiras as crianças podem ampliar as sua capacidade de criar outras brincadeiras, que possibilite meios do desenvolvimento das brincadeiras nas experiências pela troca com outra criança ou com um adulto. Para Huizinga (2000), o brincar, deve caracterizar liberdade para as crianças irem muito além das suas fantasias, deve ser uma atividade voluntária e quando a brincadeira é imposta isso o torna sem interesse, deixa de ser uma brincadeira. É no momento da brincadeira que as crianças descobrem o modo de pensar e agir do outro, aprendendo assim uma maneira mais rápida para a troca de ideias e o respeito pelo outro. Na ocasião elas aprendem brincando e ensinam algo de sua vivência, procedendo na interação do aprender.

Quando a brincadeira se desenrola em conjunto, em que existam mais crianças ou em espaço aberto, normalmente o privilégio é para as brincadeiras de movimentação. As corridas, o pique-esconde, algumas lutas, o jogo de bolas, subida

em árvores. As brincadeiras coletivas também, como que num ato mágico, enredam todas as crianças num determinado roteiro em que se fundem tempo e espaço.

Os termos brinquedos e brincadeiras remetem a infância mesmo havendo pesquisas realizadas sobre o surgimento que comprovam que “brincar” também era ato praticado por adulto e até animais. Nas pesquisas desenvolvidas por Huizinga (2000) e Brougère (2001; 2004), indicam que as brincadeiras foram atividades com nomes e objetivos que se diferem de acordo o tempo e cultura, e que estão presentes na vida de todos os seres humanos.

Assim, este tema é importante para a pesquisa porque, como venho argumentando, traz tanto elementos relevantes para os estudos em educação quanto para as ciências sociais. Além disso, no atual contexto histórico em que vivemos em que já é possível, como explica Hall (2004), perceber os impactos da globalização em sociedade tão afastadas dos grandes centros, como uma comunidade quilombola.

Assim, estabelecemos como questão orientadora da pesquisa: **que saberes tradicionais estão presentes nos brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações⁷ da Comunidade Quilombola de Lajeado?**

Na esteira da busca por resposta(s) para essa questão, estabelecemos como objetivo geral: **analisar saberes tradicionais que se manifestam nos brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações e integram a vida da Comunidade Quilombola de Lajeado.**

A fim de guiar a busca de resposta(s) à pergunta que move a investigação elaboramos os seguintes objetivos específicos:

- **Identificar brinquedos e brincadeiras em diferentes gerações na Comunidade Quilombola de Lajeado.**
- **Verificar a permanência e as mudanças em relação aos brinquedos e às brincadeiras em diferentes gerações.**
- **Conhecer o modo de produção de brinquedos e o desenvolvimento de brincadeiras em diferentes gerações na Comunidade Quilombola de Lajeado.**

⁷ Cada grau de filiação de pai a filho; conjunto de pessoas nascidas em um mesmo período (Dicionário On line Aurélio).

- **Reconhecer saberes tradicionais presentes nos brinquedos e brincadeiras em diferentes gerações na Comunidade Quilombola de Lajeado.**

Uma vez que este estudo se desenvolve a partir do Programa de Pós-Graduação Profissional Stricto Sensu em Educação - PPPGE, tem-se a necessidade de apresentar um produto, assim nos dispomos a elaborar um documentário a partir das percepções observadas contendo saberes tradicionais presentes em brinquedos e brincadeiras que integram a vida da Comunidade Quilombola de Lajeado, a fim de ser disponibilizá-lo à comunidade, à escola e à Secretaria Municipal de Educação de Dianópolis, TO.

2 O BRINCAR COMO METODOLOGIA DA VIVÊNCIA.

Uma pessoa que faz um trabalho de pesquisa em seu contexto familiar corre o risco de se perder em suas próprias memórias, mas assume a responsabilidade de falar dos seus, sobretudo quando se tratam de estudos em comunidades de remanescentes de quilombo, mesmo porque a grande maioria dessa população carece de elevação de seu grau de escolarização – poucos são os que conseguem chegar a programas de mestrado e muito menos de doutorado. A responsabilidade aumenta porque o que se trata de algo escrito que será visto como instrumento para o fortalecimento da identidade quilombola e dos valores da comunidade.

A Comunidade, como bem aponta Tönnies (1957) é o lugar onde os indivíduos permanecem unidos apesar das separações. Não é esse o assunto desse trabalho, contudo, na Comunidade que se organiza um mundo particular, quando se constituem os grupos e, no cerne deles, laços de amor, amizade, afeto, conflitos, partilhas, atos de cuidado, inclusão, exclusão e outros. É ainda nesses grupos, que os brinquedos e brincadeiras são organizados segundo desejos e necessidades das pessoas, dentro dos limites próprios desse espaço-tempo disponíveis às atividades espontâneas.

As afinidades que se formam a partir das brincadeiras estabelecem uma sequência de acontecimentos que consegue desvendar, ainda, demandas relacionadas ao gênero, à etnia, à classe social e às relações de poder, interferindo nas interações entre os indivíduos do grupo, seus atos e o próprio fato da brincadeira.

A atribuição do pesquisador é exatamente a de dedicar grande parte de seu tempo estudando em prol de resultados que de alguma forma vai impactar a vida das pessoas a partir da pesquisa. Como diz Lüdke e André, (1986, p. 1-2),

para realizar pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados [...] ele é fruto da curiosidade, da inquietação, da inteligência [...] esse mesmo conhecimento vem sempre e necessariamente marcado pelos sinais de seu tempo, comprometimento, portanto com sua realidade histórica (Lüdke e André, 1986, p. 1-2).

O que se propõe neste trabalho é uma reflexão a respeito dos brinquedos e brincadeiras como prática cultural, educativa e aspecto lúdico na vida das pessoas da Comunidade de Lajeado.

Neste estudo de campo, foi pesquisada identidade que por vezes se julgava desaparecida pós-abolição da escravização, além de ser julgada pelo modo diferente da lida, de acesso a terra e modos peculiares de fazer, criar, viver e conviver com os demais do grupo. Nesse contexto, esta seção se estrutura na perspectiva que o percurso percorrido nesta investigação científica seja compreendido por qualquer leitor.

Com vistas em buscar as melhores técnicas e agrupá-las na trilha de respostas ao objetivo da pesquisa que é analisar saberes tradicionais que se manifestam nos brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações e integram a vida da Comunidade Quilombola de Lajeado, definiu-se como base epistemológica e abordagem de pesquisa a etnografia, o que se justifica devido às peculiaridades dos objetos de estudo. Segundo Severino (2007, p. 11), “[...] a pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia a dia em suas diversas modalidades. Trata-se de mergulho no micros social, olhado com uma lente de aumento”. Dentre as variadas possibilidades metodológicas de investigação, a escolha da etnografia como campo teórico-metodológico apresentou a possibilidade de conjugação com a história oral, que é um dos métodos mais usados em pesquisas sobre memórias, uma vez que dar possibilidade a registros de um passado que o presente não permite. Tem como técnicas de produção de dados leitura, observação participante, rodas de conversas e oficinas intergeracionais de brinquedos, constituíram as reflexões acerca das prosas, substanciada em uma abordagem qualitativa, natureza básica e exploratória. Com a opção desses campos metodológicos o desenvolvimento do trabalho se torna um esforço afetivo, intimista e prazeroso.

2.1 O corpo brincante em campo: dados os primeiros passos etnográficos como lógica da investigação

Quando é o dia que ocê sai, esse dia pra mim é um incômodo, é porque sou moca, quando eu falo que sou moca Joaquina fala: _não minha mãe é porque “ansê” é amorosa, pra mim, óia minha fia eu digo a ocê a qualquer hora, tem gente que tem mágoa de outro e se for um pecado, esse eu sei que eu não tenho e se for uma bem-

aventurança eu não alcanço. (Guilhermina, anciã da Comunidade, durante uma conversa informal em junho de 2019)

O motivo do objeto de pesquisa ser os brinquedos e as brincadeiras da Comunidade se deu também ao fato de que ao ingressar no Mestrado, me vi com o compromisso de falar da comunidade de meu nascimento e por isso, nascia ali uma oportunidade de contribuir na visibilidade da história dos povos do Lajeado, considerando que a pesquisadora é remanescente quilombola dessa Comunidade.

Como é apresentado na proposta desse trabalho, a conjugação de duas metodologias e seus métodos de pesquisa foi fundamental para inserção no tema estudado, produção, análise e apresentação de dados.

A compreensão sobre a etnografia percorreu caminhos idealizando-a como metodologia que “observa-se os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem”. Além de “documentar, monitorar, encontrar o significado da ação” (MATTOS, 2011, p. 51).

Para as autoras Judith L. Green, Carol N. Dixon e Amy Zaharlick (2005, p. 25), a “etnografia é um processo complexo que envolve a descrição escrita de um grupo social”, de maneira tal que “tais descrições se transformaram e conseqüentemente se caracterizaram como mais sistemáticas e científicas no século XX”.

Malinowski define a etnografia como método por excelência da Antropologia, e que implica a observação participante como relevante produção de dados à produção e captação de informações à pesquisa, a partir da interação com o “outro”, bem como a uso de um método científico pautado na etnologia como necessários para o registro e interpretação das informações obtidas em campo (MALINOWSKI, 1978, p. 27).

Nesse sentido, a perspectiva etnográfica tem como objetivo guiar o pesquisador na construção de um olhar sensível para algo que já é natural nas vivências culturais de determinado grupo. Seguindo essa ideia, busca-se perceber os pequenos detalhes, desnaturalizar o que já se vê de maneira natural, desvendar o que há nos intervalos, pois a pesquisa etnográfica busca “dar visibilidade às práticas diárias, comumente invisíveis, de um grupo cultural, além de fazer com que essas práticas familiares ou ordinárias se tornem estranhas (isto é, extraordinárias)” (GREEN; DIXON; ZAHARLICK, 2005, p. 29).

[...] a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade (frequentemente escolhidos, por razões teóricas e práticas, mas que não se prendem de modo algum à natureza da pesquisa, entre aqueles que mais diferem do nosso), e visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles (LÉVI-STRAUSS, 1989a, p. 14).

O autor ressalta alguns aspectos que definiriam a etnografia, sendo a observação e análise de grupos humanos em suas subjetividades. Laplantine (1988, p. 25) relata que, para Lévi-Strauss, a etnografia é a coleta direta e considerada mais minuciosa, dos aspectos que são observados, por uma impregnação duradoura e contínua, um processo que se realiza por aproximações que sucedem dia após dia. Esses fenômenos podem ser alcançados tomando-se notas, contudo também por meio de registro sonoro, fotográfico ou cinematográfico.

Para Goldman (2006, p. 167),

o cerne da questão é a disposição para viver uma experiência pessoal junto a um grupo humano com o fim de transformar essa experiência pessoal em tema de pesquisa que assume a forma de um texto etnográfico. Nesse sentido, a característica fundamental da antropologia seria o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal. E por isso, penso que a alteridade seja a noção ou questão central da disciplina, o princípio que orienta e inflete, mas também limita, a nossa prática. Parte da nossa tarefa consiste em descobrir por que aquilo que as pessoas que estudamos fazem e dizem parece-lhes, eu não diria evidente, mas coerente, conveniente, razoável. Mas a outra parte consiste em estar sempre se interrogando sobre até onde somos capazes de seguir o que elas dizem e fazem, até onde somos capazes de suportar a palavra nativa, as práticas e os saberes com quem escolhemos viver por um tempo. E, por via de consequência, até onde somos capazes de promover nossa própria transformação a partir dessas experiências.

Pesquisar com os demais interlocutores da Comunidade de Lajeado foi considerado para mim um desafio, devido eu ser uma integrante da comunidade. Durante a pesquisa de campo a convivência com os participantes tornou uma ocasião de partilhas de vivências e ao mesmo tempo de encontros etnográficos que são abarcados por subjetividades e nuances contextual (CLIFFORD, 2002).

O etnógrafo analisa as diversas maneiras pelas quais os sujeitos sociais se relacionam uns com os outros em meio aos “eventos, momentos, ações e atividades que constituem as situações sociais da vida diária” (GREEN; DIXON; ZAHARLICK, 2005, p. 39). Nesse grupo, os membros podem diferir na explicação das ações e eventos, porque têm um acesso individualizado às distintas aparências da vida social.

Pela interação, o etnógrafo se esforça em participar como membro do grupo pesquisado para entender o que aqueles sujeitos sociais sabem, produzem e entendem sobre as suas próprias vivências. Desse modo, ele procura evidenciar os princípios das práticas do dia a dia, dando visibilidade àqueles fatos que normalmente são invisibilizados simplesmente por serem tão naturais para aquele grupo cultural. Ao observar essas práticas, o etnógrafo busca compreender “as consequências do senso de pertencimento e como o acesso diferenciado dentro de um determinado grupo modela as oportunidades de aprendizagem e participação” (GREEN; DIXON; ZAHARLICK, 2005, p. 29).

Um “aspecto essencial à tarefa do etnógrafo [...] é a necessidade de identificar como os membros de um grupo social *nomeiam* e *categorizam* seu mundo” (GREEN; DIXON; ZAHARLICK, 2005, p. 30). O etnógrafo deve evitar colocar o ponto de vista de outro sobre o que está sendo observado. Contudo, o pesquisador deverá conseguir informações suficientes para identificar princípios e práticas que caracterizam culturalmente o grupo em questão. Isso se torna um desafio especificamente no meu caso que sou uma pessoa imbricada no campo da pesquisa por ser filha da Comunidade.

Com base nesses princípios compreende-se que uma metodologia que abarque o estudo de povos quilombolas e dos fatos que se remetem às relações entre os indivíduos, sua cultura e subjetividade compreendida em seu caráter de construção social, deve ser elaborada na relação entre pesquisador, objeto e sujeitos pesquisados por uma metodologia qualitativa, por meio da pesquisa etnográfica. Esse aspecto conduziu para optar pela pesquisa qualitativa, por ser a que melhor configurou as investigações realizadas, na proporção em que buscou compreender sujeitos em determinado grupo social, o que justifica também dada às peculiaridades do objeto deste estudo: brinquedos e brincadeiras.

Na visão de Alami, Desjeux e Garabuau-Moussaoui (2010), a abordagem qualitativa é um trabalho de fazer aparecer, de descobrir e revelar, juntando miúdas pinceladas às totalidades do quadro social, do sistema de ação ou da dinâmica social pesquisada. Nessa mesma discussão, Oliveira (2014, p. 37) afirma que a abordagem qualitativa “é um processo de reflexão e análise da realidade por meio da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada o objeto de estudo ou fenômenos em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. Nesse ponto de vista, a abordagem qualitativa promove a concepção dos

fenômenos e hipóteses levantadas, com o intuito de revelar certos processos sociais e colaborar para a concretização de mudança de concepções e comportamentos.

A pesquisa de campo na perspectiva qualitativa consiste numa visão holística dos fenômenos, atendendo tudo o que o compõe, isto é, suas interações e influências recíprocas Gatti (2007).

Sobre o caráter qualitativo, Vergara (1997) assegura que pesquisas qualitativas buscam os fatores sociais por meio da compreensão e interpretação dos significados humanos e seus processos de construção social.

De acordo o pensamento de Costa (2012) a pesquisa qualitativa “está interessada em descobrir e observar os fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los”. O pesquisador é responsável pela qualidade interpretativa das informações, assim, colaboraram para o desenvolvimento das análises sugeridas nos objetivos.

Quanto aos objetivos da pesquisa, estes foram compreendidos na perspectiva exploratória, pelo fato de proporcionar maior familiaridade com o problema, bem como realizar observação das experiências práticas das pessoas com brinquedos e brincadeiras na Comunidade de Lajeado.

Dessa forma, o fato de ter escolhido investigar sobre os saberes tradicionais em uma comunidade quilombola, especificamente a do Lajeado, as noções construídas por mim estão vinculadas com a própria realização da pesquisa e a construção do conhecimento proposto. Destaco ainda que tais ideias foram percebidas como complexas, dinâmicas e possíveis diante das inter-relações estabelecidas entre pesquisadora, teoria e interlocutores da pesquisa.

Logo, passa-se a abordar sobre história oral enquanto forma de acesso ao vivido, conceito essencial nesse estudo, uma vez que o vivido do grupo social em questão, por não se valer de registros e documentos, depara em conhecimento por meio da memória.

2.1.1 Da experiência etnográfica à história oral: prosas da memória

O motivo pela escolha também da história oral na presente pesquisa deve-se ao fato da mesma constituir em uma das formas de conhecimento às narrativas sobre o passado e o vivido das pessoas.

Analisar os saberes tradicionais que se manifestam nos brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações e integram a vida das pessoas do Lajeado nesse contexto, compreendia prover a história de diferentes momentos de diversão dessa comunidade quilombola sob a perspectiva da memória. No entanto, para analisar esses saberes tradicionais, percebe-se a necessidade de visitar brevemente o contexto histórico da história oral.

A história oral é uma das metodologias utilizadas para pesquisar sobre lembranças, visto como permite fatos de um passado impossível de tornar acontecer. Para Alberti (2000, p.1) “a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado”. Para o autor, a partir de relatos de indivíduos, memórias e elementos que forma a subjetividade, podia-se arriscar reconstruir fatos, épocas e histórias, que, entendidos coletivamente, colaboravam na apreensão de acontecimentos do tempo presente.

Os registros em diários durante a inserção em campo possibilitaram o desenvolvimento da observação participante, rodas de conversas e oficinas intergeracionais em profundidade, sob o método da história oral. Essas técnicas exigem a interação entre o pesquisador com o depoente que, nesse caso, passa a ser considerado um participante ativo dessa investigação. Ao dar voz aos sujeitos que não se fariam ouvir, “a história joga luzes nas lembranças objetivadas”, instigando “o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções” (Meihy, 2005, p.75).

Meihy (2005) explica que, existem três tipos principais de história oral: a história oral de vida (também conhecida por relato), a história oral temática (também chamada de depoimento) e a tradição oral. Meihy (2005) ainda acrescenta que a história oral temática é quase sempre utilizada como técnica de produção de dados por ser a que mais permite articular diálogo com outros documentos e outras fontes de coleta, além de partir de um assunto – ou tema - específico e previamente constituído para apreender uma versão da temática elaborada pelo entrevistado.

Neste sentido acredita-se que o uso da história oral colaborou em dar voz aos excluídos, no sentido de pessoas comuns da sociedade com testemunhos que refletem emoção. Ao analisar características da etnografia e história oral percebeu

que os elementos que direcionam contribuiriam com a perspectiva qualitativa, quando o objeto de pesquisa que é brinquedos e brincadeiras.

2.2 Síntese do caminho trilhado

Uma vez que a metodologia é parte integrante da pesquisa, produção de dados e informações foi realizada por meio das seguintes técnicas: leituras, observações, rodas de conversa, e oficinas intergeracionais.

Na primeira etapa foi realizada estudos, elaboração de referencial teórico e metodologia. Para compor um consistente trabalho, recorri a fontes escritas como livros, periódicos, teses e dissertações. Em todo caso, utilizei como marcadores algumas palavras e conceitos como *brinquedos*, *brincadeiras*, *cultura*, *dança*, *reza*, *manejo de animais de criação*, alimentos tradicionais quilombolas. A busca ajudou na referenciação e suporte para a elaboração e a escrita desta dissertação.

Para tanto, o *lócus* da pesquisa para realização das atividades de campo foi a Comunidade Quilombola de Lajeado, situada na zona rural do município de Dianópolis - TO. O primeiro contato com a Comunidade para falar sobre a proposta dessa pesquisa e pedir autorização do grupo para desenvolver a mesma, foi à participação em uma reunião da Associação de moradores. A reunião realizou-se no dia 8 de setembro de 2019, contou com a participação de 29 remanescentes quilombolas, além de outras pessoas que moram nos arredores da Comunidade.

Na primeira reunião me apresentei enquanto mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Tocantins – UFT falando da alegria por ter sido aprovada para cursar uma especialização *Stricto Sensu*, destacando os trabalhos de pesquisa já realizados junto à Comunidade. Apresentei a proposta do estudo, destaquei como ele seria dirigido ressaltando o compromisso ético nesta condução, expus como seria feita a escolha das pessoas, além de expressar o compromisso em dar um retorno de todo o trabalho produzido para a Comunidade de Lajeado. Após esse momento, por unanimidade a assembleia votou a favor do desenvolvimento da pesquisa, se colocou a disposição para colaborar no processo, e falou, sobretudo de como estava felizes pelo fato de mais uma integrante da Comunidade se interessar em realizar pesquisa em nível de Mestrado escolhendo a própria Comunidade como campo de pesquisa. Além do mais falou da expectativa que a história do nosso povo tivesse a oportunidade de ser

divulgada na academia. A maioria das falas havia ponto de vista de divulgação e valorização da história e cultura local.

Os contatos com as pessoas da Comunidade de Lajeado em relação à pesquisa foram marcados por uma boa receptividade, por relações de afetividade, não havendo recusa e/ou antipatia frente a mim. O fato de eu ser também remanescente quilombola daquela Comunidade proporcionou certa facilidade ao longo desse trabalho.

A segunda etapa está organizada em 3 fases. A primeira, observação participante, instrumento metodológico que possibilitou a interação entre mim e as pessoas com as quais eu havia contatado como participantes diretos da pesquisa. É importante destacar que a observação participante é um “[...] estilo pessoal adotado por pesquisadores de campo que após serem aceitos na comunidade a ser estudada, utilizam diversas técnicas para coletar os dados e estudar o grupo” (ANGROSINO, 2009, p.34). De forma precisa, Oliveira (1996) propaga que:

Apesar de essa observação participante ter tido sua forma mais consolidada na investigação etnológica, junto a populações ágrafas e de pequena escala, tal não significa que ela não ocorra no exercício da pesquisa com segmentos urbanos ou rurais da sociedade a que pertence o próprio antropólogo. Dessa observação participante, sobre a qual muito ainda se poderia dizer, não acrescentarei mais do que umas poucas palavras; apenas para chamar a atenção para uma modalidade de observação que ganhou, ao longo do desenvolvimento da disciplina, um status alto na hierarquia das ideias-valor que a marcam emblematicamente (OLIVEIRA, 1992, p.30-31).

Meu local de pouso na Comunidade foi a casa da mamãe e do papai, ele e ela sempre me recebe com tanto afeto e carinho que a casa em quem moram por um nada não vira um espaço mágico para mim. À medida que o tempo passava cada dia eu ia para casa de um dos interlocutores, vivenciar brincadeiras e conversar de modo informal (individual e coletiva) sobre o objeto de pesquisa. Acompanhei e participei de atividades do cotidiano que de alguma forma foi evidenciado situações que envolvia brinquedos e brincadeira. A observação ocorreu também de maneira individual, no momento em que foi observada a relação da pessoa com o brincar sem a minha intervenção, nem direta ou indiretamente. A observação no campo de pesquisa foi participante, considerando as três etapas do trabalho etnográfico descrita por Oliveira (1996): olhar, ouvir e escrever.

Os brincantes mencionaram sobre suas concepções de interação, criação e diversão relacionadas aos brinquedos e brincadeiras. As observações participantes

realizadas me ajudaram a compreender melhor como os saberes tradicionais se manifestam nos brinquedos e brincadeiras do grupo. Assim, as observações em campo foram do tipo participante, e em equipe, a fim de obtenção de informação do assunto determinado (MARCONI; LAKATOS, 2010). Teve como foco compilar “o comportamento e as atividades dos indivíduos no local de pesquisa” (CRESWELL, 2010, p. 214) onde pude vivenciar junto com meu povo quilombola os valores, crenças, mitos, saberes, fazeres e processos educativos. E pelo relato oral perpetuam a história e a ancestralidade por meio de transmissões de saberes e conhecimentos entre gerações ao tempo em que resistem aos movimentos históricos de dominação.

Um obstáculo que poucas vezes surgiu nessa fase foi quanto a participação inicial de alguns sujeitos (anciãos) da pesquisa. Como aceitaria participar de uma pesquisa cujo foco principal é o diálogo com experiências pessoais sobre brinquedos e brincadeiras? Dizia Delzuíta: *“Oh mia fia, eu num lembro mais das brincadeiras não, faz tanto tempo isso!” (Durante uma conversa informal em fevereiro de 2020).*

Na segunda fase dessa etapa foram realizadas (6) seis rodas de conversas com duração de aproximadamente duas horas cada uma. A escolha por rodas de conversa como técnica de pesquisa se deu pelo fato de ser diferenciada por ser “uma proposta dialógica que visa relacionar cultura e subjetividade” (AFONSO, ABADE, 2008, p. 19).

Nesse arranjo conceitual, e considerando a inspiração na metodologia da história oral, a roda a que menciono é uma roda para prosear, em que há a necessidade daquela forma de dialogar em que todos falam, interagem, ouvem si mutuamente. Segundo Paulo Freire (1987, p. 78), “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. Sobre prosear entendo como Freire (1987, p. 67), “a maneira de conversa dos homens, a sua forma de ser, [...] vão registrando expressões do povo, sua linguagem, suas palavras, sua sintaxe, que não é o mesmo que sua pronúncia defeituosa, mas a forma de construir seu pensamento”.

Diante disso, foi estruturado um roteiro (Apêndice A) com dez questões, com base na consecução dos objetivos da pesquisa. A elaboração do roteiro semiestruturado, de acordo Alberti (2005, p.83), deve constar todos os requisitos importantes para a pesquisa, principalmente “as questões que impulsionaram a pesquisa”. Com isso, tanto a observação participante quanto as rodas foram

conduzidas por um roteiro semiestruturado elaborado pela a pesquisadora, seguindo as orientações básicas da história oral destacados por Thompson (1992): deve ser simples, direto e em linguagem comum; evitar perguntas complexas e de duplo sentido e perguntas diretas que expressam a opinião do pesquisador.

Após propositalmente planejar e organizar as rodas de conversas visitei à casa de cada um dos sujeitos da pesquisa para fazer o convite expresso verbalmente. Ao convidar para a primeira roda de conversa com as pessoas da 4ª geração, que foram as crianças pedi para que cada um levasse um brinquedo. A Yasmim arregalou os olhos, me abraçou com afeição de alegria e disse: - *Oba!! Só que a maioria dos meus brinquedos sou eu que faço (Durante uma conversa informal em dezembro de 2020).*

Todas as rodas de conversa aconteceram nos quintais ou nos terreiros da casa de um dos interlocutores, visualmente nem sempre era visto num formato de uma roda devido o formato dos bancos e tamboretas. Esses tipos de assento é um dos signos que indica a roda em relação com os demais signos que estruturam e colocam em funcionamento como alguém que o convoca e coordena seus participantes e a pauta.

Durante a condução das rodas medieei as prosas e ouvi atentamente as experiências sobre brinquedos e brincadeiras das pessoas, se brincam/brincavam meninos e meninas juntos; qual é/era a participação da família; dia exclusivo para brincar; local; com que, como e quem confecciona/confeccionava os brinquedos; se existe/existia alguma brincadeira proibida; sobre as diferenças do modo de brincar entre as gerações; além de brincar e prostrar sobre a permanência e outros quesitos relacionados ao objeto de pesquisa. As rodas de conversas foram realizadas com grupos da mesma geração e intergeracionais, com a finalidade de ocorrer a interação.

As informações obtidas foram aceitas por mim e a interação entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa, pelo fato de serem técnicas realizadas também em grupo, todas se deram em situação de vivência e diálogo.

Nessa discussão não quer dizer que se trata de um procedimento diretivo e fechado em que se opta por perguntas e respostas. Antes, é uma discussão que prioriza os assuntos específicos para os quais os participantes são incentivados a dar opiniões (IERVOLINO; PELICIONI, 2001). As opiniões expressas nesses momentos e os temas propostos foram discutidos pelos participantes sem se

preocupar em entrar em consenso, dando margens para as opiniões convergirem ou divergirem, gerando debate, risadas, alegria. A responsabilidade foi da pesquisadora em garantir a participação do grupo atendendo aos critérios que compõem a discussão.

Na terceira fase dessa etapa realizou-se (2) duas oficinas intergeracionais de brinquedos. A esse respeito Candau (1995) no “Texto da Rede Nacional de Direitos Humanos” assegura que “interação e troca de saberes a partir de uma horizontalidade na construção do saber inacabado”. A autora acredita no potencial de mudança no contexto das oficinas, considerando uma ação educativa apropriada a qualquer profissional de qualquer nível sociocultural.

Afonso conceitua o termo oficinas a diversas situações e que procede em trabalho de grupo

um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir. (AFONSO, 2006, p.9).

O termo intergeracional menciona-se a convivência e a interação entre pessoas de diferentes gerações para Teiga (2012), o conceito está ligado às relações sociais, e não restringe a idosos e crianças, podem acontecer em qualquer lugar que tenha pessoas de diferentes gerações, como no trabalho, na família, entre mãe, filho e avó, num lar de idosos, onde pode haver pessoas de 60, 70 e 90 anos.

As oficinas intergeracionais de brinquedos aconteceram em quintais e terreiros de alguns dos interlocutores da pesquisa. Com a proposta de confecção, os participantes apresentaram materiais e técnicas que são comumente utilizados na produção dos artefatos das brincadeiras.

Nas oficinas compareceram pessoas das (4) quatro gerações. A primeira oficina era um desafio para todos os presentes, causando expectativa nos envolvidos. Como previsto, primeiro os participantes foram reunidos em uma roda de conversa para que fosse contada a história do brinquedo, com intuito de haver uma maior aproximação intergeracional. Após esse momento iniciou-se a demonstração de materiais e técnicas de confecção. Os anciãos demonstravam-se incerteza quanto o que fazer e dizer, mesmo diante de um grupo conhecido. Ao perceber essa dificuldade inicial posicionei perto da pessoa que estava realizando a demonstração para tranquilizá-la.

Os participantes tiveram a oportunidade de rememorar os brinquedos que fazem parte de suas vidas confeccionando ou contribuindo na confecção de um. As técnicas utilizadas para produção de dados tiveram início a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B) e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE (Apêndice C), indicando as garantias éticas aos participantes da pesquisa. As dúvidas que surgiram pelos depoentes acerca desses documentos foram esclarecidas antes do início da produção de dados.

Tendo o consentimento dos participantes, as experiências observadas e vivenciadas e o que foi dito e silenciado pelas pessoas em linguagens verbais e não verbais foram anotados de modo esquemático num diário de campo, feito fotos, áudios e vídeos com o auxílio de um celular. As gravações em vídeo feitas nas rodas de conversas possibilitaram que a pesquisadora identificasse os autores de determinadas falas, além de servir para registro de estilos próprios de se confeccionar os brinquedos. Isso garante ao trabalho a maior fidedignidade possível em relação às narrativas e às práticas das pessoas envolvidas. Posteriormente, esses recursos serão utilizados na produção de um documentário.

Para Alberti (2005, p. 174) transcrição é entendida como a “passagem da entrevista da forma oral para a escrita”. O processo de transcrição foi feito pela pesquisadora que utilizou o critério de ser “fiel ao que foi gravado” Alberti (2005, p. 174).

Com o propósito de tornar o texto transcrito mais explícito, foram observadas as seguintes orientações:

- As passagens pouco audíveis podem ser colocadas entre colchetes.
 - As dúvidas, os silêncios, as rupturas sintáticas, assinalados por reticências.
 - As pessoas citadas, se for necessária discrição, designadas por iniciais.
 - As palavras usadas com forte entonação serão grafadas em negrito.
- (FERREIRA; AMADO, 2006, p. 239-240).

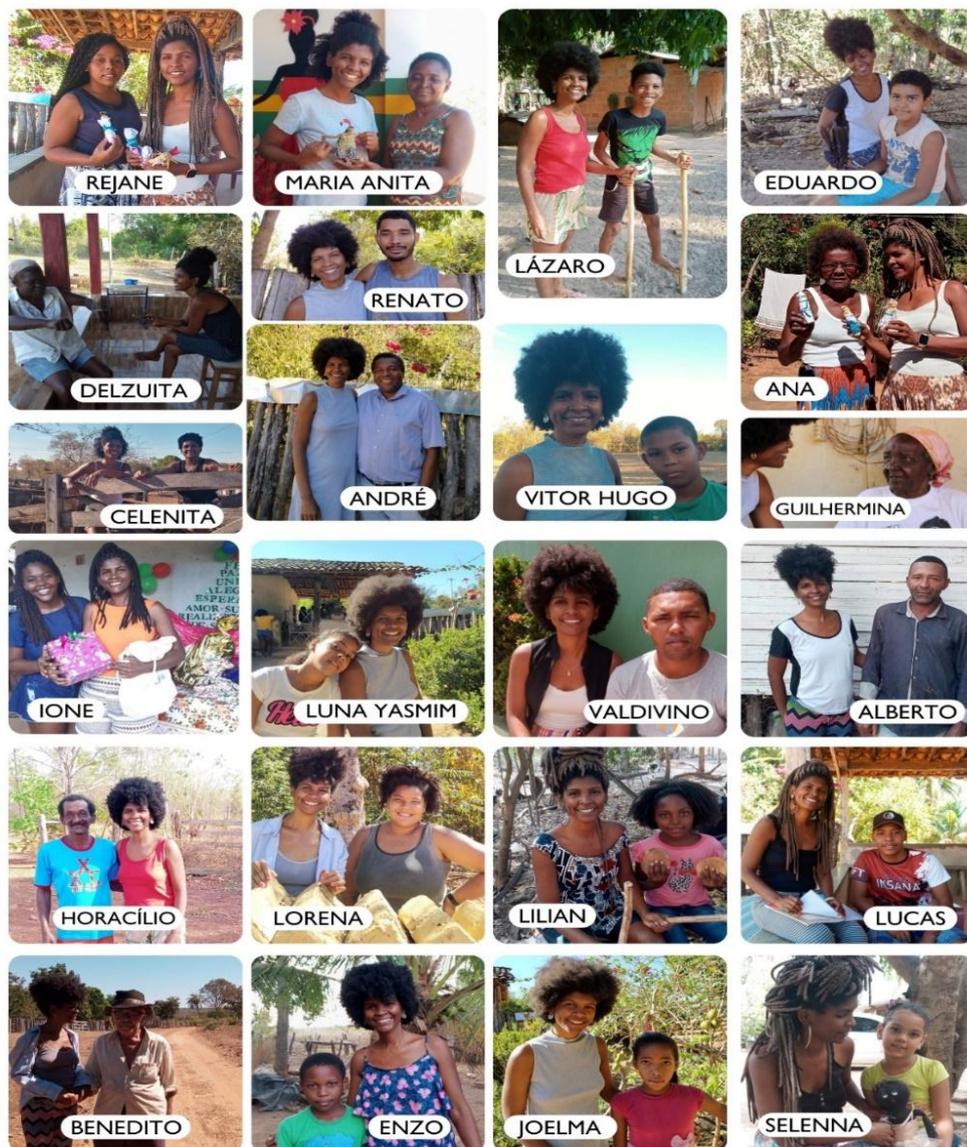
Meihy e Holanda (2015) sugerem que posteriormente a realização da transcrição, o participante tenha conhecimento da narrativa textual, assim Ferreira e Amado (2006, p. 240) orientam a necessário desse procedimento uma vez que o participante pode analisar sua fala “acrescentar, suprimir, corrigir complementar, resultando daí uma transcrição mais rica”.

A escolha dos interlocutores deu-se por meio de critérios que possibilitaram a exequibilidade dos objetivos traçados. Escolheu-se (23) vinte e três remanescentes quilombolas das (4) quatro gerações existentes na Comunidade. Sendo que as pessoas da primeira geração foram: Guilhermina e Benedito; segunda geração: Maria Anita, Delzuíta, Horacílio, Alberto, Ana e André; terceira geração: Celenita, Rejane, Renato, Lorena, Lucas, Ione e Valdivino. E da quarta e mais nova geração, as crianças: Lázaro, Eduardo, Selenna, Vitor Hugo, Enzo, Joelma, Lílian e Yasmin.

O uso de seus nomes próprios é mencionado favorecendo a autoafirmação de sua identidade étnico-racial quilombola, e como forma de empoderamento em uma perspectiva contemporânea, na qual a temática ganha expressividade em documentos de cunho nas esferas municipal, estadual e internacional, pois ao analisar a história das populações rurais negras no Brasil, percebe-se que durante muito tempo esses foram deixados à margem da sociedade.

Entende-se que essa diversidade de gerações enriquece os dados, abarcando olhares mais plurais sobre a atividade do grupo e, também, sobre o tema pesquisado. Além disso, foi utilizado o critério de disponibilidade dos participantes para o agendamento das observações participantes, rodas de conversas e oficinas intergeracionais, considerando as suas permanências no território durante a primeira e segunda etapa da pesquisa. Para efeitos desta pesquisa, ficaram excluídas as remanescentes que estavam grávidas ou apresentavam com sintomas de doenças crônicas em fase aguda.

Figura 01: Ilustração dos brincantes da pesquisa



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2021.

Guilhermina Martins de Deus, 85 anos, nasceu na Comunidade Quilombola São Joaquim no município de Porto Alegre, TO. Atualmente é aposentada e repassa aos mais novos seus saberes enquanto anciã.

Benedito Ribeiro de Menezes, 83 anos, nasceu na Fazenda Imburana, município de Conceição, TO. Atualmente é aposentado e repassa aos mais novos seus saberes enquanto ancião.

Maria Anita Gualberto Pereira, 63 anos, nasceu na Fazenda São João, município de Dianópolis, TO. Professora aposentada. Foi a primeira professora da Comunidade, e começou a lecionar nessa escola aos 16 anos de idade.

Delzuíta Furtado Farias Martins, 57 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Aposentada e lavradora.

Horacílio Alves dos Santos, 58 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Lavrador.

Alberto Luiz Gualberto, 52 anos, nasceu na Fazenda São João, município de Dianópolis, TO. É lavrador e também trabalha como pedreiro na Comunidade e fazendas circunvizinhas.

Ana Bispo Martins, 57 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. É lavradora, artesã principalmente com uso de palhas e atualmente desempenha a função de Presidente da Associação de Moradores da Comunidade.

André Avelino Luiz Gualberto, 48 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Atua como Secretário da Escola Estadual Deoclides Muniz, no município de Almas, TO.

Celenita Gualberto Pereira Bernieri, 39 anos, nasceu em Dianópolis, TO. Atua como Coordenadora dos Recursos Humanos lotada na Secretaria Municipal de Educação de Dianópolis- SEMED. Já atuou como Gestora da Escola Municipal Descoberto, localizada no território da Comunidade.

Rejane dos Santos Gualberto, anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Atualmente desempenha a função de Secretária da Escola Municipal Imaculada Conceição, no município de Dianópolis-To. Já atuou como Gestora da Escola Municipal Descoberto, localizada no território da Comunidade.

Renato Gualberto Carvalho, 27 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Atua como Técnico de Informática na Universidade do Tocantins- UNITINS, Campus de Dianópolis, TO.

Lorena Gualberto Carvalho, 18 anos, nasceu em de Dianópolis, TO. Acadêmica do Curso de Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia, na Universidade Federal do Tocantins - UFT.

Lucas dos Santos Gualberto, 22 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Acadêmico do Curso de Engenharia Agrônômica no Instituto Federal do Tocantins - IFTO.

Ione Luiz Martins, 31 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Gestora da Escola Municipal Descoberto, localizada no território da Comunidade.

Valdivino dos Santos Luiz, 35 anos, nasceu na Fazenda Brejo Alegre (Fazenda do avô materno), no município de Dianópolis, TO. Atualmente é motorista do Hospital Regional de Dianópolis-To. Já atuou como Gestor da Escola Municipal Descoberto, localizada no território da Comunidade.

Lázaro Gualberto Jesus, 10 anos, nasceu em Palmas, TO. Estudante.

Eduardo Christopher Gualberto Bernieri, 10 anos, nasceu em Palmas, TO. Estudante.

Selenna Cathrine Gualberto Bernieri, 07 anos, nasceu em Palmas, TO. Estudante.

Vítor Hugo Alves Farias, 11 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Estudante.

Enzo Gabriel Alves Farias, 06 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Estudante.

Joelma dos Santos Ribeiro, 09 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Estudante.

Lílian Vitória Ribeiro de Souza, 09 anos, nasceu na Comunidade Quilombola São Joaquim no município de Porto Alegre, TO. Estudante.

Luna Yasmin Pereira Santos, 10 anos, nasceu na Comunidade Quilombola de Lajeado no município de Dianópolis, TO. Estudante.

Os participantes foram orientados que se sentissem desconfortáveis com o uso de gravadores e/ou filmagem durante a observação participante, as rodas de conversas e oficinas intergeracionais, ou mesmo se fosse gerado alguns riscos, como por exemplo, inibir ou constranger ou intimidar ou irritar o participante, nestes casos eles teriam total liberdade de não participar da pesquisa. Ainda, em qualquer outro momento da realização do estudo, em que o participante julgar pertinente, poderiam solicitar que os dados e informações prestadas por ele, não fossem utilizados na pesquisa.

E como produto final foi elaborado um documentário a partir das percepções observadas ao longo da pesquisa, contendo saberes tradicionais presentes em brinquedos e brincadeiras que integram a vida das pessoas da Comunidade. A produção desses materiais tem a intenção de colaborar para o contexto e a

problemática central deste estudo, promovendo a valorização das identidades e singularidades da comunidade pesquisada.

Os resultados desta pesquisa e o documentário serão apresentados aos remanescentes da Comunidade de Lajeado, em especial aos sujeitos da pesquisa para que se reconheçam como parte do processo de construção da pesquisa acadêmica, reafirmando seu sentimento de pertencimento à comunidade após a defesa e aprovação do presente trabalho. Em seguida, será disponibilizado à Comunidade, à escola e a Secretaria Municipal de Educação de Dianópolis, TO, com o intuito de sensibilizar o poder público sobre a validade do tema, destacando a sua importância junto às instituições no âmbito local, regional e nacional.

2.3 Cuidados éticos

Os princípios éticos da pesquisa têm por finalidade proteger os direitos, a dignidade e o bem estar dos participantes (Barker, Pistrang, & Elliott, 1995). Esses cuidados tornaram mais severos a partir do século passado, devido às barbaridades que aconteceram com finalidades científicas.

A ética na pesquisa vem sendo tema de discussão nas entidades acadêmicas e científicas para refletir e propor ação no cuidado com o desenvolvimento das pesquisas com seres humanos.

Este estudo teve por base as disposições da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/12 (BRASIL, 2012), que aborda os aspectos éticos da pesquisa científica que envolve seres humanos e menciona que as pesquisas devem atender às exigências éticas e científicas fundamentais. Essas exigências têm como intuito proteger integralmente os sujeitos da pesquisa, e a eticidade implica em consentimento livre e esclarecido dos participantes do estudo. As informações produzidas são de caráter confidencial, com acesso restrito aos pesquisadores responsáveis e aos indivíduos que colaboraram de alguma forma com a pesquisa, podendo estes retirar as informações dos bancos de armazenamento a qualquer momento.

A Associação de Moradores da Comunidade de Remanescentes Quilombolas de Lajeado autorizou a pesquisa no território por meio do Termo de Anuência da Comunidade (Apêndice D). O projeto de pesquisa foi submetido à apreciação ao

Comitê de Ética e Pesquisa - CEP no escopo de ser avaliado o cumprimento das exigências éticas para a realização de pesquisa com seres humanos no Brasil, o CEP-UFT aprovou sem nenhuma recomendação por meio do parecer consubstanciado nº 4.648.902 (Anexo A). Os sujeitos protagonistas adultos do estudo, após esclarecimento detalhados fornecidos, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, as crianças, seus pais/responsáveis assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE autorizando a participação.

Ao submeter o projeto de pesquisa ao CEP houve a necessidade de adequação que implicou a pesquisa de campo por um período na Comunidade Quilombola de Lajeado devido à pandemia da Covid-19. Destaca-se que atualmente a população acima de 18 anos está totalmente vacinada e isso possibilitou a tomada de dados.

3 A FORMAÇÃO DO QUILOMBO

No Brasil, o quilombo originou-se do regime escravista que teve como vítima o povo negro. Os quilombos existiram durante a maior parte do período de escravidão e constituem a marca da luta e resistência contra a lógica colonial e escravista que marcaram a história do país. O quilombo inaugura uma visão de sociedade sem os estigmas da estratificação que prevalecia no período colonial. No modelo de sociedade quilombola os princípios da justiça, da igualdade e da liberdade, além do uso coletivo da terra, movem a vida das pessoas.

Na história do Brasil, Palmares foi o quilombo mais famoso criado no final de 1590 após um refúgio dos escravos que haviam se rebelado em um engenho de Porto Calvo, em Alagoas. Esse quilombo está localizado na Serra da Barriga, onde se reuniram quase 30 mil pessoas. O Quilombo de Palmares, até 1716, se constituiu numa confederação de dezenas de mocambos, sob a liderança de Ganga Zumba e posteriormente, de Zumbi (MOURA, 1981).

Quando se refere ao histórico do termo, Arruti (2010) afirma que a “primeira referência a quilombo em documentos oficiais portugueses data de 1559, mas, só em 1740, o Conselho Ultramarino define-o”.

Essa definição, produzida pelas autoridades portuguesas para referirem-se aos agrupamentos negros livres do domínio colonial que proliferaram-se após a campanha de destruição do Quilombo de Palmares no século XVII é, com certeza, a mais difundida e persistiu até a década de 1970 como abordagem hegemônica (ARRUTI, 2010, p. 21).

Por isso, esse traço de resistência às imposições do sistema escravocrata marca a origem do termo na história do Brasil. Neste sentido, os quilombos serviam de apoio aos negros escravizados. O processo tradicional da busca da liberdade consistiu invariavelmente na fuga para os matos, onde negros se reuniam solidários entre si, e formavam os quilombos (SALLES, 1971, p. 203).

Na história recente do Brasil o termo *quilombo* ou *quilombola* tomou uma acepção conceitual também vinculado ao ideário de luta e resistência. “[...] falar dos quilombos no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção” (LEITE, 2000, p. 333).

De acordo com a Associação Brasileira de Antropologia (1994), o termo “remanescente de quilombo” não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos

da ocupação temporal. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas se consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar.

Arruti (2010, p. 21) afirma que diante de fatos nacionais, como as pesquisas sobre comunidades negras rurais, a luta e organização dos movimentos sociais, o termo quilombo passa a ser reconhecido por diversos entendimentos, de modo que “esse deslocamento do significado nos permite compreender quilombo para além do contexto de escravidão, abrangendo às dinâmicas de territorialização étnica ocorrida na pós-abolição”.

Para Munanga (1996, p.58) “quilombo é seguramente uma palavra originária dos povos de línguas bantu (kilombo, aportuguesado: quilombo)”. Munanga (1996 p.58) cita Joseph C. Miller (1976) mencionando que, mesmo quilombo sendo uma palavra de língua africana,

seu conteúdo enquanto instituição sociopolítica e militar é resultado de uma longa história envolvendo regiões e povos aos quais já me referi. É uma história de conflitos pelo poder, de cisão dos grupos, de migrações em busca de novos territórios e de alianças políticas entre grupos alheios (MUNANGA, 1996, p.58).

Há uma similaridade com o pensamento de Nascimento (1980) quando explica a definição de quilombo que corresponde o que vivenciamos na Comunidade Quilombola de Lajeado:

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial. Repetimos que a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sociopolítico em termos de igualitarismo econômico (NASCIMENTO, 1980, p. 227).

Essa definição atende as comunidades quilombolas enquanto grupos que não estiveram estáticos e que estão sujeitos a uma cultura e organização social cujas bases estão nas raízes africanas. São grupos que vivem em processo de construção de suas identidades e de seus territórios, e que cultivam entre si os laços sociais, as relações de parentesco, os valores simbólicos e cosmológicos da ancestralidade africana.

Ainda assim, há uma série de preconceitos estabelecida sobre a cultura afrodescendente no Brasil e que afeta a ocupação dos espaços sociais porque as pessoas negras não estão ainda devidamente representadas nas mais variadas

funções da sociedade. Ainda existe, por exemplo, a negação histórica dos saberes sócio cultural da comunidade negra na construção da identidade do país. Ainda é, infelizmente, visível os inúmeros processos de desqualificação, estereotipação e preconceito em relação às manifestações culturais de matriz africana nos mais diversos espaços sociais.

No entanto, há algumas iniciativas dentro da estrutura do estado brasileiro que tentam, mesmo que com pouca efetividade, mitigar os impactos históricos da prática colonial escravista no Brasil. Uma destas entidades é a Fundação Cultural Palmares, criada no final da década de 1980 no bojo da Constituinte e da ressurgência das pautas reivindicativas do movimento negro no Brasil.

Para a Fundação Palmares⁸

As denominações quilombos, mocambos, terra de preto, comunidades remanescentes de quilombos, comunidades negras rurais, remanescentes de comunidades de quilombos são expressões que designam grupos sociais descendentes de escravos africanos trazidos para o Brasil durante o período colonial, que resistiram ou manifestamente se rebelaram contra o regime escravista, formando territórios independentes, onde a liberdade e o trabalho comum passaram a construir símbolos de liberdade, autonomia, resistência e diferenciação do regime de trabalho escravista (FUNDAÇÃO PALMARES, 2020).

Segundo o censo da Fundação Palmares (2020) o Brasil comporta hoje 2.791 comunidades certificadas, das quais (43) quarenta e três estão no Estado do Tocantins.

Figura 02: Quadro geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos do Brasil

⁸ A Fundação Cultural Palmares tem por finalidade promover e preservar a cultura afro-brasileira. Preocupada com a igualdade racial e com a valorização das manifestações de matriz africana, a Palmares formula e implanta políticas públicas que potencializam a participação da população negra brasileira nos processos de desenvolvimento do País. Foi o primeiro órgão federal criado para promover a preservação, a proteção e a disseminação da cultura negra. (BRASIL, 2013).

QUADRO GERAL DE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS (CRQs)																				
Nº	UF	2004 Nº CRQs	2005 Nº CRQs	2006 Nº CRQs	2007 Nº CRQs	2008 Nº CRQs	2009 Nº CRQs	2010 Nº CRQs	2011 Nº CRQs	2012 Nº CRQs	2013 Nº CRQs	2014 Nº CRQs	2015 Nº CRQs	2016 Nº CRQs	2017 Nº CRQs	2018 Nº CRQs	2019 Nº CRQs	2020 Nº CRQs	CRQs cert.	Nº CRQs
1	AC	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2	AL	0	11	8	3	1	27	14	1	0	0	1	2	0	0	1	0	1	69	70
3	AM	0	0	1	0	0	0	0	0	0	5	2	0	0	0	0	0	0	8	8
4	AP	0	4	7	0	0	2	11	3	0	11	0	2	4	0	0	0	0	40	44
5	BA	37	62	122	29	37	20	54	97	8	129	46	33	56	25	49	13	2	668	819
6	CE	2	4	7	2	1	3	7	5	7	4	3	0	0	3	1	3	1	52	53
7	DF	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
8	ES	5	7	19	0	0	0	2	0	1	0	0	2	2	2	2	0	0	36	42
9	GO	1	4	8	3	3	3	1	0	0	12	4	3	1	15	11	0	0	58	69
10	MA	163	70	26	29	42	6	53	65	47	75	37	23	59	37	63	36	11	584	842
11	MG	14	40	40	12	18	7	27	22	32	29	11	13	32	30	44	25	4	313	400
12	MS	0	12	2	2	1	0	1	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	22	22
13	MT	0	57	1	4	0	2	2	1	0	1	1	1	1	7	0	0	0	71	78
14	PA	18	9	37	19	0	0	10	6	14	104	12	5	19	4	3	1	2	205	263
15	PB	1	6	14	1	5	4	2	2	0	3	0	0	1	1	2	1	0	39	43
16	PE	5	45	10	52	11	3	11	11	2	4	12	4	1	14	10	0	0	149	195
17	PI	2	7	22	2	0	5	8	1	22	1	10	1	4	2	1	0	0	83	88
18	PR	1	8	23	4	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	36	38
19	RJ	3	6	4	1	2	2	2	5	1	2	3	0	2	4	4	0	0	41	41
20	RN	2	2	6	5	0	2	3	1	0	1	0	0	0	2	4	5	0	33	33
21	RO	1	2	3	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	8	8
22	RR	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23	RS	10	6	12	9	6	7	33	2	6	5	13	0	14	5	6	2	0	136	136
24	SC	3	0	1	2	0	3	2	0	0	1	1	0	0	0	0	5	0	18	18
25	SE	2	4	8	1	0	0	0	8	3	2	2	0	6	0	1	0	0	32	37
26	SP	1	16	14	10	6	0	0	1	1	1	1	1	3	0	1	0	0	52	56
27	TO	1	1	13	0	1	5	8	0	0	0	8	6	1	1	0	0	0	38	45
TOTAL POR ANO:		272	383	408	191	134	101	251	234	144	392	167	97	206	152	204	91	21	2791	3.448
INFORMAÇÕES ATUALIZADAS ATÉ 24/07/2024																				
*CRQ: Comunidades Remanescentes de Quilombos																				

Fonte: Fundação Palmares, 2020.

Pesquisas realizadas por Teske (2010), na Comunidade Quilombola da Lagoa da Pedra em Arraias – TO apresentam o processo histórico da formação das comunidades quilombolas no Estado do Tocantins e um diagnóstico relativo à atual situação desses grupos. No momento em que se deram as pesquisas realizadas por Teske (2010) constam 21 comunidades quilombolas tocaninenses certificadas. Analisando o quadro a seguir percebe-se que na periodicidade de pouco mais de uma década houve um crescimento significativo na quantidade das comunidades quilombolas no Estado.

Quadro 01 – Quadro de Comunidades Quilombolas certificadas no Estado do Tocantins

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADE
01	Almas	Baião
02	Almas	Poço Dantas
03	Aragominas	Projeto da Baviera
04	Aragominas	Pé do Morro

05	Araguatins	Ilha São Vicente
06	Arraias	Lagoa da Pedra
07	Arraias	Lagoa dos Patos
08	Arraias	Kágados
09	Arraias Paranã	Mimoso
10	Brejinho de Nazaré	Córrego Fundo
11	Brejinho de Nazaré	Malhadinha
12	Brejinho de Nazaré	Curralinho do Pontal
13	Brejinho de Nazaré	Manoel João
14	Chapada da Natividade	São José
15	Chapada da Natividade	Chapada da Natividade
16	Conceição do Tocantins	Água Branca
17	Conceição do Tocantins	Matões
18	Dianópolis	Lajeado
19	Dois Irmãos do Tocantins	Santa Maria das Mangueiras
20	Esperantina	Carrapiché
21	Esperantina	Ciriaco
22	Esperantina	Praiachata
23	Filadélfia	Grotão
24	Jaú do Tocantins	Rio das Almas
25	Lagoa do Tocantins Novo Acordo Santa Tereza do Tocantins	Barra do Aroeira
26	Mateiros	Mumbuca
27	Mateiros	Ambrósio
28	Mateiros	Carrapato
29	Mateiros	Formiga
30	Mateiros	Margens do Rio Novo
31	Mateiros	Riachão
32	Mateiros	Rio Preto
33	Mateiros	Boa Esperança
34	Monte do Carmo	Mata Grande
35	Muricilândia	Dona Juscelina
36	Natividade	Redenção
37	Paraná	Claro, Ouro Fino e Prata
38	Ponte Alta do Tocantins	Lagoa Azul
39	Porto Alegre do Tocantins	São Joaquim
40	Porto Alegre do Tocantins	Laginha
41	Santa Fé do Araguaia	Cocalinho
42	Santa Rosa do Tocantins	Morro de São João

O reconhecimento administrativo feito pela Fundação Palmares não significa que a necessária regularização fundiária tenha sido feita. Mesmo com esse crescimento no número de reconhecimentos no estado do Tocantins não, efetivamente, nenhuma comunidade com a titularidade da posse da terra. Em alguns dos casos há processos de desapropriação ou demandas judiciais, mas sem ainda ter um desfecho em favor das comunidades quilombolas.

3.1 Marcos conceituais e a cultura quilombola

O enfoque aos brinquedos e brincadeiras se dá a partir do contexto da Comunidade Quilombola de Lajeado, na qual os processos identitários, de consolidação de laços afetivos, de vivência humana são feitos a partir de lógicas culturais densamente enraizadas na matriz africana. Assim, dentro dos limites da abordagem deste trabalho há uma discussão sobre os conceitos de *cultura*, *interação*, *território*, *memória* e *comunidade*. Não existe a intenção de que tais conceitos possam encerrar a discussão proposta pela questão que orienta esta pesquisa. A necessidade é, em todo caso, de garantir um suporte das ciências sociais, em especial da antropologia, para o diálogo sobre brinquedos e brincadeiras num contexto de comunidade quilombola.

3.1.1 Cultura

Num trabalho como este, cuja temática perpassa, invariavelmente, pelo debate sobre o lugar da cultura nos arranjos sociais de uma comunidade, o termo *cultura* passa a ser uma palavra-chave. Mas esta é uma palavra, um conceito, um termo que é muito polissêmico, tem muitas acepções, e pode de certa forma, ser um termo que pode ser utilizado apenas como se a cultura fosse vista como um conjunto de hábitos e práticas de uma determinada comunidade.

Mesmo no campo das ciências sociais, em especial a antropologia, há uma diversidade de conceitos encontrados para definição de cultura, desde as clássicas as mais contemporâneas. Esse é um conceito importante para este trabalho porque

nele estão ancorados muitos dos significados que organizam a memória e a cosmologia da Comunidade Quilombola de Lajeado. Por isso, não há, reitero, nenhum interesse em excluir outras abordagens que o termo possa ter, mas para este trabalho serão tomadas as explicações mais centradas nos textos das ciências sociais.

Malinowski (1975) é um dos pioneiros dos trabalhos de campo na antropologia. Também é um dos autores que primeiro alcançaram uma noção de cultura como uma integração entre a vida objetiva e os valores simbólicos. Para ele a cultura como “[...] um amálgama global de instituições em parte autônomas, em parte coordenadas. [...] Cada cultura deve sua integridade e sua autossuficiência ao fato de que satisfaz toda a gama de necessidades básicas, instrumentais e integrativas”. (MALINOWSKI, 1975, p. 46).

Além desta possibilidade de entendimento do conceito de cultura, ainda continuaria as implicações próprias da dificuldade desse conceito ser aplicado em mais contextos. Por isso, Laraia (2014) faz um percurso por alguns conceitos de cultura apresentados por pesquisadores do tema. No entanto, Laraia (2014), afirma que os pesquisadores não chegaram a um consenso a respeito do conceito, o que resultou em um grande número de definições, causando mais indagações sobre os limites do mesmo.

Segundo o pensamento de Boas (2005), cada indivíduo percebe e compreende a realidade de acordo com a cultura em que foi criado, em uma expressão que se tornou famosa, o autor remete que “[...] estamos acorrentados aos grilhões da tradição” (BOAS, CASTRO, 2005, p. 18), ou seja, cada pessoa está ligada ao seu lugar de vivência. Por isso, os significados de dada cultura é algo construído, feito e refeito, continuamente por um determinado grupo humano. Laraia cita Claude Lévi-Strauss (2014, p. 32),

que define cultura como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana. O seu trabalho tem sido o de descobrir na estruturação dos domínios culturais — mito, arte, parentesco e linguagem — os princípios da mente que geram essas elaborações culturais.

Partindo desse pressuposto, Geertz (2008) ressalta que era sábia a ideia de que a teoria antropológica moderna se responsabilizasse de minimizar a amplitude do conceito para transformá-lo num instrumento mais forte teoricamente. Geertz diz explicitamente: “O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente

semiótico” (GEERTZ, 2008. p.11). Para esse autor, é como se o ser humano estivesse amarrado a teias de significados que tecidas no próprio ato de existir. Por isso, Geertz afirma categoricamente: “assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 2008. p.11).

Neste sentido, a “cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” diz Kroeber apud Laraia (2001, p. 26). Assim com estas concepções de cultura oriundas destes autores, é possível fazer uma correlação com aquilo que existe no dia a dia da comunidade quilombola. No cotidiano do quilombo, é muito evidente como o processo “acumulativo”, isto é, aqueles saberes que organizam a vida na e da comunidade, se fazem presentes nas falas, nas histórias, nas ações e nos símbolos da cultura quilombola.

A vida, como um dado objetivo, é percebida também pela tradição, pelo respeito aos saberes “acumulados” e que vieram dos ancestrais. Dessa forma, mesmo que a vida tenha essa aparência perceptível do mundo material, parte dos significados das relações de valor é atribuídas e vivenciadas sob a ótica dos símbolos.

Os conflitos que ocorreram com os negros foram muitas vezes motivados porque queriam o respeito com suas crenças, pois muitos africanos vieram com um conhecimento adquirido de suas comunidades de origem e aqui no Brasil não podiam se expressar ou passar esse conhecimento. Como exemplo, temos as religiões de matrizes africanas que sofrem preconceitos, assim como a capoeira que chegou a ser proibida e o jongo discriminado. Agora podemos compreender melhor em que contexto mágico-religioso e social se situa o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral, especialmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas de ancestrais ou de pessoas idosas. O que a África tradicional mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como: “Aprendi com meus mestres”, “Aprendi com meu pai”, “Foi o que suguei no seio de minha mãe” Bá Hampaté (2010, p. 174).

Comumente, tradições são passadas pelos anciãos que, como Ramos (2013, p.19) explica, “trazem consigo o saber da tradição que recebera, transmitindo-a através de várias gerações. Os mais jovens conseguem receber este saber, fortalecendo a memória do quilombo”. Por isso, a sustentação dos valores culturais das comunidades depende muito de um delicado equilíbrio que mantém a memória ancestral como a base da vida e segurança para o futuro.

Uma das tantas provas materiais de que a cultura quilombola está ancorada na ancestralidade é a importância do território. Como já frisado, o local em que se formava um quilombo tornava-se um espaço de fixação da vida, em sentido prático e dos valores simbólicos, como os cultos, as práticas e festejos, os cemitérios. Isso significa dizer que a terra, muito embora seja um dado objetivo, porque é um espaço geográfico, passa a ser um território cultural. Portanto, a importância do território para a cultura quilombola é tanta que não será possível discuti-la nos limites deste trabalho.

3.1.2 Território e territorialidade

“Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada”.

(Milton Santos, 2014, p. 19).

A história do conceito de território, no Brasil, traz o contexto das disputas agrárias diante da conduta, praticada desde o período colonial, de latifúndio e concentração de terras (LEITE, 2000). Durante o tempo em que o Brasil foi colônia, teve suas terras divididas, e a posse da terra foi definida em função da colonização, sendo usufruídas pelos “descobridores” dos territórios. Essa conduta ignora, deliberadamente que aqui já havia habitantes, mesmo assim, os indígenas não foram respeitados como povos com direito à terra que eles mesmo habitavam.

O modelo de uso da terra, desde o período colonial, é baseado na monocultura, a exploração de recursos naturais, com a consequente degradação do meio ambiente. Desse modo, o latifúndio no Brasil originou-se “sob o signo da violência contra as populações nativas, cujo direito congênito à propriedade da terra nunca foi respeitado e muito menos exercido. [...] Desse estigma de ilegitimidade que é o seu pecado original, jamais se redimiria” (GUIMARÃES, 1977, p. 19).

Esse modelo latifundiário e espoliador de uso da terra, mesmo depois de mais de quinhentos anos desde o início da colonização brasileira, ainda persiste nas lavouras de monocultura, na destruição sistemática do meio ambiente, na exploração desenfreada dos recursos naturais. Aquela luta que estavam no centro das demandas da insurgência quilombolas, ainda está na ordem do dia, especialmente no atual cenário político brasileiro.

De tal modo, a existência das comunidades quilombolas é também uma resistência que mantém vivo o desejo de partilha da terra, de reforma agrária, de autodesignação dos povos tradicionais do Brasil. Porque há inúmeros relatos de confrontos e conflitos agrários, mesmo que os mais conhecidos sejam os que envolvem comunidades indígenas, pequenos agricultores, sempre sendo vítima dos grandes latifundiários (OLIVEIRA, 2001).

Zhour e Laschefski (2010) mencionam que essa situação é a mesma encarada por comunidades quilombolas e povos tradicionais. Mesmo amparados por lei, esses grupos historicamente são cerceados nos direitos mais básicos garantidos aos cidadãos, como o da propriedade do território (BALDI, 2009).

Para entender sobre território, de acordo a definição de Diegues (2001), se faz necessário compreender as diversas relações das sociedades com a natureza e suas implicações. Diegues (2001, p.85) considera o território como espaço de reprodução econômica e das relações sociais, como também “o *lócus* das representações e do imaginário mitológico dessas sociedades tradicionais”. Nesse sentido, o autor aponta a importância de

analisar o sistema de representações, símbolos e mitos que essas populações tradicionais constroem, pois é com base nele que agem sobre o meio. E com base também nessas representações e no conhecimento empírico acumulado que desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo (DIEGUES, 2001 p.85).

O território carregado de elementos simbólicos apresenta nas comunidades tradicionais áreas tanto da floresta quanto de estuários e rios que são vistos como sagradas, e não podem ser utilizadas para fins econômicos (Diegues, 2001).

Apenas no início do Século XXI, num governo do Partido dos Trabalhadores que houve alguma atenção aos problemas e desafios enfrentados pelas comunidades tradicionais. Para definir, dentro de um regime jurídico, portanto como conceito legal, o que seriam os territórios tradicionais, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva publicou no Diário Oficial da União o Decreto 6040-2007, em que o estado brasileiro reconheceu, formalmente, pela primeira vez na história do país, a existência formal de todas as chamadas “populações tradicionais” do Brasil.

Nos seis artigos do decreto, que designa a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), o estado brasileiro amplia e consolida um reconhecimento que já existia parcialmente,

na Constituição Federal⁹ de 1988. Menciona espaços básicos para a produção cultural, social e econômica, podendo ser utilizados de forma permanente ou temporária, observando-se, no que diz respeito aos povos originários e comunidades tradicionais (BRASIL, Decreto 6.040, art.3, 2).

Estes territórios são motivos de vários conflitos que são sobrepostos aos remanescentes, porquanto o que está em disputa são visões diferentes sobre o mesmo espaço e que vão proceder em concepções também diferentes de território, em todo caso, quando se trata destas comunidades tradicionais, há o vínculo afetivo. Sobre a importância que é este vínculo entre povo e um território, Souza Filho (2006, p. 120) afirma que,

[...] a existência física de um território, com um ecossistema determinado e o domínio, controle ou saber que tenha um povo sobre ele, é determinante para a própria existência do povo. É no território e em seus fenômenos naturais que se assentam as crenças, a religiosidade, a alimentação, a farmacopeia e arte de cada povo.

Assim, o território também é considerado um espaço de afirmação de identidade territorial, de reconstrução de uma memória ancestral e de reprodução de um modo de existência dos sujeitos. Por isso, é nesse espaço que é importante considerar o brincar, por ser uma maneira de apropriação de aprendizagem das pessoas. Os espaços em que as pessoas brincam têm história, referências identitárias da tradição e religiosidade do grupo. O momento lúdico leva a experimentar a realidade, além de auxiliar no aprendizado de valores eficazes para o desenvolvimento, como responsabilidade, companheirismo, noções de compartilhamento e regras de convivência coletiva.

As experiências dos quilombos marcam uma estreita relação com o território, porque, como explica Arruti, 2006:

Se o território é mais evidentemente suporte e matéria da memória, respondendo aos interesses sociais e políticos da recordação, ele também acaba por operar como um condicionante, sócio-cultural dos modos de lembrar, um meio de convencionalização da memória, isto é, de modelagem que a situação evocada sofre no contexto das ideias e valores que a evocam. Nesse, e em outros casos, portando, modos de produção e transmissão da memória social surgem indissociados de outros aspectos sociais, nos quais estariam embutidos (ARRUTI, 2006, p. 238).

⁹ Em seu Artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, é estabelecido que “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.”

Ao se desenvolver a pesquisa na Comunidade Quilombola de Lajeado, considera-se que o território guarda relações com o passado, como uma simbiose entre território e memória. Essas intrincadas relações são básicas para a construção da identidade quilombola, fundamentadas em referências genealógicas e das paisagens – duas maneiras integrantes de construir as identidades sociais (ARRUTI, 2006).

Pautada com o território está à questão da territorialidade, que se define como os saberes de um grupo relacionado ao território. Em outras palavras seria "um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema" (RAFFESTIN, 1993:160).

A territorialidade acontece no território. E é isso que difere as comunidades quilombolas e o que faz com que elas sejam inseridas em um conjunto mais amplo, definido por Leite (1990) como território negro:

Um espaço demarcado por limites, reconhecido por todos que a ele pertencem, pela a coletividade que a conforma. Um tipo de identidade social, construído contextualmente e referenciado por uma situação de igualdade na alteridade. O território seria, portanto, uma das dimensões das relações interétnicas, umas das referências do processo de identificação coletiva. Imprescindível e crucial para a própria existência do social. Enquanto tal pode ser vista como parte de uma relação, como integrante e um jogo. Desloca-se, transforma-se, é criado e recriado, desaparece e reaparece. Como uma das peças do jogo da alteridade, é também e, principalmente, contextual. No caso dos grupos étnicos, a noção de território parece ser tão ambígua como a própria condição dos grupos e talvez seja justamente o que acentua o seu valor defensivo (LEITE, 1990).

Portanto, as comunidades quilombolas se identificam como um território negro, uma vez que, para esses povos a terra se movimenta para o sentimento de pertença a uma identidade étnica que se difere das demais por seu jeito peculiar de serem, seus hábitos, sua história. A baliza dos modelos de organização da comunidade está também fincada na matriz cosmológica africana. Em concordância a esta ideia, o antropólogo Arruti (2016), menciona como territórios negros ao tratar de comunidades quilombolas rurais, empregando o conceito de “memórias rituais”, citando elementos que carregam “a própria identidade do grupo” (ARRUTI, 2016, p. 06).

Os territórios negros não são assim designados apenas pelo fato de a presença de pessoas negras serem majoritária. Esse traço advém dos processos de identificação territorial pelo qual essas pessoas se percebem nestes espaços como

peças que se opõem a colonialidade. Os territórios negros, tal como se deu com o Quilombo de Palmares, já referido anteriormente, é uma existência que se fez pela luta em defesa da vida, da terra, da liberdade. Uma luta contra o jugo da opressão, contra a condição aviltante de ser escravizado.

3.1.3 Memória

Dentre os conceitos que as ciências sociais nos oferecem para um estudo como este que agora desenvolvo, o conceito de memória ajuda muito a compreender como está organizada uma Comunidade Quilombola de Lajeado. Assim, o conceito de memória amplia o sentido de que a noção de território e cultura como potência argumentativa.

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal como foi "e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 2012. p. 55).

Diante dessas considerações da autora, é possível, pela memória, fazer uma continuidade da história vivida, já que ela exprime história, remete pertença, revela traços identitários, conta e reconta lendas. A memória carrega os significados do tempo passado, reorganiza-os no tempo presente, e projeta narrativas futuras, sendo que tudo isso pode ser vivido em momentos de festejos culturais, em brincadeiras, em conversas de fim de tarde, em reuniões rituais, no trabalho da roça, na lavagem de roupas no rio, assim como em demais atividades laborais ou festivas.

Assim, as lembranças das pessoas possibilitam o recontar da história como se fossem quadros dos tempos vividos. Sobre os quadros sociais da memória, Halbwachs (2006) acredita possuem significativa ligação com o grupo:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivéssemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Neste sentido, a lembrança depende do grau de envolvimento que o indivíduo tem com a sociedade. Com relação a brinquedos e brincadeiras esse poder de se

conhecer memórias coletivas contribui na valorização das identidades já modificadas ou ressignificadas com o passar dos tempos, e mesmo, da história de um povo. Além de reavivar e tornar mais detalhados fatos históricos que não haviam sido compreendidos. Para Oliveira (2012), quando se refere ao sentido que descreve vivências sociais, a memória é:

Algo vivo, pertencente a grupos vivos, possível de ser esquecida, porém, podendo sempre, ser lembrada desde que se tenha necessidade disso. Múltipla são as memórias. Para cada grupo existente, existirá uma memória, um coletivo de pensamentos e lembranças do passado, dando, a esses grupos e aos que o integram, um sentido comum de existência, o sentido de serem membros de uma mesma comunidade. Passam a possuir marcas identitárias, uma marca no/do passado, que afirme as origens e a experiência vivida (OLIVEIRA, 2012, p. 30).

Para Oliveira (2012), a memória está viva, no entanto pode acontecer de ser esquecida em algum momento, e podendo ser elucidada novamente. Por exemplo, se uma brincadeira se descaracterizou, é possível que a memória de um ancião, por exemplo, possa fazer ressurgir essa consciência coletiva que está gravada nos gostos sociais dentro das diversões culturais com sua efetiva identidade possa parecer extinta.

Em todo caso, é bom também considerar que a memória não é uma camisa de força, que por ser inflexível, possa encarcerar as pessoas num tempo passado, imóvel e longínquo. A memória restitui aqueles sentidos que são fundamentais para que a comunidade, como um agrupamento humano possa continuar fazendo novos significados que, como tal, vão se sobrepondo aos sentidos fundantes num contínuo perene.

3.1.4 Comunidade X sociedade

Se tratando da definição de comunidade e sociedade Ferdinand Tönnies (1957) parte do conceito de vontade. As interações humanas acontecem por meio da vontade natural ou vontade arbitrária. Quando se refere às características da vontade natural, as quais originam a comunidade percebe-se que está pautada na união das pessoas pela força da preservação, da reprodução e alimentação. Em alemão é chamada pelo pensador de *gemeinschaft*.

A comunidade é composta de relações duráveis, que persistem ao longo do tempo: de parentesco, de amizade, de vida territorial em comum, afinidade espiritual,

dentre outros elementos que dão sentido a existência das pessoas naquele território. Caracteriza-se pela vida social em conjunto, intimidade, laço entre as pessoas, são relações que tem valor por si mesmo, não dependem de algo externo a elas, são intrínsecas.

Sobre esse assunto, Bauman (2003, p.10) aponta que “pertencer a uma comunidade significa renegar parte de nossa individualidade em nome de uma estrutura montada para satisfazer nossas necessidades de intimidade e da construção de uma identidade”. Na comunidade abrange diferentes tipos de situações, mas estão apoiados em fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais, os integrantes possuem relações mais conectadas e próximas.

Já a vontade arbitrária é ligada a racionalidade, se daria pela passagem da vontade natural para a arbitrária, que viria com o mercado e o crescimento das cidades, sendo denominada por sociedade conhecido em alemão por *gesellschaft*.

Para Ferdinand Tönnies (1957), na sociedade os indivíduos se aglutinam de forma impessoal, se distingue por uma vida de interdependências típicas da vida urbana moderna, caracterizadas por relações utilitaristas, sem uma ênfase nos vínculos por afinidade, têm vínculos menos permanentes e orientados para interesses. Nas relações existe pouca densidade, e tende alcançar objetivos propostos por pessoas ou grupos a que estejam vinculados socialmente. Entretanto, essas finalidades exteriores podem ser alteradas quando o indivíduo sentir a necessidade e vontade de ir à busca de outros vínculos de acordo com seus interesses ou prioridades.

De acordo o pensamento de Tönnies (1957), a vontade arbitrária predominava sobre a natural, ou seja, a comunidade era vista como o passado, e a sociedade como o presente na civilização ocidental. No campo das relações sociais se daria o enfraquecimento das relações de parentesco, dos costumes, da tradição, voltando-se para as relações mediadas pela razão, pelo interesse. Nesse contexto o pensador estabeleceu sua teoria de comunidade e sociedade “Se na comunidade os homens permaneciam unidos apesar de todas as separações, na sociedade permaneceriam separados não obstante todas as uniões” (TONNIES, 1957, p. 65).

Tönnies (1957) comunga das ideias de Marx quando afirma que a sociedade está formada sob a predominância dos capitalistas e da classe burguesa, assim, a cidade é o espaço da exploração da classe trabalhadora. Nessa dualidade a comunidade então estaria vinculada a tradição de um povo, a construção de

identidades locais e seu aspecto singular, enquanto a sociedade estaria relacionada à existência do Estado, a construção de identidades exteriores ligadas a legislação, a ciência e a opinião pública. Os padrões comunitários continuariam a existir na sociedade urbana e capitalista. Um exemplo colocado por Tönnies (1957) é o cooperativismo entre as organizações de trabalhadores, que cria uma nova cultura de comunidade, junto à sociedade.

Um dos desafios de manter este sentido de comunidade, como a Comunidade Quilombola de Lajeado, é resistir ao avanço galopante da sociedade de mercado com sua lógica de consumo desenfreado. Além dos impactos percebidos nas mudanças culturais, há também a influência da monetarização das relações pessoas, da fragilização dos laços de afinidade e afetividade.

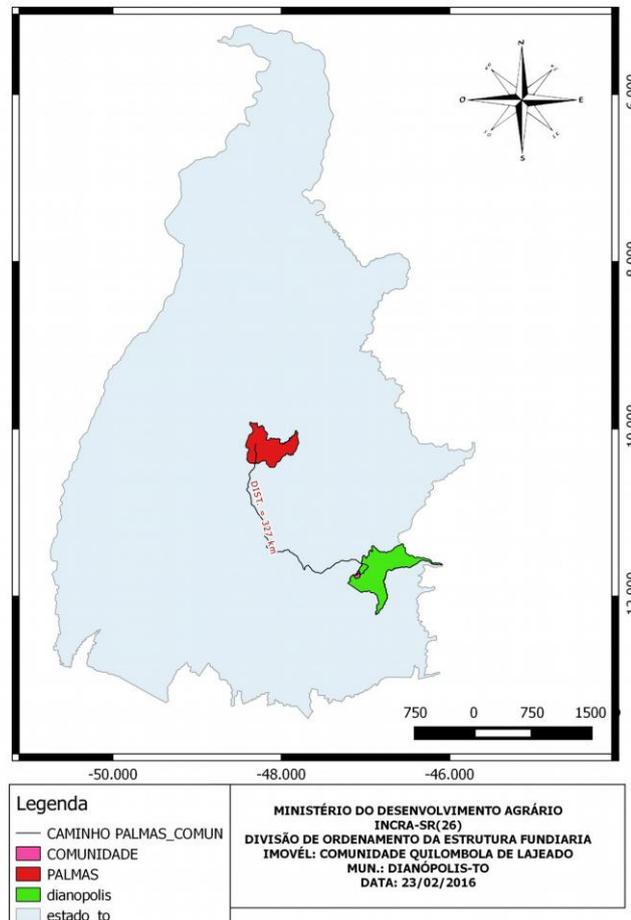
3.2 O terreiro da brincadeira

A Comunidade Quilombola de Lajeado se organiza politicamente em torno da Associação, instância responsável por articular, entre os moradores as questões que envolvem a busca de melhorias estruturais. A Associação de Moradores da comunidade foi fundada em 18 de dezembro de 2011 de acordo consta no Estatuto. Oficialmente foi reconhecida como remanescentes de quilombos pela Fundação Palmares junto ao Ministério da Cultura em 16/03/2010. Essas datas revelam a nossa organização e a atuação como moradores, que criamos a entidade civil antes mesmo das determinações jurídico-administrativas provenientes do processo de regularização fundiária.

É importante salientar, também, que a Comunidade de Lajeado ainda não possui a titulação do seu território, que é concedido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. O Relatório Técnico de Identificação e Delimitação - RTID foi elaborado, mesmo assim a certificação está longe de acontecer, já que o processo é moroso e precisa contar, sobretudo com o apoio político do governo federal, sendo que neste momento da história política do Brasil não é essa a prioridade. Embora a condição de reprodução socioterritorial se torne cada vez mais limitadas, os remanescentes que residem no território preferem resistir e lutar pelas poucas terras em que vivem. A área definida pela Comunidade como parte de seu território está, em grande parte, ocupada por fazendeiros, restando à Comunidade apenas a área do povoado. No mapa do estado do TO, a

seguir, apresenta-se o mapa do Estado do Tocantins com destaque à localização da capital, Palmas, o município de Dianópolis e a Comunidade Quilombola de Lajeado.

Figura 03: Mapa do Estado do Tocantins com destaque à localização da capital, Palmas, o município de Dianópolis e a Comunidade Quilombola de Lajeado.



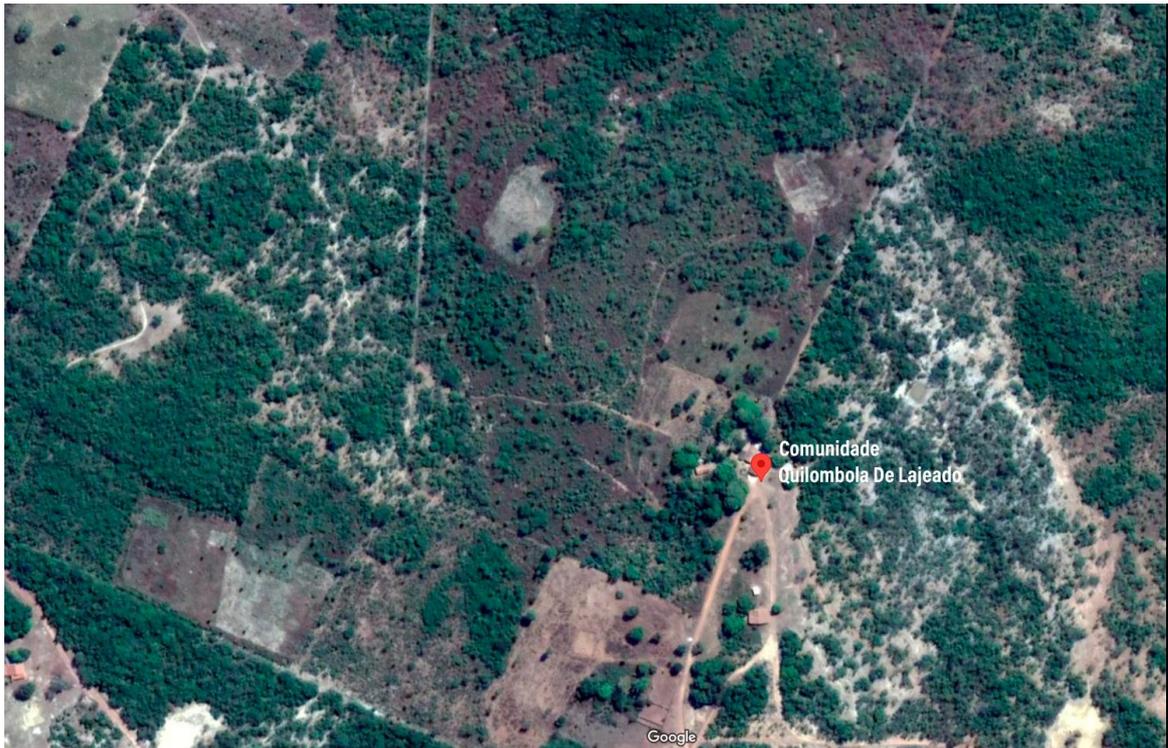
Fonte: INCRA, Cartografia, 2015.

O mapa situa o município de Dianópolis no Tocantins (em verde), e a Comunidade (em rosa). A Comunidade Quilombola de Lajeado encontra-se às margens do Rio Manoel Alves e distancia 50 quilômetros da sede do Município de Dianópolis¹⁰, no Sudeste do Estado do Tocantins. O nome Lajeado está relacionado ao córrego homônimo que passa dentro da Comunidade. O território da Comunidade de Lajeado atualmente está fragmentado em duas áreas, Lajeado e Nova Prata, devido os processos de cercamentos das terras em que seus moradores sofreram

¹⁰ O município de Dianópolis possui uma área de 3.217 km², localiza a 350 km de Palmas, capital do Estado do Tocantins. Faz divisa com os municípios de Porto Alegre (TO), Almas (TO), Taipas (TO), Conceição do Tocantins (TO), Rio da Conceição (TO), Novo Jardim (TO), Ponte Alta do Bom Jesus (TO), Formosa do Rio Preto (BA) e Riachão das Neves (BA).

nos últimos 40 anos (RTID, 2016). O acesso à Comunidade se dá pela rodovia TO 040, que liga Natividade – TO a Barreiras – BA. A partir da sede do município, o acesso se dá por meio de estradas de terra que estão em péssimas condições de uso, ficando quase intransitável no período chuvoso.

Figura 04: Foto por satélite do local da Comunidade Quilombola de Lajeado.



Fonte: Google Maps¹¹, 2021

Por meio da autodeclaração como remanescente quilombola a referida Comunidade assegura um processo de pertencimento cultural e territorial bem como identitário, distinguindo sua reterritorialização, em que a “utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL (2009) *apud* RODRIGUES *at al*, 2013 p. 5).

As famílias que constituem essa Comunidade descendem dos povos africanos escravizados no período do Brasil Colônia, que conseguiram resistir e fugir daquele regime opressor, desumano e aviltante. Outros conquistaram sua liberdade com o sofrido trabalho nas atividades auríferas, que demandavam da mão de obra negra escrava, como consta os registros históricos “[...] a formação do Quilombo de

¹¹ Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/11%C2%B044'32.9%22S+47%C2%B006'48.0%22W/@-11.7418029,-47.1150486,385m/data=!3m1!1e3!4m6!3m5!1s0x0:0x0!7e2!8m2!3d-11.7424667!4d-47.1133406>

Lajeado em meados do século XIX com a compra de vasta área de terra próxima ao Rio Manoel Alves, por um casal negro” (RTID, 2016, p. 8). Foi colonizado esse território no sudeste tocantinense denominado terras de preto na busca de reconhecimento e conquista de direito, principalmente a terra.

Almeida (1989) conceitua terras de preto como:

Aqueles domínios doados, entregues, ocupados ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, às famílias de ex-escravos a partir da desagregação de grandes propriedades monocultoras. Os descendentes de tais famílias permanecem nessas terras há várias gerações sem proceder ao formal de partilha e sem delas se apoderarem individualmente.

Conforme afirma a memória social coletiva do grupo, são descendentes de dois “Leandros”, o Bispo e o Martins de Souza, dos quais nunca souberam dizer a procedência da família. Uma das anciãs¹² da Comunidade Quilombola de Lajeado, Vó Camila (2019), em relato¹³, afirma que: *O Leandro dos Tucuns era daqui e era um dos tataravôs. Era o dono disso aqui. Dessa terra. E o Quilambê diz que veio do Pilão Arcado da Bahia, e então passou pra Natividade. Ele era parente da parte de meu pai. Ele era bisavô de meu pai. Ele num morava aqui. A área dele era do outro lado do rio. Que entrou pra aí, buscando pegar negos fujões. Mas que o destino quis que ele fosse pego pelos encantos de Perpétua Tito, filha de um fazendeiro da região com quem casa e constitui a família que hoje é conhecida como a Comunidade Quilombola São Joaquim¹⁴ (Vó Camila, 81 anos, lavradora, 2019)¹⁵.*

A comunidade resiste preservando a histórica ancestralidade, ao se configurarem mantendo as relações de parentesco consanguíneo e sociopolítico.

Figura 05: Anciãs da Comunidade Quilombola de Lajeado: Vó Guilhermina (87 anos) e Vó Camila (in memoriam).

¹² Desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens [...] (BOSI, 2004, p. 22).

¹³ Todos os relatos foram mantidos sem correções a fim de manter a fidelidade à opinião expressa pelos entrevistados.

¹⁴ Comunidade Quilombola que limita com a do Lajeado, formando o território Buta Calunga.

¹⁵ Conversa informal realizada no dia 13 de outubro de 2019. A anciã Vó Camila, como era conhecida por todos, era a presidente da Associação de Moradores e também uma das interlocutoras desta pesquisa, porém faleceu no dia 28 de novembro de 2019. Após a morte da presidente, a vice (Tia Ana – filha de Vó Camila) assumiu a função.



Fonte: RTID da Comunidade Quilombola de Lajeado - Dianópolis-TO, 2016.

De acordo Rejane (2020), a Secretária Geral¹⁶ da Associação de Moradores da Comunidade de Lajeado, atualmente na Comunidade reside 17 famílias no território, porém são 128 pessoas (entre crianças e adultos) que se autodeclaram como remanescente quilombola dessa Comunidade. As demais famílias residem em outras localidades dos Estados do Tocantins, Bahia e Goiás.

Em termos de infraestrutura, a comunidade possui acesso à rede de energia elétrica e a maioria das residências conta com ela; há uma escola multisseriada que atende alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino, cujo acesso dos estudantes se dá via transporte escolar em ônibus que circula pela comunidade e localidades circunvizinhas.

Muitos dos moradores, em especial aqueles que residem distante do rio sofrem com a falta de água. A Comunidade se localiza numa região seca, sendo que, entre os meses de junho e outubro, ocorrem situações críticas de escassez de água.

As famílias agricultoras remanescentes de quilombolas vêm descobrindo formas de uso da pouca terra que lhes restam. A Comunidade sobrevive da

¹⁶ É uma das funções que compõe a Diretoria para desempenhar as atribuições da organização. Essa gestão está prevista para encerrar em dezembro de 2022.

agricultura familiar, extrativismo, pequenas criações de animais e aves (Alves, Bernieri e Folha, 2019, p. 175).

Em relação ao crescimento geográfico, os moradores afirmam que não há mais espaço físico para desenvolver enquanto as terras não sejam tituladas, o que tem acontecido na realidade é a diminuição desse espaço, sendo que a comunidade é cercada por fazendeiros, tal como aconteceu com a maioria dos quilombos contemporâneos. Além do descaso com a titulação da terra, o clima de conflito ocasionado pela presença ostensiva dos fazendeiros degrada ainda mais a situação territorial do quilombo.

São poucas as pessoas que se casam e continuam a morar na Comunidade, o maior motivo dessas famílias evadirem é o fato da área ser insuficiente para a agricultura, criação de animais ou outras atividades produtivas. Nesse sentido Barth (2000, p. 26) explicita que

“[...] as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam e as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais, mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais são construídos”, como maneira o “nós” em relação a “eles”.

Em parte, essa situação dificulta o reconhecimento da identidade étnica, contudo não extingue a persistência dos demais que se autodeclaram pertencentes ao grupo com uma identidade étnica que os faz distintos das demais populações rurais, e os leva nesse momento a persistir na luta pela reconstrução e fortalecimento da identidade.

3.2.1 Saberes e fazeres na Comunidade de Remanescentes Quilombolas de Lajeado

Segundo Barth (1969, p. 142), “os grupos étnicos são categorias, atribuição e identificação realizadas pelos próprios autores e têm a característica de organizar interações entre as pessoas”. Não foi diferente com a Comunidade de Lajeado, a qual foi criada a partir da identificação de marcas culturais de seus membros, tratando-se de um grupo social com identidade étnica característica das comunidades afrodescendentes, com organização própria e com ato político peculiar.

Antônio Cândido (1997), relata sobre as formas como acontece a solidariedade existente entre os moradores camponeses, demonstrando como eles são unidos entre si, reforçando o espírito de união e de trabalho coletivo. Relata ainda a questão da religiosidade, das festividades religiosas, que são percebidas como uma maneira de maior aproximação entre eles, somando o espírito de colaboração, de coletividade, e buscando melhores formas de organização e de convivência. É por meio do trabalho que acontece essa organização e que se fortalece o princípio de coletividade, desde o período da escravidão. Isso faz com que o trabalho seja um aliado na luta pela subsistência.

A Comunidade também entende que sua organização política e social em uma Associação de Moradores os coloca na condição de reivindicar seus direitos a partir de uma representação que fala pelo todo. É pela Associação que se discutem suas demandas e se estabelecem as pautas de reivindicações junto aos poderes públicos e à sociedade em geral.

Entretanto, as reuniões são importantes também por proporcionar o encontro de pessoas:

[...] as reuniões podem ser vistas também como um elemento importante na construção desse universo social, na medida em que criam um espaço de sociabilidade que contribui para a consolidação de redes de relações que atravessam a estrutura formal das organizações, estabelecem alguns dos parâmetros e mecanismos para as disputas pelo poder no seio dessas organizações, possuem uma dimensão de construção ritualizada de símbolos coletivos e colocam em ação múltiplas concepções ou representações relativas à natureza das organizações de trabalhadores e ao papel de seus dirigentes e membros, bem como sobre a natureza da própria categoria que essas organizações se propõe a representar. (COMERFORD, 1999, p.46)

As reuniões ordinárias da Associação de Moradores de Lajeado realizadas todo segundo domingo de cada mês na casa da Associação acontece por via da oralidade. Os diálogos se travam em prosa, e nessas conversas ocorre compartilhamento de ideias, troca de informações, esclarecimentos de situações, tomadas de decisões e encaminhamentos.

Em meio às discussões e decisões dos adultos, as crianças também vão se organizando como sujeitos quilombolas. Elas se apropriam e dão significado aos conhecimentos produzidos nesses espaços, visto como muitas delas participam e se colocam nos espaços/tempos de diálogo pelo fato de acompanharem os pais.

Ser quilombola é ser muito alegre, é ser negro, não ser racista, fomos castigados, mas isso não tira a nossa alegria (Lílian, 2020)¹⁴.

Com base na fala de Lílian, pode-se entender como traz Weber (2004), que na crença da relação de origem, incide por um processo necessário para a formação da consciência política de comunidade, uma vez que é essa comunidade política que normalmente percebe o valor do grupo étnico, que, nesse ponto de vista se torna o elemento que promove as relações comunitárias permitindo sua continuidade.

Segundo relatos orais, a comunidade sempre foi muito organizada, e os problemas se resolvem com a participação dos moradores.

No convívio e nas relações estabelecidas com a Comunidade de Lajeado, percebe-se que sobre o quesito interação há união entre as pessoas da Comunidade, com frequência Vó Camila (2019) nos orientava “é importante união para fortalecer e alcançar os objetivos do grupo¹⁷.”

Tia Ana (2020) em uma de nossas prosas menciona que: “Aqui muita coisa nós *“reúne”* para fazer juntos. A gente faz os adjuntos¹⁸ e faz mais rápido o serviço¹⁹. Essas atividades na Comunidade representam momentos de adjuntos que fortalecem os laços de amizade e solidariedade comunitária. Participar desses momentos é uma forma de divertimento que traz prazer e satisfação aos envolvidos.

Na área da saúde, esses remanescentes de quilombo fazem uso das práticas populares e tradicionais, de plantas medicinais, fitoterápicos, remédios caseiros e benzimentos. O termo “remédio caseiro” compreende recursos bem amplos, incluindo a utilização de ervas, de partes de animais ou minerais para fins terapêuticos preparados em ambiente caseiro, e de elementos cultivados nos próprios quintais ou no cerrado. Há uma diversidade de procedimentos nessas práticas e um dos mais usados é o benzimento contra quebranto, mau olhado e arca caída. Essas pessoas também buscam apoio no Sistema Único de Saúde (SUS), para aquisição de medicamentos, serviços médico-odontológicos, análises clínicas e transportes em ambulâncias para outras localidades.

Minayo (2006), afirma que a vivência da saúde e da doença traz alterações para o corpo e o espírito. Diante disso, os profissionais de saúde devem considerar

¹⁷ Reunião ordinária da Associação dos remanescentes realizada no dia 12 de maio de 2019.

¹⁸ Grupo de pessoas que se reúnem para trabalhar durante a colheita ou no roçado, sem receber remuneração, geralmente em benefício de uma delas.

¹⁹ Conversa informal realizada no dia 10 de janeiro de 2020.

os valores e as crenças das pessoas, expandindo seus conceitos e tornando mais inclusivas suas maneiras de abordar os problemas com que convivem no dia a dia.

É importante observar, nessa perspectiva, que o modo de vida desses povos tradicionais coopera com a preservação do meio ambiente e com uma vida sustentável. Preservar os valores é conservar a natureza e conseqüentemente sua própria história. Sabe-se que na natureza, quando se destroem as espécies, o equilíbrio ecológico se torna frágil; e assim também é com a cultura, quando práticas e vivências são suprimidas; tem-se como estratégia para salvar a biodiversidade justamente preservar as culturas tradicionais.

Os lajenses têm uma forte relação com elementos do território como o rio, a terra e o cerrado. Tem como seus principais modos de produção a agricultura e pecuária de subsistência, além da produção de farinha. Mandioca, arroz, abóbora, feijão, milho e gergelim constituem a produção agrícola elementar dos moradores cultivada em pequenas roças de toco e, por conseguinte, suas principais fontes alimentares.

A comercialização de produtos é uma atividade insignificante na Comunidade, pelo fato da pequena produção. A economia também é mantida pelo cultivo de cereais nos quintais e criação de animais. Os trabalhadores quilombolas da Comunidade de Lajeado almejam utilizar certas áreas existentes no território propícias ao desenvolvimento da agricultura e pecuária em maior quantidade.

Embora os períodos de seca e a falta de insumos para o cultivo da roça, poucas das famílias vivem em situação econômica precária. De uma forma geral, não são pessoas paupérrimas, que passam fome, não têm roupas para vestir ou lugar para morar. É certo que algumas famílias possuem o poder de consumo maior do que a maioria. Durante a pesquisa houve depoentes que comentaram que na Comunidade as pessoas se ajudam. É verdade que foi observado por diversas vezes nesses momentos onde alguém ajudava outra pessoa, trazendo um pouco de carne, milho verde, mandioca, uma abóbora, etc. Também muita das famílias recebem dinheiro dos familiares que estão trabalhando na cidade. Mesmo assim, é impossível generalizar a população da Comunidade de Lajeado a partir de suas condições econômicas.

O Rio Manuel Alves é fonte de água para beber, para banho, para preparação de alimentos, para lavagem de roupas e vasilhas e para a pesca de subsistência.

Entre os moradores da Comunidade existem aposentados/pensionistas que contribui com sua renda na manutenção de suas famílias. Outra fonte de renda são os benefícios que recebem do Programa Bolsa Família. Tem também alguns servidores públicos da esfera municipal e estadual. Adultos que não conseguem um dia de trabalho nas fazendas vizinhas buscam em outras no município ou fora dele.

A pesquisa de campo demonstra uma realidade bastante difícil, em consequências do fator terra que a população quilombola ainda não possui por totalidade.

Ao citar a cultura quilombola para pensar como acontece na Comunidade de Lajeado, menciona-se que a cultura deve-se ser envolvida de uma forma ampla, englobando o dinâmico processo de socialização dos remanescentes quilombolas, as representações, os significados, os valores éticos e modos de ver e viver no mundo, como assegura Laraia (2014) “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma mesma cultura”.

Para falar sobre a cultura quilombola da Comunidade de Lajeado faço referência inicialmente às experiências encantadoras que tive com a roda de sússia. A roda de sússia é definida como:

Uma manifestação cultural na qual estão inclusos aspectos sociais e histórico-culturais que constroem e reforçam a identidade dos grupos negros e quilombolas. Sendo patrimônio imaterial, a dança presente em muitas comunidades tradicionais está em processo de resgate, o que permite a preservação, valorização e fortalecimento da cultura negra (BERNIERI, FÔLHA, ALVES, MORAES e VIZOLLI, 2019, p. 58).

Nesse percurso, as pessoas da Comunidade compartilham seu legado cultural para novas gerações. Ao recordar e reviver os movimentos corporais e aqueles sons dos instrumentos, os saberes e conhecimentos transmitidos de geração em geração vão se solidificando, se rearticulando com o momento presente e fortalecendo o pertencimento àquela comunidade, àquele grupo étnico. Com a roda de sússia, por exemplo, as pessoas que aprenderam a dançar não deixam morrer essa cultura afrodescendente. Os remanescentes da Comunidade costumam fazer a roda de sússia em diversos momentos e lugares como exposto no excerto a seguir:

Numa festa que celebra uma boa colheita, numa festa de família, aniversário, festa de casamento, ou ao redor de uma fogueira de São João, ou após o terço, ou no mastro de Santos Reis, para, além disso, a roda de sùssia acontece nos pousos de Folia e também nas escolas (Celenita, 2020)²⁰.

Na dança existe a participação de crianças, jovens, adultos e idosos. Nesses momentos percebem-se elementos da dinâmica cultural local. O momento da roda é de brincadeira, de ludicidade no qual as gerações se encontram, valores são aprendidos e reconstruídos.

Figura 06: Roda de sùssia na Escola Municipal Descoberto.



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

A religião predominante na Comunidade de Lajeado é a Católica Apostólica Romana que requer a ligação da comunidade com as demais. A pouca presença da igreja católica no território faz com que os remanescentes quilombolas criem outras maneiras de expressar sua religiosidade. Por meio de suas crenças é que o social se realiza: batizados, casamentos, festas religiosas, novenas, terços com leilões de donativos, entre outros.

Os quilombolas lajenses embora não aparentam uma aproximação com os cultos de matriz africana, guarda o traçado das danças, o batuque do tambor, a sincronia dos passos, o meneio das mãos, a estreita ligação com as plantas, a benzeção e as rezas de cura. As comemorações, em sua maioria, ocorrem do

²⁰ Conversa informal realizada no dia 12 de outubro de 2020.

processo multicultural das crenças e tradições que sofreram e sofrem influência dos grupos sociais, com os quais tiveram contato.

Bernieri e Folha (2019) registram as seguintes festas que acontecem na Comunidade Quilombola de Lajeado:

[...] Festas de Reis, São José, Festa Junina. Importantes aspectos da cultura local vivenciada coletivamente durante todo o ano, as festas promovem a comunhão entre o grupo, reforçam a fé como fator cultural de grande significado, preservado pelos ancestrais (BERNIERI e FOLHA, 2019, p. 188).

Essas festas carregam consigo a memória, a tradição e a identidade da comunidade como expressão popular, configurando-se em um universo simbólico de muito valor para cada indivíduo que se dispõe a participar desses eventos. À medida que crescem crianças e jovens remanescentes quilombolas aprendem e ao mesmo tempo descobrem e conhecem cada detalhe dessas festividades, ricos em crenças e significados próprios e singulares.

Diante dos passos na Comunidade de Lajeado, pude perceber que a cultura de origem afro-brasileira é intensa e permanece, vez que os costumes dos ancestrais permanecem de maneira fortalecida. Encontrar sentido no fazer dos remanescentes do Lajeado estabeleceu analisar a legitimidade dos saberes e valores que permeiam as práticas da comunidade quilombola, suas estratégias próprias, em busca da compreensão dos usos que fazem de seu desenvolvimento.

Nesse sentido, os anciãos reconhecem a importância de compartilhar seus conhecimentos sobre tradições para os mais jovens da Comunidade, conforme especificam:

Tem a necessidade da gente passar o que a gente sabe para os mais novos, assim não deixa morrer nossas culturas e tradições (Alberto, 2021).

Quando a gente para ensinar os mais jovens eles vão ensinando para os outros mais novos, e assim nossa cultura é mantida (Ana, 2021).

Percebe-se que os anciãos quilombolas da Comunidade de Lajeado ensinando suas culturas para os mais jovens estão trazendo à tona toda a sua ancestralidade. Assim, esses anciãos, mesmo que de maneira inconsciente, usam a cultura para dar continuidade à história do quilombo de Lajeado e, conseqüentemente, buscam preservar sua cultura.

Nesta conjuntura, os demais da Comunidade reconhecem a importância desses anciãos como transmissores de conhecimentos tradicionais para as novas gerações, o que pode ser visto na fala de Lorena²¹ (2021), a seguir.

A importância dos nossos ancestrais são que eles são nossas raízes tanto familiar como cultural, isso foi passado de geração em geração, né? Principalmente as culturais que tudo que eles aprenderam no passado foi passado de geração em geração então tudo que sabemos hoje alguém ensinou para nossos pais, nossos bisavós, avós, nossa vó. Então por isso que eles são tão muito importantes para a gente e a importância dos nossos ancestrais é que sem eles a gente não conheceria nossa própria identidade, nem nossa raça nem nossa cultura. (Lorena, 2021).

As experiências de vida, as memórias coletivas e as tradições são revividas naquele momento lúdico como uma maneira de manter acessa a chama da alegria, da esperança, da união daquele grupo. Para, além disto, Stuar Hall (2009) afirma que:

Em sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade e na sua rica, profunda e variada atenção à fala; em suas inflexões vernaculares e locais; em sua rica produção de contranarrativas; e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular *mainstream*, elementos de um discurso que é diferente – outra forma de vida, outras tradições de representação. (Hall, 2009, p.324)

Como parte dos saberes tradicionais herdados dos antepassados escravos, práticas e costumes antigos são mantidos, embora haja influências sofridas a partir do contato estabelecido com outros grupos e famílias de outros municípios, estados ou regiões, além da profunda influência da liturgia da Igreja Católica.

²¹ Conversa informal em maio de 2021.

4 TÁ NA HORA DE BRINCAR: ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICAS

Nesta seção tem a intenção de tratar sobre brinquedos e brincadeiras a partir de 3 eixos orientadores. Para tanto, inicio a partir de contribuições teóricas referentes ao objeto de estudo como aspecto lúdico. Posteriormente trago discussões sobre brinquedos e brincadeiras como processos culturais. Sucessivamente apresento diálogos viáveis sobre brinquedos e brincadeiras como processos educativos, expondo conhecimentos específicos dos povos amazônicos.

4.1 Brinquedos e brincadeiras como processo lúdico

Desde os tempos remotos, as brincadeiras e os brinquedos representam formas singulares de concepção do mundo pelo ser humano, especialmente pelas crianças. Isso pode ser reconhecido quando se analisa uma mesma brincadeira em diferentes contextos sociais, geográficos e históricos. Têm-se como exemplo, as brincadeiras de roda, que se fazem presentes em diferentes culturas. Em muitas delas, a letra e melodia da música é a mesma, porém a maneira de brincar é diferente, devido aos traços culturais e ao contexto social de cada grupo. Brougère (1998) e Luckesi (2002) caracterizam-se a ludicidade como uma experiência particular baseada em repertórios sociais e culturais.

O brinquedo é considerado como um objeto cultural que, como outros objetos construídos pelos homens, possuem significados e representações (Brougère e Wajskop, 1997). Esses significados diferem conforme a cultura, o contexto e a ocasião no qual estão inseridos os objetos.

Brougère (2010) define os brinquedos em duas maneiras: em relação à brincadeira e em relação à representação social. Com relação à primeira situação, todo elemento que auxilia a brincadeira nesse momento assume a função de brinquedo, mesmo que esse objeto só receba uma função lúdica enquanto a brincadeira durar. Na segunda situação, o brinquedo apresenta como o objeto industrializado ou artesanal que é considerado como brinquedo devido às suas características físicas.

É evidente que o brinquedo apresenta um valor e tem na sua significação simbólica uma função, sendo um objeto infantil utilizado livremente e sem regra que não seja para a brincadeira em sua essência (Brougère, 2010).

[...] no brinquedo, o valor simbólico é a função. E isso é tão verdadeiro que está totalmente de acordo com a própria lógica da brincadeira. De fato, o que é uma brincadeira senão a associação entre uma ação e uma ficção, ou seja, o sentido dado à ação lúdica? (BROUGÈRE, 2010, p. 14).

Ainda segundo Brougère (2010) o brinquedo também tem o papel de oferecer à brincadeira a terceira dimensão, ao despertar imagens e significações e atribuir a percepção do tato do elemento físico ao ato lúdico, conferindo à brincadeira forma e significado na sua conjuntura.

Com brincadeira, a criança pode desenvolver a sua própria liberdade e sua expressão, bem como sua criatividade ao manuseá-los. As crianças constroem seus conhecimentos a partir da interação com os brinquedos e o meio em que vivem.

Para Kishimoto (2011), a brincadeira desenvolve o senso estético da criança e a sua opinião sobre o mundo. Esse aspecto pode ser percebido na brincadeira de casinha, de salão de beleza, os heróis da televisão, são elementos que carregam em si significados e ideologias. O modo de brincar da criança é organizado de acordo os sistemas de significado cultural do grupo a que ela pertence. No entanto, esta atividade é ao mesmo tempo reorganizada no próprio ato de brincar da criança, conforme o sentido subjetivo por ela imposto às suas ações, em interação com seus pares. Kishimoto (1999, p. 24) explica que dependendo da realidade, o brinquedo “metamorfoseia e fotografa, não reproduzindo apenas objetos, mas uma totalidade social”.

Ao brincar estimula-se a representação, a expressão de imagens e situações que representam aspectos da realidade, além de despertar um imaginário de infância, com representações ligadas pela memória e imaginação.

Para Oliveira (2000):

Por meio da brincadeira, a criança pequena exercita capacidades nascentes, como as de representar o mundo e de distinguir entre pessoas, possibilitadas especialmente pelos jogos de faz-de-conta e os de alternância respectivamente. Ao brincar, a criança passa a compreender as características dos objetos, seu funcionamento, os elementos da natureza e os acontecimentos sociais. Ao mesmo tempo, ao tomar o papel do outro na brincadeira, começa a perceber as diferenças perspectivas de uma situação, o que lhe facilita a elaboração do diálogo interior característicos de seu pensamento verbal (OLIVEIRA, 2000, p. 160).

A definição de brincadeira pode ser um exercício complexo, pois o que pode ser avaliado como brincar varia de acordo o contexto. Com isso, a brincadeira é essencial na interação e construção de conhecimentos da realidade das crianças e

faz com que se institua um vínculo com a função pedagógica da pré-escola. Para Brougère (2010),

A brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade: as coisas aí tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece às regras criadas pela circunstância. Os objetos, no caso, podem ser diferente daquilo que aparentam. Entretanto, os comportamentos são idênticos aos da vida cotidiana (BROUGÈRE, 2010, p. 106).

“É interessante observar a existência de certos padrões lúdicos universais, mesmo com diferenças regionais, variações na designação ou na existência ou supressão de certas regras”, declara Friedmann (1992, p. 97). Algumas técnicas lúdicas da infância, desse modo, excedem os limites de inserção cultural, temporal e geográfica dos grupos infantis.

Analisando esse tempo e espaço, percebe-se que as crianças compartilham rituais, brinquedos e brincadeiras que são repassados de geração em geração. Isso explica a existência de alguns brinquedos tradicionais na era dos jogos eletrônicos. As brincadeiras e os brinquedos são recriados pelas crianças e também pelos adultos. Carvalho *et al* (2003) destacam:

[...] o grupo de brinquedo é uma microsociedade em que se constituem redes de relações, em que papéis são atribuídos dinamicamente no desenrolar das interações, em que conhecimentos, regras e procedimentos são continuamente trocados, reformulados e repassados. [...] Brincadeiras são como rituais que se transmitem, repetidos ou recriados, em ambientes socioculturais distintos (CARVALHO, 2003, p. 16).

Nesse contexto, os brinquedos e as brincadeiras às vezes deixam de existir, outros se modificam e outros permanecem. Quando permanecem, segundo Carvalho *et al* (2003, p. 19), “tendem a correlacionar-se com o grau de ritualização e estereótipo das brincadeiras”.

Os brinquedos e as brincadeiras são elementos indispensáveis para adquirir conhecimentos básicos na sociedade, por isso que para autores como Vygotsky (1989), Kishimoto (1998) e Oliveira (2000), a maneira como as crianças brincam reflete seu modo de ver, viver, entender e aprender as coisas que as cercam. Portanto, são de suma importância o conhecimento e a memória no ambiente em que convivem.

Em tempos contemporâneos, em que o computador, a televisão e o celular com acesso à internet no mundo globalizado têm adquirido cada vez mais espaço, a

maioria dos pais/famílias não estimulam as brincadeiras e os brinquedos tradicionais, dando lugar às novas tecnologias.

Segundo Colhante *et al* (2012), a urbanização e a industrialização têm contribuído com o desaparecimento das brincadeiras tradicionais, processos que diminuem os espaços adequados para brincar. Sem espaço necessário para fazer brincadeiras e usar os brinquedos, com o passar do tempo resulta no desaparecimento de muitas delas do repertório cultural das crianças em consequência não são mais “aprendidos” pelas novas gerações.

A rememoração relacionada a brinquedos e brincadeiras tradicionais acontece pelas experiências, uma vez que quando as crianças brincam, elas se deparam com sinais que as gerações passadas deixaram. Então, “resgatar a história de jogos tradicionais infantis como a expressão da história e da cultura, pode nos mostrar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar e, sobretudo, maneiras de brincar e interagir. Configurando-se em presença viva de um passado no presente’ (FANTIN, 2000, p. 22).

Kishimoto (2005) reforça essa ideia, assegurando que os jogos e as brincadeiras tradicionais são manifestações naturais da cultura popular, pelo fato de ter como principal papel efetivar a vivência da cultura infantil para o desenvolvimento social da criança.

Partindo da premissa que as brincadeiras têm estado presentes ou têm recebido a merecida importância nas atividades do cotidiano das crianças para o desenvolvimento integral e cultural, é que se escolhe desenvolver uma pesquisa com essa temática.

4.2 Brinquedos e brincadeiras como processos culturais

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Diversidade Cultural define como:

[...] um conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo. Neles o indivíduo é formado desde o momento de sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os conhecimentos e valores do grupo; por eles é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social a concebe. (BRASIL, 1998, p. 132).

Nessa perspectiva, “a anatomia dos brinquedos pode revelar as entranhas da cultura e da sociedade”, como bem comenta Benjamin (1984). Na realidade, é reconhecível o notório valor cultural e histórico desses artefatos com a evidência de que fizeram e ainda fazem parte da sociedade desde a Antiguidade.

Sobre os processos culturais lúdicos, Brougère (2001) compreende a brincadeira como o lugar em que a criança traduz e recria as imagens daquilo que ela vive a partir das suas interações com o mundo. Dessa maneira, ele ressalta que a cultura lúdica é um conjunto de procedimentos que admitem tornar a brincadeira possível e que “ela não está fechada em torno de si mesma; ela integra elementos externos que influenciam a brincadeira: atitudes e capacidades, cultura e meio ambiente”.

Os brinquedos e brincadeiras produzidos pelas pessoas são inventados e reinventados a partir de relações sociais, culturais, políticas e econômicas. A convivência em diferentes culturas demonstra que os brinquedos e brincadeiras são percebidos nos diferentes movimentos culturais continuamente relacionando com eles.

Os brinquedos e brincadeiras, como o pião, a pipa, brincadeiras de rodas, etc., cria um patrimônio cultural da humanidade. Esse patrimônio ou o repertório de práticas culturais “são como rituais que se transmitem, repetidos ou recriados, em ambientes socioculturais distintos” (CARVALHO; PONTES, 2003, p. 15).

Brinquedos e brincadeiras ao mesmo tempo são produções culturais e formas das pessoas se inserirem na cultura. E por meio da brincadeira o indivíduo adentra “de forma viva e significativa no mundo das regras sociais e morais” (OLIVEIRA, 2000, p. 93).

A atividade lúdica é um elemento fundamental da espécie humana, constituindo-se como produto cultural, pela possibilidade de vivência, compreensão e reconstrução de padrões, valores e normas do grupo. As pessoas constroem cultura enquanto brincam, e a partir desse entendimento a brincadeira permite que lugares e situações novas sejam cultivados. Desse modo, a brincadeira é uma linguagem que constitui cultura:

Brincar é visto como um mecanismo psicológico que garante ao sujeito manter certa distancia em relação ao real, fiel, na concepção de Freud, que vê no brincar o modelo do princípio de prazer oposto ao princípio de realidade. Brincar torna-se o arquétipo de toda atividade cultural que, como

a arte, não se limita a uma relação simples com o real. (BROUGERE, 1998, p. 12).

Durante uma brincadeira as pessoas se interagem e nessa interação experimenta suas emoções e elabora suas experiências.

O poeta age como a criança que brinca; cria um mundo imaginário que leva muito a sério, isto é, que dota de grandes qualidades e afetos, sem deixar de distingui-lo claramente da realidade. (FREUD, 1973, *apud* BROUGERE, 1998).

Com relação à imaginação e interpretação do mundo cada criança tem sua forma específica de ver, podendo atribuir distintos significados as coisas, misturando vivências imaginárias com situações reais.

Para manutenção da cultura, é de suma importância que os brinquedos e brincadeiras sejam preservados. A Comunidade tem um papel importante nesse processo. Iniciativas como ensinar o lúdico aos mais jovens e crianças, e esta pesquisa sobre brinquedos e brincadeiras são essenciais na busca de preservação da memória do brincar quilombola lajense.

4.3 Brinquedos e brincadeiras como processos educativos

A população específica da Amazônia dá continuidade à difusão dos conhecimentos tradicionais, mesmo com as influências europeias a que foram submetidos historicamente. São conhecimentos nas formas do preparo de alimento, período e formas de caça e pesca, cultivo de plantas, brincadeiras, mistérios do cerrado entendidos por anciãos, e outros.

Essas populações criam e recriam formas de conhecimentos que sobrevivem por serem passadas de geração em geração, vão acontecendo aos poucos, no meio familiar, de pai e/ou mãe para filho e/ou filha, dos mais velhos para os mais novos, das brincadeiras mais simples para as mais detalhadas, em que uma de suas características é a oralidade. Szymanski (2001) explica que "tudo o que ocorre numa família tem um significado. Nossas ações refletem nossos modos de pensar, nossos sentimentos, nossas ambiguidades, nossas possibilidades no momento, nossas limitações".

Nos quintais, nos terreiros, na festa, no mutirão, na roça. E o que assegura a preservação da identidade cultural do grupo são os conhecimentos tradicionais:

saberes, segredos, crenças, regras, a exemplo dos povos quilombolas do Lajeado. Tem como desafio enfrentar a construção de relações interculturais pela via da pesquisa acadêmica, pois nem sempre são aceitas, devido ao privilégio epistemológico da modernidade, resultando no silenciamento dos saberes os tradicionais.

O conhecimento tradicional pode ser entendido como o “saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural, sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não-urbano/industrial, transmitidos oralmente de geração em geração” (DIEGUES, 2001, p. 14).

Os brinquedos e brincadeiras também são conhecimentos que desempenham um papel no mundo das práticas educativas, demonstram implicitamente e exercem uma função principal nas relações dentro do ambiente familiar e comunitário. O brincar faz-se necessário para a vida das pessoas, institui uma conexão entre o mundo imaginário e o mundo real.

A relação com os brinquedos e brincadeiras implica uma relação com o artefato e com as figuras inclusas na ação. "É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos." (VYGOTSKY, 1991, p. 109-110)

Os saberes também se inserem nas formas de enxergar os modos de brincar, sejam exemplo, os mais velhos sem que percebam exercem função familiar de práxis pedagógica natural, pois quase sempre existe a figura de um deles na posição de ensinar as brincadeiras ou fazer os brinquedos.

Refere-se à pedagogia criada pela ancestralidade. A pedagogia que inclui na categoria de espontaneidade. Que tem a arte de transmitir conhecimentos pela a observação e audição das narrativas, onde se aprendem passagens da vida, sem a preocupação de que haja alguém de modo especial designado para ensinar, ou que exista alguém com o intuito para aprender.

De acordo Szymanski (1998), as práticas educativas acontecem de modo informal, sem um planejamento explícito, contudo, atreladas a diversas situações de vida. E por meio de atividades estimuladoras fornecidas por outras pessoas que encontraram em suas vidas, é que se dão as práticas educativas, pois acontecem de ações contínuas e repetitivas e incluem uma proposta de ser no mundo com o outro, constituindo-se numa herança cultural que possibilita a inserção desse novo membro

no mundo mais amplo. Para os quilombolas especificamente, as narrativas orais são adicionadas de subsídios simbólicos, envolvidas como atividades de natureza lúdica, participante e coletiva. Nesse sentido, há interação entre as narrativas, os narradores e a territorialidade, o parentesco, o compadrio, a vizinhança (XIMENES, 2001).

O brinquedo é um elemento da cultura que está estreitamente relacionado às atividades e tarefas cotidianas do mundo adulto, as crianças são chamadas por meio delas, aprender sobre o mundo, ou seja, com o brincar a criança aprende sobre tarefas que pode vir a ser chamada a exercer quando chegar a vida adulta.

5 MINHAS NARRATIVAS POR ENTRE INFÂNCIA E MEMÓRIAS

Nesta seção produzo narrativas do lugar onde vivi durante a infância. Compreendo um sentimento de pertencimento afetivo ao lugar, sentimento esse que marca o território do meu grupo social e étnico de pertença.

Uma das primeiras lembranças que vem em minha memória é da casa em que nasci. Era rodeada de árvores de diversos tamanhos e jeitos. Lembro-me de quando ia brincar nos arredores de casa, do quintal, do chão, das folhas, eram tantas árvores, mas, a minha paixão era precisamente por um tamboril²² imenso como o brilho do sol após a chuva, e um pé de umburuçu²³ com suas flores grandes e bonitas se definiam pela delicadeza e me fascinava.

Desse contexto de diversão fazia parte os animais: alguns bodes eram mansinhos que permitiam brincadeiras, mas havia outros que a pessoa não podia ficar de costas que os animais davam cabeçadas; as poucas vacas de leite que costumávamos nomeá-las como algo familiar: Mimoso, Rochinha, Mocha. Duque, um cachorro preto que implicava e disputava espaços e atenção com os gatos que enroscava em nossas pernas; e as galinhas gordas que eram muitas e espalhadas pelo terreiro, quando sumia alguma dessas galinhas, minha mãe sentia falta, mesmo que houvesse tantas outras.

Nos almoços de domingo ou em outras ocasiões especiais, havia como brinquedo o ganhador²⁴ da galinha, usada na brincadeira onde duas pessoas disputavam a sorte, cada um segurando uma extremidade e puxando para si. Quem ficava com a maior parte teria seu desejo atendido, ou ganhava algo combinado no início da brincadeira.

Muitas brincadeiras que me encantavam relacionava-se à natureza: correr, brincar e divertir-se nas águas cristalinas e frias dos córregos, rios e várzeas, logo depois da chuva, aonde algumas vezes chegávamos a ver exatamente o momento que as enchentes vinham. Eu junto com meus amigos de infância brincava com as nossas sombras em noites de lua cheia, no chão do terreiro uma das crianças fazia uma pose, enquanto outra riscava com um graveto desenhando a silhueta no chão.

²² O nome científico do tamboril é *Enterolobium contortisiliquum*, é uma árvore pertencente à família Fabaceae e típica do cerrado.

²³ O nome científico da umburuçu é *Pseudobombax Longi-florum*. É típica do cerrado.

²⁴ É um ossinho chamado fúrcula, é constituída pela soldadura das duas clavículas, onde ficam ancorados vários tendões usados no voo da maioria das aves.

Um lugar que lembro em que era também muito bom foi na casa de minha vó Biló. Aquela casa, seus cômodos, seu quintal, seus terreiros grandes, era o melhor lugar do mundo, que lugar bom! De bicicleta, a pé, a cavalo – recordo-me até das quedas - correndo, brincando no caminho desde sair de casa até chegar ao destino. Lá foi também o lugar de encontrar com muitos dos primos e a diversão era garantida. A época em que os familiares se reuniam era principalmente na Semana Santa, - conhecida como dias grandes, suscetíveis de acontecer muitos episódios em razão das crenças e mitos - e nos festejos de São José.

À noite sob a luz de candeias de cera de borá²⁵ ou de candeieiros abastecidos com óleo diesel costumávamos ouvir histórias contadas por minhas tias. Diante da narrativa performática diferentes emoções interferiam nos ouvintes, ficavam com olhos arregalados e muito atentos a cada impostação de voz, mímicas, gestos e suspiros emitidos pelo contador de histórias. As histórias mais contadas eram de assombração ou que havia animais como personagens (os anciãos contam que os animais no início do mundo eram falantes). De repente surgia alguém envolto num lençol branco para dar mais ênfase na história contada, os arrepios surgiam como a escuridão da noite, os olhos visualizam as cenas descritas, a imaginação corria solta, nossos sonhos, nossos medos, as pernas tremiam, olhos arregalavam, medo era tanto que fazia sentir friozinho na barriga, ou mesmo de olhar para os lados, a emoção tomava conta da noite, ao ponto de tirar o sono de muitos de nós. O ambiente da comunidade era propício. Ao som das corujas, das cigarras, dos grilos, dos sapos. Havia a do Jurumim; O cavalo e o macaco; Seu Urubu; João Rodrigues, e outras tantas. De todas as histórias a melhor de ouvir era a história de Dona Zabé. Era assim:

Era uma velhinha que pegou uma menina para criar, a menina foi crescendo, foi crescendo, a velhinha com todo cuidado com essa menina, com essa neta. Com essa menina que ela criava a velhinha criava também uma cachorrinha. Todo dia de tarde, da hora que escurecia a cachorra danava o pau a latir: Au, Au, Au Au. E a menina foi zangando-se com essa cachorra. _Todo dia essa cachorra late, que cachorro é “infarenta”, eu vou matar essa cachorra. _Não minha filha, não faz isso com a cachorrinha não, deixa a bichinha viver, home, é nossa companheirinha. _Uai

²⁵ Espécie de uma abelha. Nome científico: *Tetragona clavipes*

minha vó, mas ela só fica com esse barulho todo dia, todo dia latindo a boca da noite, e eu já abusei.

A menina promete de matar a cachorra, a velha: *_não! Você não mata minha cachorra, agora porque você está crescendo já tá querendo ser a dona da casa?... a casa é minha, eu que crio você e crio a cachorra, ela é para fazer nossa companhia. Aí a cachorrinha todo dia que ela latia, e a menina _eu vou matar essa cachorra. Passou o cacete e matou a cachorra, e a velha ficou toda contrariada. Quando foi a boca da noite vem um bichão ficou bem na frente da porta quando a menina deu fé do “zoião” disse: _Olha minha vó, olha minha vó!! A vó pergunta o que você tá vendo? Ela disse _é o bicho! Quando a velha saiu o bicho balançou a cabeça. A menina perguntou para que é esse “zoião” ? _É para te olhar! Arregalou os olhos no rumo dela e a menina ficava rodeando a vó com medo do bicho. Aí quando foi no outro dia o bicho voltou e cantou: *_Dona Zabelina, Dona Zabelina raia com seus cachorros que quero chegar, abre a porta que eu quero entrar. E a cachorra mesmo morta latiu e respondia assim: *_Zabé tá dormindo, Zabé tá dormindo, de noite sinhá, de noite sinhá, hai, hai, hai, hai estou espantada do bicho feroz, hai, hai, hai, hai, tô espantando de bicho feroz. Aí a menina disse:_ eu matei o diacho da cachorra e ainda ela late?! Essa noite então eu vou botar fogo na carniça, daí ela foi pegou a lenha botou em cima da cadelinha que já estava morta e atacou fogo. Quando foi de noite começa uma voz de novo: *_Dona Zabelina, Dona Zabelina raia com seus cachorros que quero chegar, abre a porta que eu quero entrar. Daí as cinzas da cachorra latiu já fraca: *_Zabé tá dormindo, Zabé tá dormindo, de noite sinhá, de noite sinhá, hai, hai, hai, hai, estou espantada do bicho feroz, hai, hai, hai, hai, tô espantando de bicho feroz. Aí a menina disse: _mas oh cachorra pirracenta! já matei, ainda a cinza fica cantando. Levantou de manhã e não foi fazer outra coisa não, pôs uma bacia, juntou a cinza, botou na bacia e foi jogar no rio e disse: _agora eu quero ver você cantar. Aí depois que ela jogou a cinzas lá é que o bicho chegou: *_Dona Zabelina, Dona Zabelina raia com seus cachorros que quero chegar, abre a porta que eu quero entrar. Aí não tinha mais nem cinza para lati aí o bichão meteu a cabeça na porta derrubou os paus, a velha saiu na frente e a filha saiu atrás. Perguntaram para que é esse “zoião”? _é para ti olhar._Para que essa orelhona? _é para te abanar. E a velha começou pegar com Deus, a menina perguntando as coisas para o bicho, e o bicho respondendo. _E para que esse narigão? _é para te cheirar. _Para que essas mãozonas? _é para te pegar! Aí o bicho zapf!!! Pegou a******

menina e segurou a menina. _E para que é essa “bocona” ? A menina já gritando e chorando. _É para te engolir.

Ainda cedo, junto com as galinhas, como dizia a minha vó, a gente levantava, enrolava as bandas de couros que durante a noite eram nossas camas para aproveitar o máximo do dia que vinha surgindo. A meninada brincava de pega-pega dentro de uma barragem onde se encontravam alguns jacarés, mas não os intimidavam nem um pouco, havia competição de atravessar primeiro a barragem a nado.

Ainda na casa da vó Biló pude obter conhecimentos culinários, brincando. As mulheres ao preparar bolos, doces e outros aperitivos das festas religiosas separavam parte das massas dessa culinária e destinava para as crianças que se interessava em aprender a cozinhar. Enquanto aprendia, a gente brincava.

Recordo-me de um pé de marinho²⁶ grande de sombra fresca que localizava na entrada da mata, minhas irmãs e eu brincávamos de casinha e de escolinha debaixo dos movimentos de suas folhagens; no vai e vem do balanço, enquanto ouvia os urros dos guaribas²⁷, pensa nuns bichos barulhentos! Ora, poucas vezes vimos esses bichos. Era final de tarde.

Nessa brincadeira a gente limpava o espaço debaixo das árvores, construía casinhas usando lençóis, palha de coco, pedaços de madeira, folhas, enfeitava com flores, organizava utensílios da cozinha, com brinquedos e elementos da natureza. A comida por vezes era de “brincadeirinha” e às vezes de verdade. Em fogões e panelas de brinquedo ou cozinhas em fogões a lenha improvisados, usando trempe²⁸, panelas e comida “de verdade”. Ao brincar de casinha a gente representava os papéis sociais. Estabelecia regras. Imitava ações da labuta dos adultos. Expressava sentimentos. Relacionava problemas e soluções que passavam do fazer imaginário, para o fazer real.

As brincadeiras na escola eram praticamente as mesmas que brincávamos fora do horário de aula, sendo antes da aula e no intervalo. Corria livremente no terreiro, corria sem rumo certo, corria para sentir a velocidade e o vento, e pela simples alegria de estar correndo.

²⁶ É uma espécie de árvores de distribuição neotropical da família das meliáceas. O nome científico da árvore é *Guarea macrophylla*.

²⁷ É uma espécie de primata. Nome científico: *Alouatta guariba*.

²⁸ Tripé para apoiar panelas sobre o fogo.

A escola funcionava na sala da minha casa, e a minha mãe era a professora. Aqueles bancos de madeiras fincados no chão, o mais baixo era usado para sentar, enquanto o mais alto era o apoio para escrever. Enfileirados, sempre enfileirados.

Os poucos livros de historinhas que havia na escola eram utilizados como diversão durante a aula ou fora dela, brincava de competir procurando palavras, ou simplesmente de ouvir histórias lidas por aqueles que mais gostavam de ler. Não tem como esquecer os livros prediletos: João e Maria (Irmãos Grimm, 1985) e Dona Marta Lagarta (Lia Dalva Jacy Grosso, 1986), enquanto lia ou ouvia essas e outras histórias onde procurava respostas para as situações transportavam para outros mundos bem distantes, que despertava em mim os prazeres e descobertas. As duas histórias citadas, são deveras emocionantes. A de João e Maria era aquela versão em que devido uma situação de penúria e carência as duas crianças foram abandonadas pelo pai e a madrasta numa mata. Todas as vezes que lia, era como se fosse possível mudar o desfecho daquela história triste.

No rio de águas doces eu brincava com outras crianças da vizinhança, geralmente no período da tarde a gente corria rumo ao rio. Após lavar as vasilhas e roupas podíamos brincar. Subíamos por trilhas as margens do rio e depois pulávamos no leito e descia nadando até a fonte²⁹.

Há muito tempo, ainda quando era criança as bonecas que eu possuí eram de plástico, o seu corpo era “inteiro”, não tinha “juntas”, não movia nada. Todas seguiam a normalização do padrão loura, branca e magra, hoje percebo que reforçava o preconceito e gerava impacto negativo na autoestima e na construção da identidade das crianças, infelizmente. Certa vez fui à cidade e uma senhora me presenteou com uma boneca (loura, branca e magra, é claro), gostei demais, pois, essa boneca tinha um diferencial de todas as outras que já possuía um dia: fazia barulho de choro, se apertasse em suas costas, mas a alegria de ter uma boneca diferente não durou muitos dias, minha irmã deu banho nela, e a mesma parou de chorar, e eu chorei.

Outra maneira de brincar, era cantando. Sozinha ou acompanhada, entoava as cantigas, em diferentes ritmos e vozes, todos os envolvidos na brincadeira tinha

²⁹ Lugar do rio onde era usado diariamente para lavar vasilhas, roupas, etc.

sua vez de escolher o que iriam cantar juntos. Quando era minha vez optava pelas seguintes músicas:

Terezinha de Jesus

*Terezinha de Jesus
Deu uma queda foi ao chão
Acudiu três cavalheiros
Todos três chapéu na mão
O primeiro foi seu pai
O segundo seu irmão
O terceiro foi aquele
Que Tereza deu a mão
Da laranja quer um gomo
Do limão quer um pedaço
A menina mais bonita
Quer um beijo e um abraço.*

Meu galinho

*Há três noites que eu não durmo, oh la la!
Pois perdi o meu galinho, oh la la!
Coitadinho, oh la la! Pobrezinho, oh la la!
Eu perdi lá no jardim*

*Ele é branco e amarelo, oh la la!
Tem a crista vermelhinha, oh la la!
Bate as asas, oh la la! Abre o bico, oh la la!
Ele faz qui-ri-qui-qui*

*Já rodei em Mato Grosso, oh la la!
Amazonas e Pará, oh la la!
Encontrei, oh la la! Meu galinho, oh la la!
No sertão do Ceará!*

Pirulito que bate bate

*Pirulito que bate bate
 Pirulito que já bateu
 Quem gosta de mim é ela
 Quem gosta dela sou eu*

*Pirulito que bate bate
 Pirulito que já bateu
 A menina que eu gostava
 Não gostava como eu*

A galinha do vizinho

*A galinha do vizinho
 Bota ovo amarelinho
 Bota um, bota dois, bota três,
 Bota quatro, bota cinco, bota seis,
 Bota sete, bota oito, bota nove,
 Bota dez!*

Recordo-me de outra música que indicava para cantar, era Samba Lelê. Não fazia gestos, nem dançava, era somente a cantoria. Geralmente como tem letras curtas costumávamos repetir duas vezes ou quantas acharem necessário.

Samba Lelê

*Samba Lelê tá doente
 Tá com a cabeça quebrada
 Samba Lelê precisava
 É de uma boa lambada*

*Samba, samba, Samba ô Lelê
 Samba, samba, samba ô Lalá
 Samba, samba, Samba ô Lelê
 Pisa na barra da saia ô Lalá*

Samba Lelê tá doente

*Tá com a cabeça quebrada
Samba Lelé precisava
É de uma boa lambada*

*Samba, samba, Samba ô Lelé
Samba, samba, samba ô Lalá
Samba, samba, Samba ô Lelé
Pisa na barra da saia ô Lalá*

Ai, eu entrei na roda: Como o próprio nome indica em roda as crianças cantavam e na hora do refrão, as crianças paravam e dão alguns passos em direção ao centro. Em seguida, voltavam, de costas, à posição inicial e recomeçavam a girar.

*Ai, eu entrei na roda
Para ver como se dança,
Eu entrei na "rodadança",
Mas não sei dançar.
Sete e sete são quatorze,
Com mais sete, vinte e um,
Tenho sete namorados,
Só posso casar com um.*

*Todo mundo se admira
Da macaca fazer renda,
Eu já vi uma perua
Ser caixeira de uma venda.
Lá vai uma, lá vão duas,
Lá vão três pela terceira,
Lá se vai o meu amor,
De vapor pra cachoeira.*

Divertia-me com as brincadeiras que além de cantar tinha encenação, como a do Bom barquinho; Eu sou pobre, pobre, pobre; Boca de forno, e Apambú. As brincadeiras cantadas divertiam, animavam, além de experimentar diversas possibilidades de movimentos. Para brincar de Bom barquinho escolhia uma dupla que faziam um barquinho com as mãos, elas escolhiam um nome para representá-las que podia ser de frutas, animal, brinquedos, etc. sem revelar aos demais do grupo, daí começava cantar organizados em fila estendiam o braço e colocava a mão no ombro da criança que estava na sua frente e começava a cantar passando pelo o barquinho. Uma criança da fila ficava "presa" no barco. Nesse momento, uma das crianças que formava o barquinho perguntava se ela preferia fruta/animal etc. Dependendo da resposta a criança que estava presa no barquinho iria para trás da criança que representava a sua escolha (fruta/animal e etc.). A brincadeira continuava até que todas as crianças da fila tinham sido "presas". Depois de passar todas as crianças ficavam agarradas na cintura daquelas que representava o barquinho, cada fileira puxava para uma direção. Ganhava à brincadeira a equipe que conseguisse arrastar a equipe adversária. Enquanto as crianças passavam todos cantavam assim:

Bom barquinho, bom barquinho

“Deixa” nós “passar”

Carregados de filhinhos

Para ser meu par

Passa um,

Passa dois,

Passa três.

Na brincadeira *Eu sou pobre, pobre, pobre* a gente uma criança era escolhida para ser a mãe rica e outra para ser a mãe pobre. A mãe pobre tem muitos filhos, e a mãe rica, nenhum. Por isso, todos os outros ficam do lado da criança que é a mãe pobre. Entrelaçava os braços nas costas uma da outra criança a ponto de fazer uma ciranda aberta. Daí cantava. As crianças cantam a música abaixo, e a mãe rica substitui sempre "Maria" pelo nome de alguém do outro grupo.

"Eu sou rica, rica, rica de marré, marré, marré

Eu sou rica, rica, rica de marré deci

Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré

Eu sou pobre, pobre, pobre de marré deci
Eu queria um de seus filhos de marré, marré, marré
Eu queria um de seus filhos de marré deci
Qual deles você escolhe de marré, marré, marré
Qual deles você escolhe de marré deci
Eu queria Maria de marré, marré, marré
Eu queria Maria de marré deci
Que ofício dá a ela de marré, marré, marre
Que ofício dá a ela de marré deci."

Quando o grupo da mãe pobre pergunta "que ofício dá a ela", a mãe rica tem que pensar em uma profissão e dizer. A pessoa escolhida tem que dizer se aceita o ofício ou não. Se aceitar, passa para o lado da mãe rica. Senão, fica onde estava. A brincadeira continua até todas as crianças mudarem de lado.

Na brincadeira cantada Boca de forno, escolhia uma criança para ser o mestre que ordenava as demais crianças em achar um determinado objeto, ou cumprir uma determinada ordem. A criança que era o mestre perguntava e as demais crianças respondiam:

- *Boca de forno! (mestre)*
- *Forno! (crianças)*
- *Jacarandá? (mestre)*
- *Dá! (crianças)*
- *Tudo o que eu mandar você faz? (mestre)*
- *Faço! (crianças)*
- *E se não fizer? (mestre)*
- *Bolo! (crianças)*

A última criança a cumprir a ordem do mestre era penalizada com tapinha na palma da mão chamado "bolo". Me lembro dos tombos que acontecia ao brincar, pois exigia agilidade, velocidade para não ganhar "bolo". Bom mesmo era quando havia muita criança, pois ficava bem animado. As ordens dadas pelo mestre era pegar uma folha verde; pedir bênção para algum adulto; achar uma formiga; buscar certa fruta no pé; trazer algo com uma determinada cor; e outras. Nessa brincadeira era natural um adulto participar também na função de mestre.

Na brincadeira Apambú era feito uma grande roda e cantava a música. Todos os brincantes tinham que ajoelhar na hora que era anunciado o seu nome. A música era cantada até que citasse o nome de todos. Depois de ajoelhados, cantava novamente dando ordem para levantar um por um. Era cantado assim:

Apambú, apambú

Aroeira, matadeira

Quem tem o nome de (falar o nome de alguém da roda)

Faz favor de ajoelhar.

****Música para levantar**

Apambú, apambú

Aroeira, matadeira

Quem tem o nome de (falar o nome de alguém da roda)

Faz favor de levantar.

Sobre as cantigas de roda que mais brinquei na minha infância e que estimulava a meninada a interagir para se divertir foram:

Tantas laranjas maduras:

Tanta laranja madura menina

De que cores são elas

Elas são verdes e amarelas

Vira, (nome de uma criança da roda)

De frente para elas.

Em roda cantávamos de mãos dadas sentindo o calor que nos movia uns dos outros, introduzia na música o nome de alguém que estava brincando. A criança citada se virava de costas e continuava rodando com as outras. E a brincadeira terminava quando todas virassem.

Atirei o Pau no Gato: Fazíamos uma roda com as mãos dadas e cantava essa música girando, quando chegava à parte de imitar o berro do gato era a melhor parte, todos agachavam e gritavam bem alto: - Miau! Depois repetia a música girando no sentido contrário.

Atirei o pau no gato, tô

Mas o gato, tô

Não morreu, reu, reu

*Dona Chica, cá cá
Admirou-se, se se
Do berrô, do berrô, que o gato deu, Miau.*

Sapo Cururu

*Sapo cururu
Na beira do rio.
Quando o sapo grita, ó, maninha!
É que está com frio.*

*A mulher do sapo
É que está lá dentro
Fazendo rendinha, ó, maninha,
Pro seu casamento.*

Ciranda, cirandinha: Sabe aquela brincadeira que basta ter vontade de mexer e cantar? Pois bem. Era o que eu fazia enquanto cantava essa brincadeira de roda de mãos dadas. Girava pra um lado e para o outro. Todos falavam alto o nome de alguém que estava na brincadeira e essa pessoa entrava na roda e de dentro “*jogava um verso*”³⁰, algo bem bonito, algo que surpreendesse e encantasse a todos. Lembro-me que falávamos tipo assim: “Batatinha quando nasce se esparrá pelo chão, mamãezinha quando dorme põe a mão no coração”; “Da laranja quero um gomo, do limão quero um pedaço, do menino (a) mais bonito (a) quero um beijo e um abraço”.

*Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia, vamos dar.
O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou*

³⁰ Expressão que significa recitar ou inventar versos e quadrinhas.

*O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou
Por isso Dona Chica
Entre dentro dessa roda
Diga um verso bem bonito
Diga adeus e vai embora*

A canoa virou:

*A canoa virou,
Por deixá-la virar,
Foi por causa do (nome de uma criança da roda),
Que não soube remar.*

*Se eu fosse um peixinho
E soubesse nadar,
Tirava o (nome de uma criança da roda)
Do fundo do mar.*

As crianças giram cantando somente a primeira parte da música até o verso "Que não soube remar". Elas trocam "Pedrinho" pelo nome de um colega. O escolhido se solta, vira-se de costas para o centro da roda e dá as mãos novamente para os vizinhos. A cantoria recomeça e o grupo vai elegendo um a um os companheiros até que todos tenham sido chamados e estejam de costas. Ainda girando, eles começam a cantar a segunda parte da canção, chamando novamente os colegas, um a um. O escolhido se solta dos amigos e volta à posição original. A brincadeira termina quando todos estiverem novamente de frente para o centro da roda.

Fui no Itororó: Nessa brincadeira era necessário ter no mínimo 4 crianças. Um escolhido vai para o centro da roda, mas logo leva alguém para dançar com ele. O grupo troca "Maria" e "Mariazinha" pelo nome de um colega, que entra na roda. Esse escolhe outro para dançar com ele colocando o pé à direita e à esquerda do pé.

*Fui no Itororó,
Beber água, não achei.*

*Achei bela menina
Que no Itororó deixei.
Aproveita, minha gente,
Que uma noite não é nada.
Se não dormir agora,
Dormirás de madrugada.*

*Ó, dona Maria,
Ó, Mariazinha,
Entrarás na roda,
Ficarás sozinha!
Sozinha eu não fico
Nem hei de ficar
Porque tenho (nome de outra criança)
Para ser meu par.*

*(bis)
Põe aqui o seu pezinho,
Bem juntinho ao pé do meu
E depois não vá dizer
Que você se arrependeu.*

Coelho sai da toca: Nós marcávamos as tocas (círculos) no chão espalhadas no terreiro de casa com gravetos de maneira que cada criança ficava dentro de uma. A criança que representava o coelho ficava sem toca no centro do espaço da brincadeira. Quando tudo está pronto, outra criança que tem a função de conduzir a diversão diz: "Coelhinho, sai da toca!" As crianças que estão no centro têm que tentar ocupar as tocas que ficam vazias enquanto as demais procuram uma nova toca. Quem ficar sem toca, vai para o centro e a brincadeira recomeça. Essa era das brincadeiras que não podia faltar nas noites de lua cheia. Aquele clarão combinava muito bem com brincadeiras ao ar livre.

Passa o anel: Essa brincadeira como não exigia muitos movimentos normalmente nós brincávamos sentados em bancos de madeira ou numa banda de

couro. Uma criança era escolhida para sair daquele espaço para ser o adivinhador. Cada participante juntava as mãos, palma com palma. O passador da vez ia “cortando” as mãos dos outros até deixar, discretamente, o anel em uma delas. Então, ao terminar a rodada o passador chamava aquele que tinha se retirado no início, e recitava o verso: “*meu anelzinho rodou, rodou, e em que mão ficou?*”. O adivinhador respondia. Se ele acertasse, seria o próximo passador. Essa brincadeira diversas vezes tinha a participação de um adulto, como mães, tias ou avós, geralmente na função do passador.

Muitas vezes nós inventávamos os brinquedos e brincadeiras. Criávamos brincadeiras usando grãos. Havia uma que independente do número de participantes cada um recebia a mesma quantidade de grãos. Geralmente a gente usava milho, pelo fato de ser o que mais tinha com fartura nas nossas casas. Com as mãos para trás escolhia um tanto que era apresentado em uma das mãos fechadas e os participantes adivinhavam quantos grãos havia no total. A pessoa que acertava a quantidade ficava com todos os grãos que foram apresentados na rodada. O vencedor era quem conseguia acumular mais grãos.

Peteca: As nossas petecas eram confeccionadas por nós, com ajuda de um adulto. Eram amassadas folhas de papel para fazer a base, onde concentrava a maior parte do peso. Para fazer a extensão à gente pegava penas grandes de galinha, caso não achasse pelo monturo³¹, o jeito era pegar as galinhas para arrancar algumas penas de suas asas. E aí começava uma aventura, pegar galinha na corrida. A diversão já ganhava vida a partir desse momento. Depois de confeccionada a peteca, era divertir ao ar livre.

Bandeirinha estourou: o objetivo da brincadeira era de pegar a bandeira no campo adversário e trazer de volta ao seu campo, sem ser pego. As bandeiras eram galhos de folhas verdes. Enquanto ficava nessa expectativa de trazer de volta a “bandeira” a gente ficava repetindo um jargão que era assim:

Alguém dizia: *_Bandeirinha estourou!*

Daí o grupo adversário respondia: *Na careca do seu avô!*

Quando não havia a possibilidade de ter brinquedos, agente inventava brincadeiras que não precisavam de materiais físicos. Bastava a criatividade, era o suficiente.

³¹ Arredores dos quintais onde existe entulho.

Pula Corda: Essa brincadeira acontecia de forma individual ou coletiva. Quando acontecia coletivamente enquanto uma dupla batia para outra criança pular os demais participantes seguiam canções que definiam coreografias: *Quero saber o nome do seu namorado ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ*. Na letra em que a pessoa parava de pular, segundo os brincantes era a letra inicial do nome do suposto namorado (a). Daí nós citávamos nomes de pessoas que conhecíamos iniciados com essa letra.

Eu lembro que na casa de uma amiga havia uma barragem de águas amareladas, nós divertíamos muito brincando nessa barragem produzindo objetos que a imaginação permitia em fazer com aquele barro amarelo. Era tão bom, era algo diferente que não tinha na minha casa, então eu me alegrava quando passeava lá que não era com muita frequência.

As brincadeiras sempre ocorriam depois da escola e nos finais de semana e feriados, depois de contribuir nos afazeres de casa.

Havia as brincadeiras aliadas ao trabalho. Lembro que nos sábados que íamos buscar lenha na mata era tão bom. Nossa!!! Como era bom. Brincávamos com a diversidade de flores, carregadas em cores. E frutos do cerrado, traçados pelos sabores. Nas trilhas brincava de trançar palhas do coco, de fazer gaita com folhas de cagaita. Ao ir lavar roupas no rio brincávamos de fazer castelo na areia e de fazer armadilha com buracos também na areia. A emoção palpitava o coração de criança.

Na fase de lua cheia brincávamos muito a noite nos terreiros. Nesses dias era comum o vizinho ir à casa do outro a noite “bater papos”, aí a brincadeira rendia porque éramos muitas crianças, enquanto os adultos conversavam, as crianças brincavam. Uma das brincadeiras preferidas para esses dias era de desenhar nossas sombras no chão. Um ficava parado fazendo pose e outro riscava no chão conforme a sombra.

Havia uma brincadeira muito divertida de competição, não se restringia apenas as crianças. Lembro bem de quando o almoço era galinha já pedia para minha mãe que queríamos o ossinho do peito que chamamos de ganhador da galinha. Após o almoço às vezes colocava o ossinho no sol ou em cima da chapa do fogão de lenha para secar. Escolhia uma pessoa que quisesse competir, determinava o prêmio do ganhador e cada um puxava para um lado de maneira que quem ficasse com a parte maior do osso era o ganhador.

Havia brincadeiras que minha mãe não gostava que nós brincássemos. Esconde-esconde era uma delas. Mesmo sendo proibida, surgiam momentos que brincávamos. Recordo-me da música que por vezes era cantada para escolher a pessoa que iria procurar os demais, enquanto cantava ia tocando nas cabeças dos brincantes até a música terminar. Era assim:

*Tigelinha de água fria
Derramou na prateleira
Foi o anjo de Maria
Que chegou segunda feira
Ba-com-dê, quem saiu foi você.*

Era uma brincadeira que normalmente se brincava a noite, visto que o escuro facilitava os esconderijos. Era sucesso entre a criançada. Havia também outra brincadeira bem parecida com Esconde – esconde, que se chamava Um, dois, três, salve eu.

Um, dois, três, salve eu: Uma criança fazia a contagem, com os olhos fechados enquanto os outros participantes se escondiam. Quando terminava a contagem, ela ia à busca dos outros participantes. Ao encontrar alguém, corria para o ponto da contagem e dizia _ Um, dois, três (o nome de quem foi encontrado). Para se salvar, a pessoa que se escondeu deveria correr para o ponto da contagem e dizer _ um, dois, três, salve eu. A primeira pessoa a ser encontrada é quem contava na próxima rodada.

Outras brincadeiras, porém proibidas pela minha mãe durante a minha infância eram jiribita, baralho e cavalo de pau. Sobre a jiribita dizia que a proibição era porque crianças que divertiam com essa brincadeira viam assombrações, achavam coisas estranhas na comida, e sentiam medo a noite. Sobre o baralho a proibição era relacionada a jogo de azar e vício. E sobre a brincadeira de cavalo-de-pau, que era simplesmente fazer o cavalo de um pedaço de madeira era proibida apenas para as meninas. Os mais velhos diziam que meninas não podiam escanchar em cavalos, para não machucar as partes íntimas.

6 BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: DE ONDE VEM? PRA ONDE VAI?

Entre idas e vindas a campo foi a partir dos discursos e transcrições das narrativas sobre passado e presente que se percebe que os remanescentes quilombolas vivenciaram experiências individuais e coletivas relacionadas a brinquedos e brincadeiras. Eles identificam que essas brincadeiras tem a função de fazer uma amenização das pressões da vida objetiva.

Quando iniciei a pesquisa, a questão orientadora se deu nos seguintes termos: **Que saberes tradicionais estão presentes nos brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações³² da Comunidade Quilombola de Lajeado?** Essa foi a questão que direcionava o meu olhar, minha ação e reflexão nas atividades desenvolvidas. Após a pesquisa em campo, percebi que os brinquedos e brincadeiras de variadas formas possibilitava a criação de um espaço de convivência pela memória afetiva, ou até mesmo movimento despertado pelo brincar e suas formas.

Sabendo que o pesquisador faz parte da realidade social, sendo impossível o isolamento, esta distância entre pesquisador e pesquisado que caracterizaria a relação de objetividade e neutralidade científica, essa pesquisa levou em conta a não neutralidade da pesquisadora. A criação do próprio discurso das pessoas participantes da pesquisa tinha uma relação com o lugar social ocupado pela pesquisadora, o de pesquisadora universitária, e, foi na relação pesquisados/pesquisadora que os discursos das pessoas da Comunidade de Lajeado foram sendo esboçados.

As atividades desenvolvidas no trabalho de campo - documentadas em áudios, fotos e vídeos depois transcritas pela própria pesquisadora - foram realizadas nos quintais e terreiros das casas dos sujeitos da pesquisa, lugares esses que foram e são mais propícios para dar início a brincadeira. Também usei o diário de campo, anotando com atenção – modos das pessoas imitar os barulhos nas brincadeiras, de contar quem eram os que tomavam frente das rodas, alguns detalhes de conversas entre os depoentes, impressões sobre os momentos mais marcantes, questões para enfatizar nas discussões do campo, etc. – e algumas ideias surgidas como: procurar saber onde eram apanhados os materiais de

³² Cada grau de filiação de pai a filho; conjunto de pessoas nascidas em um mesmo período (Dicionário On line Aurélio).

produção dos brinquedos, se ainda tem brinquedos guardados da época de suas infâncias; observar os brinquedos encontrados nas casas; prosar com eles, possibilitando ouvir comentários a respeito dos brinquedos e brincadeiras das crianças de hoje em dia, por exemplo; acompanhá-los no trabalho da lida, etc.

Assegura-se que os depoimentos foram bastante intensos, memoráveis, agradáveis e, principalmente, muito divertidos. Foram momentos de muitas risadas. Vários vínculos foram se constituindo em torno das vivências criadas pelas atividades desenvolvidas sobre brinquedos e brincadeiras – observação, rodas e oficinas, em que foi falado de brinquedos e brincadeiras com um tom de saudade. Pelo ponto de vista da memória, esse modo que foi brincado até pode ser mais gostoso por cada sujeito pensado hoje, do que era pensado por eles naqueles dias.

6.1 Observação participante

Durante a pesquisa de campo avistei a utilização de variados objetos e materiais nas brincadeiras das crianças da Comunidade, de fato não eram essencialmente brinquedos, mas que estavam postos juntos com demais objetos lúdicos a disposição no dia a dia.

Outra questão importante a ser considerada é que no trabalho de campo se produziu cultura e memória. Refiro-me do modo como os participantes se organizaram, vivenciaram e socialização e se produziram nesses momentos compondo uma cultura e uma memória de grupo. Como podemos ver no seguinte trecho: *Aí eu fico recordando aquele povo tudo, aquelas minha gente, tudo que Deus já chamou, aí passa até a vontade de cumê, passa o dia. É assim que eu tô, fico recordando minha neta agora da minha templa acabou, agora aqui na vizinhança não tem mais uma pessoa da minha idade, nem mais novo de que eu, mais novo tem sua vó preta, cumadre Adelina, era da era dela também e cumadre Filomena, cumadre Branca, tudo era dessa era, Branca era mulher de Manoel, mãe de Alcida (Guilhermina, 1ª geração).*

As narrativas que aconteceram nesses momentos entende que abrange produção de sentidos. Essas falas podem marcar a vida do sujeito que dela participam, conforme a sua vida, sua história, suas memórias seu tempo e segundo o que faz sentir e pensar.

As memórias trazem à tona sentimentos diversos que nos fazem refletir sobre o passado e o presente - o mesmo ocorre no caso nas famílias remanescentes do Lajeado. Uma série de direitos lhes foram suprimidos, boa parte em decorrência da ausência dos registros das memórias ancestrais.

É interessante perceber o sentido lúdico que as pessoas podem atribuir a um pedaço de pau, uma vasilha quebrada, alguns frutos, um galho seco de árvore. A brincadeira é uma mutação do sentido e da realidade que a partir da criatividade as coisas se tornam outras, diferentes daquilo que parece ser (BROUGÈRE, 2001, p. 99,100).

Figura 06. Dia de observação na labuta³³ da anciã Camila (in memoriam).



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A partir das prosas, pude perceber que houve, em várias situações, essa mutação de sentido no que diz respeito às brincadeiras com os materiais citados, sendo descartados ao final das brincadeiras, mas com a possibilidade de serem novamente buscados em outras ocasiões e novamente significados de acordo com as aspirações do momento.

A ludicidade na interação com os variados objetos recriados para a brincadeira dar autonomia e uma ação ímpar. Essa afirmação não nega a

³³ Afazeres do dia a dia.

importância de outros tipos de brinquedos; contudo, faz-se uma análise da realidade que se apresentaram os participantes da pesquisa, inclusive as crianças, percebe-se quase total ausência de brinquedos industrializados.

As experiências vividas pelas pessoas da Comunidade Quilombola de Lajeado e compartilhadas com seus pares, expressas em seus brinquedos e brincadeiras aqui narradas e analisadas, apresenta uma síntese em meio às diversas probabilidades existentes no interior dessa comunidade, em cujo contexto, certamente, há ainda muito mais para ser explorado e compreendido, em relação às especificidades dos quilombolas e particularmente das pessoas desse quilombo.

Compreende-se que na Comunidade existem festejos religiosos, momento em que as famílias se reúnem. A princípio é o momento em que os adultos unidos às crianças passeiam e divertem com os demais, que ocorre a pé, montado em animais, de moto, de carro, de bicicleta. Abaixo é possível entender qual o papel da religião na vida dessas crianças, imitando as práticas dos mais velhos:

Nós brincava assim: panhava uns pauzinhos, apanhava os paus, botava, disse que fazia o altar e aí disse que ia rezar, aí disse que tava rezando. Um dia nós estava nessa reza quando o velho Vicente chegou, tirou a capanga, tirou o chapéu, tirou o facão, botou ali debaixo. Aí ficou ali prestando atenção nessa reza, aí quando acabamos a reza ele falou: olha Marciana essa reza é que vai no céu, esta é que escuta no céu. É porque nós eram inocentes, não tinha maldade nenhuma, não tinha mau pensamento, tava era brincando, isso nós brincava muito (Guilhermina, 1ª geração).

É evidente que é possível brincar e se divertir sem um brinquedo, no sentido de um objeto em si. Em certo sentido, isso se torna interessante porque exige que a criança aprenda a usar sua criatividade e a capacidade de construir. “No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias, e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo” (Vigotski, 1991, p.65).

Os interlocutores fizeram referência a posição dos familiares em relação ao brincar, a maioria deles dizem que existe a participação na atividade. Observa-se nas narrativas a seguir sobre as brincadeiras como se dava a participação e quais os significados delas para os brincantes.

Quando o coelho entrava dentro do buraco, a onça queria pegar o coelho. E aí até que ele entrou dentro do buraco e foi embora, e a onça ficou sem ele. Eu era o coelho. Meu pai era a onça (Joelma, 4ª geração).

Nessa época da escola tinha vez que nós “torcia” mãe para ela ensinar nós alguma coisa, para nós brincar e ela sempre ficava sentada perto para ajudar nós para ensinar uma música. Era só para ensinar as músicas. (Ana, 2ª geração)

Estes relatos sugerem a participação dos familiares nas brincadeiras, fato que contribui para a transmissão dessas de uma geração para a outra. Na medida em que os adultos pode ensinar uma brincadeira nova, eles também aprendem as brincadeiras executadas pelas crianças. Estas falas refletem o papel que os pais/responsáveis executam, pois a sua presença facilita o brincar das crianças na comunidade, uma vez que esses adultos também podem vigiar se tudo ocorre bem com os pequeninos. Isto é, para os pais/responsáveis poderem ensinar outras brincadeiras e auxiliar na confecção de brinquedos. Além de ser um elo entre adultos e crianças.

Na comunidade sempre houve momentos de criatividade dentro e fora de casa, isso incentiva também as crianças a brincar nos terreiros, quintais, rios, barragens, referenciais da tradição local. Assim havia a possibilidade de escolher o lugar que gostariam de brincar. O brincar no passado era intuitivo e ocorria naturalmente porque havia grande quantidade de crianças e possibilidades de se encontrarem nesses espaços. Os relatos seguintes apontam para um espaço que é tomado pelas crianças:

Eu brincava com minhas primas, com as filhas das garimpeiras que tinha por aqui na barragem. A barragem lá é só a lama a gente batia, batia e chegava de lá só a cinza (risos). Tinha Andreia também minha prima eu brincava mais ela, Naiara quando ela tava de férias a gente pegava um bocado de limão, batia, batia, e brincava de quem achava limão dentro da barragem e ganhava os pontos. (Rejane, 3ª geração)

Amansar cavalo brabo, que no caso era pegar um pau de caraíba para montar, a gente domesticava ele, até o pau ficava quase morrendo, porque a gente muntava nele até ele ficava sem açoite para açoitar a gente, dentro da mata. (André, 2ª geração)

A gente brincava muito no rio, eu também engoli três piabas os mais velhos falavam que era pra aprender a nadar. E aprendi a nadar. (Lucas, 3ª geração)

Os terreiros, quintais, rios, barragens, são espaços sem dono e na medida em que as crianças tomam esses espaços, estes se tornam sua territorialidade. As memórias sobre a formação e ocupação do território são compartilhadas entre os remanescentes quando se remete às lembranças do lugar de origem, o que reforça

seu processo identitário. Nesse sentido, “A memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas (LE GOFF, 1994 p. 476)”. Além do mais, a memória se transforma em patrimônio cultural dos povos tradicionais, constituído pelas manifestações culturais ou pelos os saberes e fazeres que sejam produzidos.

6.1.1 Brincadequê: brinquedos, brincadeiras, lugares e modos dos lajenses

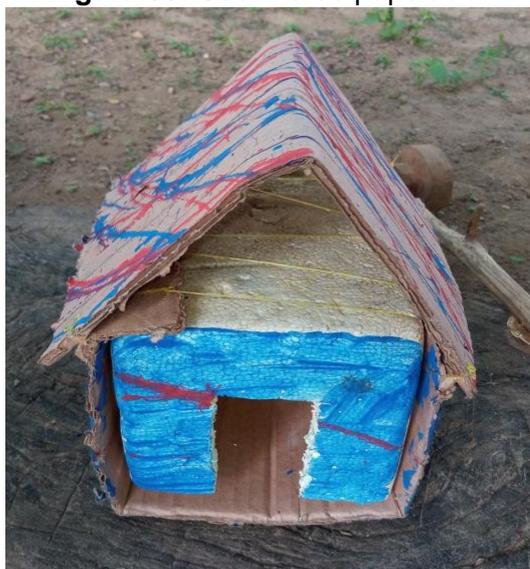
Em quase todas as ocasiões às crianças possuía um ou mais objetos em seu brincar. Foram observados brinquedos dos mais variados tipos e natureza. Igualmente, materiais diversos eram utilizados como suporte para a atividade lúdica. A maioria eram oriundos da natureza, frutas, folhas, sementes, pedras e outros.

Em relação ao desejo de obter outros brinquedos diferentes daqueles que fazem uso no cotidiano grande parte dos interlocutores respondeu que eram satisfeitos com os que eram produzidos por eles mesmos, com exceção das crianças, grupo da quarta geração, onde algumas mencionaram referências caras á indústria cultural.

Os brinquedos e brincadeiras identificadas foram: animais feitos de frutinhas, apito de taboca, bacondê/esconde-esconde, bandeirinha estourou, bater tambor, bete, bola de mangaba, boca de forno, bom barquinho, brasileiro, brincadeira de ronda/roda, brincar de rezar, brincar com gatos e cachorros, cambota, caco, cai no poço, camaleão, cantar, cantiga de ronda, carrinho, carro de umburuçu, carrinho de madeira, carrinho de rolimã, carrinho feitos de tala de buriti, cavalo de pau, comidinha, contar/ouvir história, correr, escolinha, fazer animais com frutos, fazer castelo no rio, futebol, gado de osso, gaiola, gangorra, gato e o rato, macaco, morto vivo, nunca três, onça e o coelho, ossinho de gado, passar anel, pega-pega de bola, pega-pega no rio, pegar pareia, peteca, pula corda, queima, roda, salada mista e veado na roça.

Figura 07: Três tipos de bonecas

Fonte: Arquivo pessoal, 2021

Figura 08: Casinha de papelão

Fonte: Arquivo pessoal, 2021

Figura 09: Carrinho de madeira

Fonte: Arquivo pessoal, 2021

Figura 10: Animais feitos de siriguela³⁴

Fonte: Arquivo pessoal, 2021

³⁴ Pequena fruta de cor amarela ou avermelhada, é nativa do cerrado.

Figura 11: Bola

Fonte: Arquivo pessoal, 2021

Figura 12: Peteca

Fonte: Arquivo pessoal, 2021

Figura 13: Cambota

Fonte: Arquivo pessoal, 2021

Além destes, foram citados pelos interlocutores da quarta geração também aqueles brinquedos industrializados que são recebidos de presentes de parentes e visitantes ou mesmo comprados pelos pais e que são incorporados na cultura infantil da comunidade. São carrinhos de brinquedos, bolas de plástico, bila, baralho, basquete, boneca de plástico, jogo da memória, pião, videogame, *slime* e jogo de celular.

Figura 14: Crianças brincando na Comunidade Quilombola de Lajeado

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Algumas brincadeiras eram comuns entre meninos (badoque, espingarda de buriti, luta, fazer casinha de madeira), e outras entre meninas (cassinha, paneladinha,

maquiar e bonecas de pano, de pau, de sabugo e de buriti). Sugerindo que eram brincadeiras estritamente relacionadas a um gênero específico.

Poucas pessoas disseram brincar com bicicletas, associei essa ausência de brinquedo na Comunidade com o preço. Foram citadas também algumas atividades consideradas como brincadeiras, dentre as quais: puxar cordão humano; fazer cacimba; andar de carro de boi; mergulhar no rio; montar nos bezerros; subir e pendurar nas galhas das árvores; pintar o corpo com carvão na roça; pular fogueira; e tocar boi no engenho.

As brincadeiras de roda ou ronda como são conhecida de acordo a geração que foram mencionadas são: a canoa virou; a galinha do vizinho; ai, eu entrei na roda; alecrim dourado; apambú; atirei o pau no gato; bom barquinho; ciranda, cirandinha; eu sou pobre, pobre, pobre; fui no Itororó; jogo da douradinha; meu galinho; pirulito que bate-bate; samba crioula; samba Lelê; sapo cururu; tantas laranjas maduras e Terezinha de Jesus.

Durante a pesquisa de campo foi citado por pessoas das três gerações mais velhas que haviam brincadeiras proibidas pelos pais/responsáveis, como consta nas narrativas:

De fogo, de faca. Ave Maria de brincar com fogo e faca (Maria Anita, 2ª geração).

Ah, mia fia, não deixava nós brincar com faca, pra não machucar. (Benedito, 1ª geração)

Na minha época o que era proibido era menina brincar de cavalo de pau, pai não gostava de ver a gente brincar de cavalo de pau (Ione, 3ª geração).

Não, porque dizem que aquilo ali (cavalo de pau) não era brincadeira de menina mulher não (Horacílio, 2ª geração).

Só essa mesmo, menina andar de cavalo de pau que ninguém gostava né? (Delzuíta, 2ª geração).

Em algumas das falas acima, portanto, demonstra como havia no tempo de meninice das pessoas mais velhas um ideal de separação de brinquedos e brincadeiras entre meninos e meninas. Não é o foco deste trabalho, mas não se pode deixar de notar que havia questões de gênero também nas atividades lúdicas.

Além disso, a brincadeira e o brincar são um laço intergeracional. Numas das tardes em que estive na Comunidade, conversei com Benedito, avô de algumas crianças, e que construía carrinhos de buriti. Prosamos sobre seus brinquedos e brincadeiras de infância, e sobre a infância de seus netos e demais crianças da

Comunidade que também carinhosamente os tratam de avô. Contou suas histórias de quando ainda era menino, e percebi nessa prosa que a maioria das brincadeiras das crianças da Comunidade, não era somente delas, pois são brincadeiras que um dia foi feitas por seus avós. Brincadeiras essas que vem sendo transmitidas de geração em geração, e que hoje são atualizadas de acordo os materiais existentes, manifestando as questões contemporâneas do local.

Expandindo o foco da pesquisa para dados originários da observação participante, sem dúvida a relação com o ambiente e com a exploração lúdica dos objetos disponíveis pela comunidade excede qualquer outro tipo de apoio às atividades lúdicas infantis na comunidade.

6.2 Rodas de conversa

Sabe-se que a roda de conversa é uma técnica de pesquisa que se levado a sério ela começa antes mesmo de o mediador ir ao encontro do grupo e convocá-los para a roda; inicia quando o mesmo planeja-a, buscando identificar e levar para roda assuntos que diz respeito aos que estarão presentes.

Figura 15: Roda de conversa com pessoas da 2ª geração



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Durante a pesquisa foram realizadas um total de seis (6) rodas de conversas. Sendo que (4) quatro delas houve a participação de pessoas referentes cada geração separada, e mais (2) duas rodas de conversas intergeracionais.

Tornar-se disponível para a escuta da fala do outro, nas rodas de conversas significou estar vigilante não só ao que estava sendo falado, como também aos jeitos que cada interlocutor contava suas lembranças, suas memórias, buscando compreender o contexto ao qual a fala do outro se unia.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que estava. Antes de tudo não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalhar a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois fatos nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa escavação (BENJAMIN, 1995, p. 239)

Contudo, ao realizar as rodas buscou levar o grupo a se lançar na aventura de escavação da infância brincante e dela extraírem fatos distanciando do presente.

Numa roda de conversa com as crianças percebi que logo que elas chegaram ao quintal elas tiraram os calçados no sentido de ficar mais à vontade e mais confortável para brincar. Essa organização física espacial da roda possibilitou que percebesse o jeito como o corpo das crianças vai sendo formatado para ocupar o espaço e seu lugar na roda

Ao meu lado Lázaro não quer sentar no banco, preferiu sentar uma pedra que de alguma forma estava na roda de conversa. Eduardo chama atenção para ele sentar junto aos demais nos bancos. Lázaro responde: - eu não quero, aqui na pedra é melhor para sentar. Eu não insisti para que ele mudasse de lugar já que se sentia confortável ali. (Diário de campo - 01/05/2021)

As crianças combinaram as brincadeiras e em nenhum momento pediram auxílio aos adultos que estavam por ali. Segundo Brougère,

Esse universo construído só pode ser o resultado de uma decisão de quem brinca, sem imposições diante dessa atividade, que só existe se quem brinca continuar a tomar decisões. Toda a força e o limite da brincadeira estão nessa dimensão performativa (BROUGÈRE, 2004, p. 257).

As decisões tomadas pelas crianças, às regras construídas e modificadas quando fez sentido a elas, o espaço organizado, os significados específicos fizeram com que aquelas brincadeiras permanecessem um longo tempo até que eu chamasse para dar início à roda de conversa.

Ainda nessa de roda de conversa foi um momento em que as crianças puderam ter voz, partilhar suas experiências e suas opiniões. Organizado por uma proposta a roda de conversa aconteceu em espaço determinado, numa troca de conhecimentos, afetos, emoções, sentimentos, de culturas pelos casos que se deram neste tempo/espaço.

Aprender com as crianças nos seus jeitos de ser e viver possibilita interlocução que se constitui, por ser este um dos espaços privilegiados de encontro entre pares – crianças, jovens, adultos, velhos – com todos os confrontos e constrangimentos, com todo o que foi planejado e o inusitado, com todas as alegrias e tristezas que esse encontro proporciona. Como ficou explícito nos trechos a seguir onde durante uma roda de conversa intergeracional, crianças tiveram curiosidades em saber dos mais velhos:

Selenna: _Vó, você já brincou de boneca?

Maria Anita: _Sim

Selenna: _Você já brincou de gato e o rato?

Maria Anita: _Já, quando eu lecionava que eu fui professora uns dias aí eu brincava com os alunos de gato e rato, de cantiga de roda, de Atirei o Pau no Gato, de Nunca três, de Samba Crioula: “*Samba Crioula que vai da Bahia pega essa criança e joga na bacia*”. Isso é cantiga de roda nós brincava quando eu era professora, brincava mais os meninos no campo, corria, brincava de pegar aposta para ver quem passava da professora (Prosa entre Selenna (4ª geração) e a vó Maria Anita (2ª geração)).

Eduardo: _Vó, mas qual era a brincadeira de ronda mesmo que a senhora brincava quando criança?

Guilhermina: _A musga, ah, a musga tem muitas delas, hoje eu já num lembro mais tinha uma que nós cantava: *Oh céu sereno, oh céu divino, oh céu me leva no baião dos mininos. Vamo, vamo minha gente, que essa noite não é nada, se não dormireis agora, dormirei de madrugada* (Prosa entre Eduardo (4ª geração) e a vó Guilhermina (1ª geração)).

Percebe-se que os interlocutores se abrem para a escuta da narrativa, para novos saberes e fazeres, novas significações e ações. As narrativas sobre brinquedos e brincadeiras de outros tempos, narrados pelos anciãos, despertaram encantamento, interesse e emoção nas crianças e jovens; criando vínculos simbólicos com o que foi narrado e com os narradores. Após essa prosa entre as gerações mais velha e a geração mais nova existentes na Comunidade, a vó Guilhermina mesmo com suas pernas trôpas³⁵ arrisca nos ensinar a brincadeira de

³⁵ Termo usado pelos lajenses que significa dizer quando as pernas estão sem equilíbrio total.

ronda. Orienta como o próprio nome diz que fizéssemos uma ronda de mãos dadas. Assim fizemos.

Figura 16: Brincadeira de ronda (jogo da douradinha) numa roda de conversa intergeracional



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

O adulto, o jovem e a criança operam mudanças no sentido de ser ao longo da vida, porém não invalida os tempos vivenciados anteriormente. Com esse período ficam conectados permitindo o diálogo, entendimento e identificação com outro.

Sobre as possibilidades educativas que a vivência entre gerações oportuniza Oliveira (1993), afirma que,

[...] avós e netos entre si também trabalham na prática com a busca de relações igualitárias sem perder de vista as diferenças justamente esta combinação é que permite a riqueza da coeducação de gerações Isto é de muitas influências entre as pessoas abertas Ah se modificarem conscientemente ou não com ajuda do outro (OLIVEIRA, 1993).

O autor ressalta a importância da convivência de pessoas de diferentes gerações, por meio da troca de experiências e da possibilidade de reelaboração de conteúdos culturais, e frisa também que na lida entre as gerações existe

“a não-contemporaneidade entre contemporâneos [...]. Todos vivem com pessoas da mesma idade e com outras de idades diferentes, deparando-se com várias possibilidades de experiência entre si. Para cada um, contudo, o ‘mesmo tempo’ é um tempo diferente, ou seja, representa um diferente período do seu eu, o qual só poderia ser compartilhado com pessoas da mesma idade”. (OLIVEIRA, 1993).

As crianças, como atores sociais, além de reproduzirem a cultura dos adultos, também a reinterpretem (CORSARO, 2002), demonstrando uma maneira particular de ser, de agir e de reagir, que as diferencia do modo adulto de ser. Ainda segundo esse autor, “As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares (CORSARO, 2002, p. 114)”. Como bem coloca Maria Anita (2ª geração) [...] *fazia também paneladinha, pegava um caco de prato velho, uma tigela já furada, cortava umas folhas, botava dentro, não podia nem pegar facas porque tudo a mãe reclamava com medo do perigo, cortava com outro pau, grosava, pegava uma lasca de pau, dizia que era a faca e cortava as folhas, botava nessa panela, nesta tigela e dizia que estava cozinhando. Aí chamava os mais novos de filhos, aí vem cá meu filho, os mais velhos eram os pais.*

Outro momento que percebi reinvenção na brincadeira foi no discurso de Alberto (2ª geração) “[...] *eu já era mais na coisa de tentar fazer uma casa, fazer um curral de gado, uma gaiola de buriti, prendia canário, pegava o buriti pegava as talas, as buritiranas³⁶ fazia uns apartamentos.*”

É notável que as pessoas tenham fases relacionadas à vida, as vivências de um indivíduo são, contudo, partes de um processo de formação e desenvolvimento. Afirmo isso, quando naturalmente vejo que as brincadeiras citadas por Alberto resultou em habilidades que veio desenvolver na sua vida adulta. Hoje, ele tem seu sustento com serviços de construção de casas, currais, e outros.

O brinquedo é um elemento da cultura que está rigorosamente relacionado às atividades cotidianas do mundo adulto, as crianças são chamadas por meio deles a aprenderem sobre seu mundo, ou seja, com o brincar a criança aprende sobre as tarefas que vai ser chamada a exercer quando chegar a vida adulta.

Os momentos de brincar ocorrem em grupo e individuais, reelaborando ao brincar aspectos tomados do real que lhe são significativos, assim apreendendo-o e simbolicamente representando-o. Como é apontada pelas seguintes narrativas:

Nóis brincava era de grupo logo era muito “machento” muito menino, era eu, Sebastião, Zezinho, Natividade, Nilo, Nilo era o mais pequeno, eram meus irmãos. Os vizinhos era tudo longe era lá o dia que dava certo quando não dava era nós mesmo (Benedito, 1ª geração).

³⁶ Nome Científico: Mauritiella armata. É uma fruta do cerrado.

Eu brinco só mais com meu irmão e minha irmãzinha, e também mais os meninos, Davi, Yasmim, Joelma, Juaci e os outros quando vem aqui. (Enzo, 4ª geração)

Eu brinco também de professora, de cozinhar, também brinco de bola quando os meninos jogam, os meus irmãos, ou então brinco sozinha mesmo (Joelma, 4ª geração).

Desse modo, pode-se dizer que os adultos que possuíram uma infância marcada pela vivência em grupos de brincadeiras, e forte sentimento de coletividade, mira na intenção de tentar mostrar o que supõe ser positiva para proporcionarem as gerações mais novas a garantia de experiências guiadas pela ideia que fazem de criança e de infância. Assim rememorar consiste na transferência da lembrança da esfera coletiva para o ato individual.

Em alguns momentos, quando já havia certa noção sobre a existência de algumas diversões, por meio das prosas anteriores, direcionei a prosa para confirmar ou completar as informações.

Rejane, você disse que ouvir histórias de assombração era das brincadeiras que mais divertia, fale sobre elas. Aquela de assombração meu anjo? No estilo de Jurumim? Jurumim, Jurumim estou tirando a primeira coberta. Essa aí foi dindinha que contou para mim na Escola Nova Barra. Jurumim, a mãe mandou ele comprar uma carne no açougue, eu acho que e ele ficou *intistido*, brincando mais os outros e o açougue fechou. E aí agora se ele chegasse em casa a mãe ia bater nele então ele foi no cemitério pegar caçar um jeito de achar uma carne. Aí sei que um lá diz que dava um pedaço da carne da bunda para ele. Aí ele levou essa carne da bunda do defunto. O defunto disse: - só que você vai me prometer que nem você e nem seus animais vão comer dessa carne, só sua mãe pode comer. A mãe cozinhou a carne só que ele não podia comer nem os animais, a carne tava muito cheirosa e ele aproveitou e comeu com a insistência da mãe. Mas ele não podia porque o defunto ia buscar ele. A noite, à noite ele embrulhou com cem coberta e enfiou num monte de travesseiro. Aí quando chegou mais à noite Jurumim ouviu: - eu cheguei, Jurumim Jurumim.... cadê o pedaço da minha carne? Já estou tirando a primeira coberta. E aí foi tirando, tirando, tirando até o defunto pegou ele Jurumim. (Rejane, 3ª geração)

Da mesma maneira, essas histórias propagam aquilo que Munanga (2005), assim como Hampaté Bâ (2010), analisa a finalidade das narrativas de forma ampla: falam de história, constituem a identidade profunda da comunidade, são uma arte (MUNANGA, 2005, p. 85). A narração também resulta para os velhos a potencialização da autoestima e a autoconfiança, e valorização de sua sabedoria. Silva (2011, p. 34) defende que: “Na medida em que essa cultura tem valor em termos sociais, [...] na medida em que ela faz com que a pessoa que a possui obtenha vantagens materiais e simbólicas, ela se constitui como capital cultural”.

Além do mais, instiga a mente do narrador, resultando em criação e recriação dos fatos narrados com uma riqueza de detalhes peculiares, abrangendo a ideia de que “quem conta um conto aumenta um ponto”. Assim, as narrativas têm um sentido pedagógico espontâneo (VANSINA, 2010).

Figura 17: Roda de conversa com pessoas da 3ª geração



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

Os moradores da Comunidade de Lajeado consideram que o espaço de construção do conhecimento ocorre de fato no dia-a-dia fora das escolas. É o lugar onde se respeitam primeiramente as vozes dos mais velhos, a prática e o exercício dos processos de produção e os saberes que a Comunidade valoriza por reconhecer neles a sua identificação e reprodução.

Reconhece, através do discurso construído por os sujeitos da pesquisa, a importância dos anciãos como testemunhas vivas da consolidação da Comunidade. Sabe-se que os anciãos além de falarem para a comunidade, falam por ela.

As brincadeiras acontecem a qualquer hora e lugar: nos quintais, nos terreiros, no rio, nas barragens, na roça. São qualificadas como satisfatórias, representando momentos de diversão e descontração, mesmo que as circunstâncias não estariam boas pelo fato de poucos recursos e posses, e às vezes frustrante pela falta de companhia de pares.

Jogo no campo da comunidade, jogo mais é final de semana com os meninos do lado de cá e do lado de lá (ele faz referência ao rio), da Comunidade São Joaquim (Vitor Hugo, 4ª geração).

Rapaz, vida de infância era tão bom, tão bom a gente nunca pensava no dia de amanhã. A gente brincava tanto, corria tanto, jogava bola, nadava na barragem o dia todo, não queria nem comer, esquecia até de comer, esquecia, só pensava naquele dia de hoje. (Renato, 3ª geração).

Qualquer dia, que sempre nós estudava. Aí na boca da noite no dia que seu avô Miguel não estava porque quando ele tava não deixava nós brincar. Brincava na boca da noite ainda mais quando a lua estava bonita. (Ana, 2ª geração)

Sobre o dia de brincar como já foi mencionado anteriormente não há dia exclusivo, mas existem dias mais dedicados às brincadeiras e ao descanso por serem dias que as pessoas da Comunidade não costumam trabalhar como nos demais dias:

Nós brincava no tal do dia santo porque nessa época não tinha feriado né, para nós não tinha feriado não, só dia santo aquela época o povo não falava em feriado não [...] por isso que eu digo era nos dias santo ou então quando a gente ia numa reunião ou para um terço aí ocorria mais brincadeira. A de lutar era a melhor (Alberto, 2ª geração).

Brincava mais nos domingo, dia de descanso, é domingo aí quem quisesse brincar com suas bonecas brincava (Maria Anita, 2ª geração).

Eles contaram que, mesmo trabalhando aproveitam os momentos para brincarem. Dessa forma, a participação nos deveres da lida, a exemplo disso quando a pessoas se reuniam para fazer bolos para alguma comemoração, ou na desmancha da farinha, era dado ingredientes para as crianças fazerem seus pratos. Nessa ocasião além do aprendizado havia a brincadeira. Como explica num relato oral: *Para além das e brincadeiras mais comuns eu lembro de uma que reflete muito também nas práticas atuais, ao mesmo tempo que a gente brincava que a gente achava que tava brincando os pais da gente estavam nos ensinando. Lembro muito bem que eles costumavam está fazendo bolo e as crianças entre os adultos ali querendo ajudar, com aquela disponibilidade eles disponibilizavam massa de bolo, numa vasilha separada para gente mesmo enrolar o nosso bolo, colocar nas taxas para levar no forno para assar, [...] isso acontecia também no fazer da farinha, na farinhada, na desmancha que para nós aqui é desmancha, onde a massa para fazer o beiju também era disponibilizada, podia temperar e fazer o bejuzinho no forno. (Celenita, 3ª geração)*

O lúdico não se limita a atividade de brincar, ocorre em diversas situações que variam de acordo a relação que a pessoa mantém com elas, entretanto no brincar o lúdico é essencial. Inclusive se em algum momento ele for retirado do brinquedo e brincadeira ambos desaparece, exatamente por ser a natureza do brincar.

O prazer e a seriedade não são intrínsecos a certas atividades, mas conforme o sujeito reaja o que está sendo realizado subverte a lógica. Seguindo essa linha de pensamento o lúdico não existe inicialmente, só passa a existir em consequência e conformidade de alguma coisa, podendo haver variação desse sentimento de pessoa para pessoa, e de situação por situação.

[...] quando nós ia para roça, eu e meus irmãos e minha mãe, as vezes a gente ia para plantar, ou para colher, ou para pegar lenha e no caminho era super divertido porque nós brincava de pegar pareia ou pega-pega e quando chegava na roça também principalmente quando tinha acabado de queimar a roça, eu e meus irmãos sempre nós gostava de pegar o carvão e passar na cara, no rosto, no corpo todinho. Acabava manchando, era divertido, a gente apanhava às vezes, mas era divertido. Já na fase adulta as brincadeiras, assim eu sempre gostei de brincar e aproveito enquanto professora, sempre para brincar junto com meus alunos, de futebol, de queimada, sempre essas coisas, sempre que tem uma brincadeira eu sempre faço junto. (Ione, 3ª geração)

[...] meu pai sempre usava carro de boi para buscar lenha. Tinha o dia de buscar a lenha, a gente ia e para mim era muito divertido eu estava ajudando meu pai e estava andando no carro ao mesmo tempo. Aí eu ficava na função de tocar os bois e eu sentado em cima do carro, meu pai andando e aquilo ali para mim era uma brincadeira que andar de carro, e também ao mesmo tempo eu tava ajudando meu pai. [...] brincadeira do carro com imburuçu é uma árvore do cerrado, a gente cortava ela em rodela e fazer as rodas colocavam eixo de madeira. Nesse eixo a gente colocava um gancho fazer uma cruz que era o volante. Eu aproveitava brincadeira para ir na fonte mais minha mãe e ela trelava vasilhame de 5 litros e vazias de garrafa PET e aproveitando as brincadeiras eu trazia a água para casa. (Valdivino, 3ª geração)

Essas narrativas demonstram que o caráter lúdico que essas atividades carregadas de saberes tradicionais podem adquirir, encontra-se em grande medida na infância, mas não é específico dessa etapa da vida. Na Comunidade Quilombola de Lajeado a memória dos ancestrais está presente em tantos *fazer* e *saber*, desde um simples aceno de cumprimento até a confecção de um objeto para brincar.

Essa presença da memória no cotidiano do quilombo, mesmo que em princípio exista uma visível influência da sociedade de mercado, com as lógicas de consumo, pode ser sentida tanto numa reunião de lideranças quanto nas gargalhadas das crianças. Porque há um “lugar privilegiado da memória, sendo elemento essencial do que se costuma chamar *identidade* individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade” (LE GOFF, 1994, p. 477).

Com as transformações do uso do espaço e no modo de vida, atualmente as crianças estão cada vez mais perdendo este contato com a natureza, com o rio, barragens, com as árvores e com as roças. Porém, há ainda muitas brincadeiras que resistem ao tempo.

O padrão de consumo imposto pela indústria cultural pode ser observado pelos brinquedos utilizados pelas crianças nas brincadeiras do dia a dia. Segundo Brougère (2010, p.87), “a criança, como adulto, se insere numa sociedade de consumo, onde é difícil saber por que o mundo da brincadeira deveria escapar dela”. Baseado nas falas das crianças, as quais se referem à quarta geração de pessoas da Comunidade, é possível perceber o gosto também por brinquedos industrializados. A presença de brinquedos industrializados representa um sinal de aculturação³⁷.

Eu gosto de brincar com apito de taboca, bola, basquete, de jogar videogame, carrinho, *slime*, jogo no celular, com Scoth (cachorro), com Matilda (gata), bicicleta, subir nas árvores, brincar no rio, pular corda, queimada (Lázaro, 4ª geração).

É de carrinho de madeira e peteca feita de pena de gavião, de arara e de galinha que meu vô Celeno fez, é... com meus gatos, jogo no celular e no computador, bicicleta, e gosto de ver desenhos na televisão (Eduardo, 4ª geração).

O consumismo cria a cultura do consumo desenfreado, voraz, isso afeta, sobretudo, as crianças. O exemplo dos brinquedos industrializados apresenta exatamente o processo de ruptura e coisificação do ato de brincar. Ainda assim, esse processo não deixa de ser, também, uma produção cultural que liga com o fato básico de que a cultura é dinâmica.

Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar

³⁷ Processo de mudança cultural por um agente externo, ou seja, o contato com outras culturas, termo esse utilizado desde o início do século XX, pela antropologia alemã, e a partir de 1928, pelos antropólogos anglo-saxões. (LARAIA, 2013).

comportamentos preconceituosos. [...] Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante admirável mundo novo do porvir. (LARAIA, 2014).

Diante do ataque por parte da publicidade e do apelo para que se torne em consumidoras o mais cedo possível, há vários indícios que mostram que as crianças conservam características marcantes de seus ancestrais. Por outro lado, é possível afirmar que os adultos que lidam com elas procuram incentivar as tradições dos povos quilombolas apresentando alternativas e tendências predominantes.

6.3 Oficinas intergeracionais

Benjamin, (1994, p. 37) fala que “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. Baseado em tal afirmação, deu-se início as oficinas intergeracionais de brinquedos, acreditando que o exercício da lembrança, realizado individualmente e coletivamente, poderia cooperar na aproximação dos remanescentes com seus ancestrais. Pois, o ato de fazer um brinquedo é permeado por sentidos que restituem a ideia de tempo e de memória.

As memórias compõem uma categoria muito essencial para compreender o processo de reconhecimento e afirmação dos participantes da pesquisa enquanto remanescentes quilombolas. Essas reminiscências buscam entender o jeito quilombola dos lajenses a respeito dos brinquedos e brincadeiras.

A proposta de realizar oficinas de carrinhos de madeira e de boneca de sabugo de milho se deu pelo fato de consistir nos brinquedos mais mencionados pelos sujeitos durante a pesquisa, e por conta dos materiais serem de fácil acesso.

6.3.1 Oficina de carrinho de madeira

A primeira oficina intergeracional foi realizada no quintal da Maria Anita, uma das participantes que faz parte do grupo de pessoas da segunda geração. Na ocasião estavam presentes a maioria dos interlocutores da pesquisa, outros remanescentes e demais pessoas que moram nos arredores da comunidade.

Essa oficina intergeracional aconteceu inicialmente de uma forma não prevista. Pois era uma manhã de sábado, onde as pessoas se organizavam para

logo mais, rezarem um terço³⁸ oferecido a São José. Como é natural dos povos tradicionais quando tem alguma festividade os comunitários chegam cedo para ajudar nos afazeres, e em seguida se reúnem para o café da manhã compartilhado, já que todos contribuem com alimentos que produzem na própria comunidade. No meio daquela animação toda, tive a ideia de lançar um desafio: A ideia de produzir naquele dia alguns carrinhos de madeira. As crianças vibraram em concordância. E os adultos concordaram também.

Iniciaram-se os preparativos para a produção. Foi necessário ir à mata em busca das madeiras apropriadas para tal finalidade. Todos contribuíram em todas as etapas da produção dos carrinhos e, no final brincaram juntos. Construir o brinquedo também faz parte da brincadeira. E desde a ida à mata as crianças aproveitaram a ocasião para divertir: subiram em árvores, enfeitaram com frutos de sambaíba³⁹, correram, apanharam flores, etc.

Figura18: Retirada da madeira para confeccionar carrinhos



³⁸ Momento de cultuar a uma divindade.

³⁹ Nome científico: curatella americana. Na medicina popular ela é usada, em forma de chá, extrato para cicatrização de feridas, alívio de inflamações, hemorroidas, úlceras; tanto para uso humano ou para os animais.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Ao longo das práticas, desde a coleta das madeiras na mata até o brinquedo pronto, as ações no grupo foram compartilhadas. Todos participaram de todas as etapas de produção, por meio do fazer, do auxílio, das palavras, garantindo a prosseguimento do processo, e que estabelecia um espaço de convivência, posto pelas interações que se davam a partir das diferenças existentes de cada participante no grupo. De tal modo o trabalho se dava no lugar da coexistência.

Sabendo que os quintais são espaços propícios de diversão, as pessoas já estavam acomodadas por ali, debaixo de umas mangueiras onde as apresentações iniciais foram realizadas. Não posso deixar de comentar que a existência de quintais nos remete para a produção de um espaço simbólico, que amplia a casa, amplia a vivência do lar. A seguir, optei em convidar André a partilhar memórias dos momentos de diversão com o carrinho de madeira. O mesmo contou como fazia o carrinho, quais materiais eram necessários, e suas utilidades. Procedeu-se em propiciar por meio da oralidade um espaço de discurso compartilhado onde houve trocas entre os mais velhos com os mais jovens.

No final da contação, as crianças estavam visivelmente agitadas para que continuasse a confecção. Ao perceber essa dificuldade, assumi a mediação da oficina com intuito de tranquilizar o grupo. De algum modo, era normal que as crianças buscassem jeitos e atitudes para existirem naquela interação. Foi organizado de forma que um adulto auxiliasse cada duas crianças na confecção do

brinquedo. As pessoas das gerações mais velhas se surpreendiam com a euforia, orientando às crianças que tivessem *estilos*⁴⁰.

Figura 19: Oficina de carrinhos de madeira



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

É importante destacar que se iniciou a oficina intergeracional de brinquedos pela manhã. Paramos para o almoço, e em seguida houve o terço. E somente continuou a oficina no final da tarde, onde concluiu a produção dos carrinhos para em seguida irmos brincar. Foi nítido perceber o prazer estampado no rosto das crianças durante a oficina, podendo considerar que era pelo fato de saberem que após a produção iriam brincar com os artefatos produzidos.

A gestão do tempo, como procedimento de existir em conjunto, em que todos vivem a construção de significados coletivos, traz uma noção de dia leve, sem a pressão da medição regulada do tempo. Assim, as pausas dentro da atividade de fazer os brinquedos, como as pausas para o almoço, apenas se somam de novos sentidos, porque há uma percepção de continuidade da tarefa que se estava fazendo.

Figura 20: Carrinhos de madeira confeccionados na oficina.

⁴⁰ Para os lajenses a palavra se refere a “bons modos”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Figura 21: Brincadeira com carrinhos de madeira após a oficina.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

6.3.2 Oficina de boneca de sabugo de milho

Realizou-se também uma oficina intergeracional de bonecas de sabugo. As bonecas de sabugo, de pano, de pau e industrializada foram bastante citadas como brinquedos de meninas durante a pesquisa. A primeira providência foi decidir em qual dos terreiros iria realizar a oficina, já que os terreiros é o território mais propício para acontecer brincadeiras com bonecas. A oficina aconteceu no terreiro da casa de Ana, e foi ela quem a conduziu.

Os assentos foram organizados em forma de roda. Iniciou-se a oficina proseando sobre bonecas. Pude observar que houve em parte uma classificação por gênero, pois somente meninas, com exceção de um menino participaram da oficina de boneca de sabugo. Os participantes puderam compartilhar com os demais suas lembranças relacionadas às brincadeiras com os diferentes tipos de bonecas. Após esse momento, Ana contou que a sua mãe quem a ensinou a fazer esse tipo de boneca, e prosseguiu:

Aí ia fazendo a roupinha. Você pega o sabugo. Bota saia. Bota a blusa e vou colocar o lenço. Com essa bonequinha a gente brincava o dia todinho (Ana, 2ª geração).

A oficina de boneca de sabugo de milho houve a participação das crianças com suas mães e avós, que se aproximaram envolvendo diferentes gerações na mesma atividade.

Figura 22: Oficina intergeracional de boneca de sabugo



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Nesse momento refleti sobre a importância dos participantes, crianças, jovens, adultos e velhos, de ter a experiência de produzir coletivamente brinquedos. Nessa ação percebem-se princípios considerados fundamentais para as vivências do povo quilombola, o fazer junto e o contato com materiais da natureza.

Figura 23: As bonecas criando forma nas mãos dos brincantes



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A produção das bonecas de sabugos transformou aquele momento num espaço de convivência. Para cada participante, aquela vivência possuía um significado único. Ali todos partilharam saberes e fazeres da experiência intercalando-se os papéis: ora eram narradores, ora eram ouvintes, numa composição de perspectivas e de olhares sobre as reconstruções narrativas dos sujeitos presentes. A construção coletiva gerou um espaço de convivência onde possibilitou uma situação favorável de aprendizagem.

Para conceituar brincadeira, usei definições apontadas por Friedmann (1992), que afirma que a “brincadeira tem um papel especial e significativo na interação criança-adulto e criança-criança. Através da brincadeira, as formas de comportamento são experimentadas e socializadas” (FRIEDMANN, 1992, p.26).

Durante a oficina, notei movimentos realizados com os materiais da produção do brinquedo: sabugo, palhas de milho e outros que quiseram utilizar. Observando

esse movimento reconheci que cada pequeno gesto realizado por crianças, jovens e senhoras era uma manifestação, um sentimento que estava dentro da pessoa e que se revelava. Ficaram evidenciados momentos de recordação, de descoberta, de exploração, de ajuda, de satisfação, de sorriso.

A relação que se constituía entre muitos dos participantes e o brinquedo não usual por eles, era o foco. Essa foi uma ocasião em que convidava o grupo para descobertas e memórias. O brinquedo era “uma imagem num objeto e num volume” (Brougère, 200, p. 21). Surgiram variadas brincadeiras antes (com os materiais), durante e após a oficina.

Enquanto as bonecas iam criando forma nas mãos dos brincantes, surgia ali uma nova brincadeira: havia sujeitos que cantarolava enquanto produzia:

*Olê mulher rendeira,
Olê mulher rendar,
Me ensina fazer renda
Que te ensino a namorar!*

Assim os interlocutores constituíam suas próprias relações com o brinquedo. Para Brougère (2001, p.9), “o brinquedo não condiciona a ação da criança, ele lhe confere um suporte determinado, mas que ganhará novos significados através da brincadeira.” Com isso, percebe-se que a oficina de brinquedos não apresentava uma nova maneira de brincar, possibilitou a manifestação do que já existia, ou seja, do que estava oculto no grupo.

Figura 24 : Bonecas de sabugo confeccionada na oficina.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

No final da oficina, as crianças foram explorar o brinquedo. Foram convidadas a brincar do jeito delas, tornando possível a criação de um espaço para algo novo acontecer, para conviver.

O brincar não possui finalidade pré-estabelecida, ele acontece no momento da brincadeira e para quem brinca. Brougère (2001, p.102) ressaltou que “essa situação, frívola diante da parada das obrigações e condições da vida cotidiana, surge como um espaço único de experiências para aquele que brinca”. Essa observação de Brougère sustenta o jeito quilombola dos lajenses, pois umas das coisas que transitam na Comunidade Quilombola de Lajeado são os sentidos dados ao ócio, ao tempo dedicado a não fazer, tempo em que se brinca, e esse tempo de brincar não é um tempo que tem um horário para brincar. A brincadeira é um tempo não prescrito, como é o tempo da escola.

Refletindo sobre o processo e sobre os brinquedos que foram produzidos pelos remanescentes quilombolas na Comunidade de Lajeado durante as oficinas intergeracionais, houve ocasiões em que o grupo atuou como apoio no processo de reconstrução de informações que semelhava carência de sentido, induzindo-nos, deste modo, a pensar sobre as fontes de dados que estavam ali sugeridas: os sujeitos, suas vivências, os registros orais, etc. Essas fontes implicadas levou ao grupo entender que o esforço de lembrar exige ação, enquanto interlocução resulta em trabalho. Sugere, deste modo uma atitude diante as fontes, no pensamento de Eclea Bosi, pois “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, a experiências do passado” (BOSI, 1994 p.55).

Benjamin e Bosi definem rememorar como uma interpretação subjetiva das e entre as experiências diárias, com as vivências congeladas e perdidas no passado. Com base em tal afirmação, a memória encontra imbricada no contexto em que se vive. Assim sendo, a troca com o outro e a cooperação dele podem ser essencial no processo de rememoração.

Velhos, adultos, jovens e crianças da Comunidade, ou seja, todos os diferentes segmentos interlocutores da pesquisa demonstraram interesse e referem-se à importância do processo vivido. Diversas manifestações miraram nessa direção:

Foi um momento único, compartilhamos sobre nossas brincadeiras como, por exemplo, carinho de rolimã, esconde-esconde, boneca de pano e entre outros. Foi muito prazeroso ouvir as brincadeiras dos nossos tios, primos e

avós e ainda tivemos representação de algumas brincadeiras de infância (Lorena, 3ª geração).

Foi um momento de nostalgia, de lembrar o quanto nossa infância era divertida com todas aquelas brincadeiras, a gente revive coisas que já estavam escapando da memória. Senti saudade de quando era criança e o convívio com os amigos e a família. Remete a um momento de coisas boas em que não se preocupa com o tempo que passa. (Lucas, 3ª geração).

Da mesma forma os anciãos também apresentaram evidências sobre a importância das trocas intergeracionais, para todas as gerações existentes na Comunidade:

Foi muito bom, ensinar as crianças como fazer, me remeteu ao meu tempo de infância quando eu fabricava e brincava com os carrinhos e além do mais neste mundo cheio de tecnologia em que vivemos, essas brincadeiras são mais saudáveis e contribui muito para o amadurecimento de nossas crianças. (André, 2ª geração).

A gente tem que ensinar sobre nossos tipos de brincar para os meninos de hoje, né? Porque senão como eles vão saber? A gente aprende com eles, e eles aprende com nós velhos (Benedito, 1ª geração).

Nas manifestações sobre a importância da experiência vivida demonstram o valor atribuído às trocas intergeracionais, e os motivos alteram como se pode ser visto nos exemplos acima. Nota-se nas falas aspectos implicados na qualificação dos processos de construção de conhecimento e cultura, a importância de aprender sobre o passado deles, e a dimensão afetiva.

Os processos criativos estão vinculados aos materiais culturais produzidos. Nesse sentido, os brinquedos produzidos são vestígios que permanecem na lembrança. A criação dos brinquedos é rememorada em cantigas, em anedotas, em causos, que interliga cada pessoa num processo contínuo de existir em conjunto. Assim, a memória afetiva de quem ensina a fazer os brinquedos, como pessoas mais velhas da comunidade também se refazem nas lembranças das traquinagens e meninices que houvera outrora. Além de que as crianças, agora brincantes e criadoras de brinquedos, se percebem como continuidade de uma comunidade de pertencimento para além do traço genético que compartilham.

7 CONSIDERAÇÕES (IN) CONCLUSIVAS: PARA ALÉM DAS BRINCADEIRAS

Analisar os saberes tradicionais que estão presentes nos brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações das pessoas da Comunidade Quilombola de Lajeado não é algo simples. Ainda assim, neste texto, eu trouxe algumas discussões que demonstram como é importante a vivência dos mais jovens com a memória, a cultura e as brincadeiras e brinquedos dos quilombolas lajenses. Essa aproximação, ajuda, também, na perenidade desta cultura. Assim, defende a comunidade como espaço para continuidade dessas vivências. Conclui esse trabalho convencida de que a discussão sobre o tema não se encerrou, pois a partir dessa discussão foi aberta possibilidades para outras pesquisas, novas abordagens, novos enfoques.

Nos objetivos procurei compreender da melhor forma as minhas inquietações quanto o que poderia descobrir no campo de estudo. Destarte, identificar brinquedos e brincadeiras; verificar a permanência e as mudanças em relação aos brinquedos e às brincadeiras; e reconhecer saberes tradicionais presentes nos brinquedos e brincadeiras em diferentes gerações na Comunidade Quilombola de Lajeado, admitiu a conclusão momentânea do período da pesquisa.

Considerei importante também discutir conceitos que operaram a pesquisa: cultura, interação, território, memória e comunidade, como base ao diálogo sobre brinquedos e brincadeiras de povos quilombolas.

Para descrever o lócus de pesquisa, a Comunidade Quilombola de Lajeado, foi necessário fazer um breve relato do processo histórico da referida comunidade. Ao percorrer a história da Comunidade, deparei com negros lajenses que tem como luta o direito à sua especificidade negra, bem como buscar fazer parte do meio acadêmico, com intuito de minimizar a invisibilidade a que estão submetidos e que impedem a transmissão de suas histórias, de seus conhecimentos e de seus saberes, porque são desconhecidos por muitos, ainda que nossa presença na história da região e do estado do Tocantins seja história.

É preciso reafirmar, sempre que possível, que os saberes não se dão somente pela educação formal, sistematizada; eles são repassados principalmente pelas experiências vividas e sentidas no dia a dia, tecido por meio das relações que as crianças estabelecem com os demais com quem elas convivem. É também pelas

teias de significados e sentidos, próprios da cultura, da experiência coletiva, desse jeito comunitário de viver, que as gerações se conectam, se interligam.

Quando as performances são elaboradas com base nas histórias contadas e brincadas, como as que eu vivi na pesquisa de campo, narradas nas rodas de conversa e oficinas e percebidas nas observações brincantes, é possível sentir como os valores intrínsecos perpassados nas brincadeiras produzem pertencimento, produzem superação dos conflitos do cotidiano, produzem significados que aproximam ainda mais as pessoas.

Assim, quando me volto para o dia a dia na Comunidade Quilombola Lajeado, minha terra natal, lugar desta pesquisa, o meu olhar está entre a memória da criança que fui e a pesquisadora que agora observa, analisa e escreve sobre esse espaço cheio de significados. Algo que logo consigo diferenciar é que a passagem do tempo trouxe novos elementos para o cotidiano da comunidade. Talvez num tom até quixotesco, vejo que os brinquedos e brincadeiras das crianças de agora se diferenciam daquilo que os pais e avós brincavam. Esse é um tipo de conflito comum entre as gerações. Para a geração que está mais velha, o comportamento dos mais jovens é muito relapso, desinteressado.

Mas há tantas ressalvas a esta conclusão, de certo modo simplória, sobretudo porque não é pelo saudosismo que esta pesquisa se fez importante, nem é para restaurar um passado como se fosse um tempo ideal. A cada geração, portanto, que passa, a que vai ficando mais velha tende a ver naquela que vai se erguendo e se sobrepondo uma geração que arruína os valores. Por isso, não vou me ater aqui sobre esta querela da disputa de narrativas entre as gerações.

Vale ressaltar que uma das possibilidades apontadas nessa pesquisa, foi a produção de um documentário, que tem a intenção de colaborar para o contexto e a problemática central do estudo, promovendo a valorização das identidades e singularidades da comunidade pesquisada, a partir das proposições de brinquedos e brincadeiras.

Todavia, não posso esquecer que há sim em curso um desmonte do sentido de comunidade. Isso também é perceptível no ato de brincar. Não significa apenas olhar o tempo presente e fazer um juízo meramente geracional, como se a crítica se devesse ao fato de que as pessoas estivessem abandonando a cultura ancestral. O fato é que se trata, como já pontuado por Hall (2004), de mudanças operadas no contexto de uma sociedade de mercado.

O ato de brincar é quando as crianças se integram e refazem o sentido que a cultura traz para a vida de cada pessoa na comunidade. A vida construída por meio dos mecanismos lúdicos, utilizando objetos da vida e do campo conectam a experiência da vida com a memória ancestral. Houve um tempo em que esta relação do brincar era ainda mais orgânica porque as crianças além de conceberem as brincadeiras, normalmente fabricavam os próprios brinquedos. Essa construção dos objetos da brincadeira estabelecia ainda mais os laços de estreitamento com os mais velhos, sempre quem ajuda na fabricação dos utensílios da brincadeira.

Um dos efeitos da massificação produzida pela sociedade de mercado é a enxurrada de brinquedos industrializados e eletrônicos que povoam as cenas da infância na comunidade. Alguns, por serem exclusivamente objetos com uma obsolescência programada, logo viram lixo, outros esgotam os mecanismos eletrônicos e também ficam pelos cantos. Em comum trazem a marca da coisificação típica da economia de mercado, em que os produtos, por serem fabricados em larga escala, não guardam nenhuma relação de pertencimento com as pessoas.

Assim, a comunidade pode perder tanto o sentido próprio da infância quanto perderia também a transmissão da ancestralidade. Como o ato de brincar passa a ser uma atividade teleguiada pelos jogos eletrônicos em aplicativos de celular ou uma interação mecânica com objetos de plástico, aqueles significados que outrora eram latentes nas brincadeiras vão se apagando.

Dessa forma, sugiro uma preocupação com o desaparecimento desse repertório do contexto atual. Essa situação está ligada ao fato de quanto na nossa vida consumista, capitalista e segmentada nós não produzimos brinquedos, nós compramos brinquedos. Então quem produz são as fábricas, as indústrias. Isso traz uma característica para essa questão do brincar que é a característica da interdependência entre a família e dentro da família as crianças que brincam, e a indústria que fabrica o brinquedo.

Essa interdependência é uma característica da solidariedade que implica nas comunidades menores, de localidades rurais, onde as pessoas se conhecem mais, onde existe um pouco mais de autossuficiência. Porque as crianças que moram especificamente nessas localidades e dentro dessas caracteriza a comunidade quilombola que está sendo estudada, a criança produz o brinquedo, ela tem acesso ao ambiente criativo para produção de brinquedo.

É responsabilidade dos adultos promoverem um terreno fértil onde os brinquedos e brincadeiras tradicionais possam ser cultivados pelas crianças, espaço esse que gera memórias para elas, refaz laços afetivos, constrói sensibilidades. Por fim, resta dizer que os saberes tradicionais que estão presentes nos brinquedos e brincadeiras que perpassam as diferentes gerações das pessoas da Comunidade são vitais para a continuidade da cultura quilombola.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

_____. **Oficinas em Dinâmicas de Grupo: um método de intervenção psicossocial**. Maria Lucia M. Afonso (organizadora) São Paulo. Casa do Psicólogo, 2006.

ALAMI, S.; DESJEUX, D.; GARABUAU-MOUSSAOUI, I. **Os métodos qualitativos**. Tradução de Lis Alberto S. Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ALBERTI, V. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

_____. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de Preto, terras de Santo e Terras de Índio. Uso Comum e Conflito. **Revista do NEA**. UFPA, 1989.

ALVES, L. G. P.; BERNIERI, C. G. P.; FÔLHA, J. G. P. **A comunicação na escola como proposta para a sustentabilidade das práticas da cultura da comunidade quilombola de Lajeado**. 2019. Disponível em: <<https://even3storage.blob.core.windows.net/anais/PPGCOM.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138p.

ARRUTI, José Maurício. A negação do território: estratégias e táticas do processo de expropriação na Marambaia. IN: **Caderno de debates nova cartografia social: territórios quilombolas e conflitos**, Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA Edições, 2010.

_____. **Mocambo: Antropologia e história do processo de formação quilombola**. São Paulo: EDUSC, 2006. 370p.

BÁ HAMPATÉ. **A Tradição Viva**. In: KI-ZERBO, L. História Geral da África 1; metodologia e pré-história da África, 2 ed. rev. –Brasília: UNESCO, 2010, pp. 167-212.

BALDI, C. A. Territorialidade étnica e proteção jurídica: as comunidades quilombolas e a desapropriação. In: FERNANDES, Edésio; ALFONSIN, Betânia. (Org.) **Revisitando o Instituto da Desapropriação**, Editora Forum. p. 274-315, 2009.

BARKER, C., Pistrang, N., & Elliot, R. (1995). **Research methods in clinical and counselling psychology**. New York: Wiley.

BARTH, F. **Ethnic Groups and Boundaries**. Oslo: Universitets Forlaget, 1969.

BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro:

BAUMAN, Zygmunt, 1925- **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**; tradução Plínio Dentzien. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. [1972] São Paulo: Editora 34, 2004.

BERNIERI, C. G. P.; FÔLHA, J. G. P. Comunidade Quilombola de Lajeado (Dianópolis – Estado do Tocantins – Brasil): construção histórica e saberes ancestrais. In: MORAES, Nelson Russo de *et al.* (Orgs.). **Povos originários e comunidades tradicionais**. Vol 1. Porto Alegre (RS); Boa Vista (RR): Editora Fi; EdUFRR, 2018. Disponível em: <<http://www.editorafi.org>> Acesso em: 14 nov. 2019.

BERNIERI, C. G. P.; FÔLHA, J. G. P.; ALVES, L. G. P.; MORAES, N. R.; VIZZOLI, I; Roda da sùssia de Lajeado: alegria e ancestralidade quilombola. In: MORAES, Nelson Russo de *et al.* (Orgs.). **Povos originários e comunidades tradicionais**. Vol 1. Porto Alegre (RS); Boa Vista (RR): Editora Fi; EdUFRR, 2018. Disponível em: <<http://www.editorafi.org>> Acesso em: 08 out. 2020.

BOAS, Franz; CASTRO, Celso. **Antropologia cultural**. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 17ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRANDÃO. **Educação como cultura**. São Paulo: Mercado das Letras. 2002

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Relatório Técnico de Identificação e Delimitação da Comunidade Quilombola Lajeado**. 2016.

_____. Lei nº6040, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007 Acesso em: 01 jul. 2020.

_____. Ministério da Cultural. **Fundação Cultural Palmares**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/cultura-afro>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's – Diversidade Cultural**. Brasília (DF): 1998.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. **Revista da Faculdade de Educação da USP**. v. 24, n. 2, São Paulo, jul./dez. 1998.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

CANDAU, Vera Maria et al. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CARVALHO, A. M. A.; PONTES, F. A. R. Brincadeira é cultura. 2003 In: CARVALHO, A. M. A.; MAGALHÃES, C. M. C.; PONTES, F. A. R.; BICHARA, I. D.(Ed.). **Brincadeira e cultura**: Viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

COMERFORD, John Cunha. **Sociabilidades, falas e ritual na construção das organizações camponesas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

CORSARO, Willian. A reprodução interpretativa no brincar no faz-de-conta" das crianças. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.11, 2002.

COSTA, M. de F. V. **Brincar e Escola**: o que as crianças têm a dizer /Maria de Fátima.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Márgda Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. Editora Hucitec: São Paulo, 2001.

FAZENDA, I. (org.) **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar**: Crescer e Aprender: o Resgate do Jogo. São Paulo: Moderna, 1992.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da Psicologia Cultural. In: **Psicologia & Sociedade**.26(1), 106-115. Brasília: UnB, 2014.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília: Liber Livros, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. O Impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem. In: **A Interpretação das Culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDMAN, Marcio. **Alteridade e experiência**: antropologia e teoria etnográfica. Etnográfica, v. 10, n. 1, p. 161-173, 2006.

GREEN, Judith L.; DIXON, Carol N.; ZAHARLICK, Amy. A etnografia como uma lógica de investigação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 42, p. 13-79, dez, 2005.

GUIMARÃES, A. P. **Quatro séculos de latifúndio**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.57-99.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, editora da UFMG, Brasileira. 2009.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, Perspectiva, 2000.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista Escola de Enfermagem, USP**, v. 35, n. 2, p.115-21, jun. 2001.

INCRA. **Relatório Antropológico da Comunidade Quilombola de Lajeado - Dianópolis-To**. Palmas -To, 2016.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. 2003. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/.../10745/10260>>. Acesso em: 06 out. 2020.

KISHIMOTO, Tizuko, M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 14 ed. São Paulo, Editora Cortez, 2011.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito Antropológico**. 26.reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. **Definições e Conceitos Sobre Cultura**. Rio de Janeiro. 25ª edição. Editora ZAHAR. 2013 (1986).

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, v. IV, n. 2, p.333-334, 2000.

_____. Terra, território e territorialidade: três dimensões necessárias ao entendimento da cidadania do negro no Brasil. In: **SEMINÁRIO AMÉRICA, 500 ANOS DE DOMINAÇÃO**. 1990, Santa Catarina: Museu de Antropologia da UFSC, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A noção de estrutura em etnologia. In: **Antropologia Estrutural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989b.

_____. Raça e História. In: **Os Pensadores**. São Paulo, SP: Editora Abril Cultural, 1976. p.51-94.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas**: uma abordagem a partir da experiência interna. Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/> Acesso em: 06 set. 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPLI, 1986.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. O que é cultura. In: **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 42-47.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. - São Paulo : Atlas, 2010.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. CASTRO, Paula Almeida de (Orgs). **Etnografia e Educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, p. 49-84, 2011

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Seby Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MINAYO, M. C. S. Contribuições da antropologia para pensar a saúde. In: CAMPOS, G. W. S.; BONFIM, J. R. A.; MINAYO, M. C. S.; AKERMAN, M.; JÚNIOR, M. D.; CARVALHO, Y. M. (Orgs.). **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec, Fiocruz; 2006.

MONTAIGNE, M. E. **Ensaio**. 3 vols. Trad. Sérgio Millet, 2a ed. São Paulo: Editora da UnB/Hucitec, 1987-1988.

MOURA, Clovis. **Os quilombos e a rebeldia negra**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília-DF: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e Histórico do Quilombo na África**. São Paulo: Revista USP, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/28364/30222>

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

OLIVEIRA, A. M. B. **Memória, história e patrimônio histórico**. Políticas públicas e a preservação do patrimônio histórico. Aracaju: Editora da UFS. 2012.

OLIVEIRA, A. U. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 185-206, 2001.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: O trabalho do antropólogo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1996, v. 39 nº 1. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/111579/109656>. Acesso em 28.mai 2021.

OLIVEIRA, V. B de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Paulo S. de. **Vidas compartilhadas: O universo cultural nas relações entre avós e netos**, tese de doutoramento, USP, SP, 1993.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

RAMOS, Fabiana. **Quilombo Santa Rita do Bracuí: Diálogos de saberes e sua relação com a escola Áurea Pires da Gama**. Seropédica –RJ, 2013.

RODRIGUES, L. M.; DEUS, J. A. S. ; BARBOSA, L. D. **Reafirmação da Identidade Étnica, Etnossustentabilidade e Reterritorialização Quilombola no Vale do Jequitinhonha: Estudo de Caso do Sítio Histórico de Alto dos Bois - Município de Angelândia- Minas Gerais/ Brasil, nas Perspectivas Etnogeográfica e Etno-Histórica**. Peru: Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos, 2013.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971. 336p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014a. 392p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Hellen Mabel; MIRANDA, Eduardo Oliveira. “Eu Sou Preto, Professora?” Currículo e Multiculturalismo no Espaço Escolar: Um relato de experiência. In: **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.

SILVA, T. T. D. **Documentos de identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. **O renascer dos povos indígenas para o direito**. Curitiba: Juruá, 2006.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2001.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and society** . Michigan/EUA. Michigan University Press, 1957.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: Ki Zerbo. (Org.). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 139 -166 Vasconcelos da Costa. – Fortaleza: Edições UFC, 2012. 214 p.

VERGARA, S. M. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. 3. ed. Brasília: Editora da UNB, 1920-2004. Cap. VI, p. 267-277.

XIMENES, T. M. **Educação e violência: a produção da demanda para a educação não-formal**. In: SIMSON, O. R. M. V; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (Org.). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, SP: Editora UNICAMP/CMU, 2001. p. 41-58.

ZHOURI, A.; LASCHEFSKI, K. Conflitos ambientais. IN: A. Zhouri, & K. Laschefski, **Desenvolvimento e conflitos ambientais**. Belo Horizonte: UFMG. ANEXOS, 2010.

TESKE, Wolfgang. **Cultura Quilombola na Lagoa da Pedra, Arraias-TO**. Edições do Senado Federal, vol. 146. Brasília: Editora do Senado Federal, 2010.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

APÊNDICE A – Roteiro semiestruturado para Observação Participante e Roda de Conversa

Durante as observações participantes e rodas de conversa, as descrições serão realizadas por meio dos questionamentos, conforme o disposto abaixo:

1. Quais brinquedos e brincadeiras estão em sua memória até hoje?
2. Onde você costumava brincar?
3. Meninas e meninos brincavam juntos?
4. Acontecia de haver brincadeiras no momento de trabalho?
5. Já desejou adquirir um brinquedo e não possuiu?
6. Seus pais participavam das brincadeiras com você? De qual maneira?
7. Quem fazia seus brinquedos? Como eram feitos?
8. Existia dia exclusivo para brincar?
9. Existia alguma brincadeira que era proibida? Se sim, por quê?
10. Em sua opinião com relação a brincadeiras o que muda da sua geração para a geração mais jovem da comunidade?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
CAAE nº36272720.8.0000.5519

Você está sendo convidada, como voluntária, a participar da pesquisa: **“Brincadequê: Brinquedos e Brincadeiras no Quilombo de Lajeado”**, desenvolvida pela pesquisadora **Laurenita Gualberto Pereira Alves**, com o objetivo de compreender como seus saberes e fazeres se relacionam em processos educativos, evidenciando sua percepção na Comunidade Quilombola de Lajeado. Acreditamos que essa pesquisa possa ajudar você e sua comunidade a contar sobre seus valores, crenças, mitos, saberes, fazeres e processos educativos para que outras pessoas possam conhecer e valorizar os sentidos e significados que os brinquedos e brincadeiras representam para você.

PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Neste estudo, queremos caminhar junto com você para compreender como seus saberes e fazeres se relacionam com processos educativos. Para isso, você participará da pesquisa como sujeito dela. A pesquisadora fará contatos iniciais por telefone e por meio de visitas à comunidade, solicitará sua autorização e participação. A pesquisadora irá passar algumas semanas durante um ano na Comunidade, para conhecer ouvir sobre os valores, crenças, mitos, saberes, fazeres e processos educativos, além de vivenciar junto com você todas as atividades diárias compartilhando sentidos e significados de experiências vividas. Além disso, iremos conversar sobre brinquedos e brincadeiras e saberes tradicionais durante os momentos em que reunirem para as rodas de conversas. As observações e as conversas serão registradas por escrito e gravadas por meio de áudios e vídeos. O

conteúdo das gravações será transcrito e formará um texto. Ele será apresentado e socializado com a Comunidade que receberá uma cópia impressa do relatório final. As informações e dados coletados serão armazenados pela pesquisadora até 5 anos após o encerramento do estudo em meio digital e impresso.

RISCOS E BENEFÍCIOS

A sua participação na pesquisa pode trazer alguns **riscos**, como: Os participantes dessa pesquisa correm riscos baixos de interferência cultural em suas formas de existência, podendo ocasionar danos às dimensões psíquicas, morais, intelectuais, sociais e culturais em virtude de situações de preconceito, discriminação e estigmatização provocados pela não compreensão ou compreensão equivocada da pesquisadora sobre seus saberes, memórias, relações sociais, valores culturais, ordenações históricas e políticas, subjetividade e comunicação. (Art. 2º, inciso XVI, Res. nº 510/2016). Caso aceite participar desta pesquisa, você poderá ter como **benefícios diretos** a possibilidade de: contribuir com a discussão acerca dos saberes e fazeres da Comunidade Quilombola de Lajeado; expressar seu modo de compreensão do mundo; e possibilitar o registro dos valores, crenças e mitos da Comunidade Quilombola de Lajeado como relevância social e dos saberes e fazeres de quilombolas para os estudos sobre a Amazônia como relevância científica; e como **benefícios indiretos**: o desenvolvimento da pesquisa na Comunidade Quilombola de Lajeado poderá contribuir para garantia da demarcação e titulação de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA; tornar a Escola Municipal Descoberto que está localizada no território da Comunidade em escola quilombola; e, inclusão da Comunidade de Lajeado em projetos que apoiem ações por eles demandadas que contribuem para a gestão territorial, florestal e ambiental de seus territórios, a promoção de atividades econômicas sustentáveis e redução das vulnerabilidades sociais, culturais, ambientais e climáticas.

A pesquisadora se compromete a adotar todos os cuidados para evitar situações desconfortáveis (como interferência cultural, preconceito, discriminação e estigmatização) provocados em virtude da não compreensão ou compreensão equivocada a respeito das formas de existência, vivência, saberes, relações sociais, institucionais, valores culturais, ordenações históricas e políticas, subjetividade e comunicação dos remanescentes quilombolas de Lajeado (Art. 2º, inciso XVI, Res.

nº 510/2016). Em casos de desconforto, risco ou danos significativo gerados ao participante da pesquisa, previsto, ou não, no TCLE, a pesquisadora se compromete a discutir com os participantes as providências cabíveis, que podem incluir a interrupção ou encerramento da pesquisa e comunicar o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, para avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo, em conformidade com a seção V.3 da Resolução CNS 466/2012 e Art. 19, § 1º da Resolução 510/2016.

A pesquisadora se compromete a garantir a total segurança, respeito e reconhecimento de sua dignidade (Resolução nº 466/2012) e de seus direitos de buscar indenização nos termos da lei (conforme artigos 9. e 19º da Resolução 510/16 do CNS), de modo a evitar dano moral e/ou material a você ou a Comunidade Quilombola de Lajeado decorrente da sua participação na pesquisa. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, assim como nada será pago por sua participação.

SIGILO E PRIVACIDADE

De acordo com a Resolução nº 510/2016, referente às instruções e procedimentos de ética na pesquisa, informamos que: Sua privacidade será respeitada em todas as fases da pesquisa e você poderá decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que fornecerá as que podem ser tratadas de forma pública. A pesquisadora se responsabiliza pela guarda e confidencialidade das informações fornecidas. Caso queira, sua imagem (capturada por meio de fotos) será impressa no texto ao lado de seus depoimentos (gravados e transcritos) também no texto para lhe conceder autoria de fala nessa pesquisa. Sua autorização é condição indispensável para utilização de sua imagem e som da voz no texto da pesquisa.

AUTONOMIA

Você pode se recusar a participar da pesquisa ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem precisar justificar e que, com isso, não sofrerá qualquer penalização.

A pesquisadora e a instituição proponente nas diferentes fases da pesquisa ou em sua interrupção, proporcionarão assistência imediata, nos termos da seção

II.3, da Resolução CNS 466/2012, bem como responsabilizam-se pela assistência integral aos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes dela. Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização. É assegurada a consulta a todos os documentos que compõem essa pesquisa, antes, durante e após sua realização, oportunizando o livre acesso ao registro de consentimento sempre que solicitado bem como todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

CONTATO

Você poderá manter contato com a pesquisadora responsável, Laurenita Gualberto Pereira Alves, pelo telefone (63) 99244-7370 (Operadora claro e whatsapp) e/ ou e-mail: laurinhagualberto25@gmail.com, cuja pesquisa é vinculada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal de Tocantins (UFT).

Para acompanhamento, assistência ou qualquer reclamação e denúncia sobre este estudo, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), vinculado à Pró-reitoria de Pesquisa (PROPeq) da Universidade Federal do Tocantins, localizada à Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almojarifado, Plano Diretor Norte, 77.001-090 - Palmas-TO, pelo telefone (63) 3232-8023 ou pelo e-mail: cep_uft@uft.edu.br, em dias úteis segunda e terça das 14h as 17h e quarta e quinta das 9h as 12h.

“Os CEP são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (Resolução CNS 466/2012 n° VII.2.) e visam “estimular a participação popular nas iniciativas de Controle Social das Pesquisas com Seres Humanos, além da criação de CEP institucionais e de outras instâncias, sempre que tal criação possa significar o fortalecimento da proteção de participantes de pesquisa no Brasil” (Resolução CNS n° 466/2012, IX.2.).

A pesquisadora declara ainda que é Professora da Rede Estadual, lotada na Diretoria Regional de Ensino, localizado à Rua Padre Luso, S/nº, Centro, Dianópolis-TO. O contato pode ser feito pelo telefone (63) 3952-2304 ou pelo e-mail: dre-dianopolis@seduc.to.gov.br , nos horários de 8 às 12 horas/ 14 às 18 horas, em dias úteis.

Confirmo que fui informada verbalmente e por escrito com relação a minha participação na pesquisa e que a pesquisadora leu comigo este termo. Tive tempo suficiente para decidir sobre a minha participação e concordo voluntariamente a participar dessa pesquisa e () aceito ou () não aceito que meu nome, imagem e som da minha voz seja divulgada na pesquisa.

Assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

_____, _____ de _____ de _____

Participante da Pesquisa

Pesquisadora Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
CAAE nº36272720.8.0000.5519

Seu filho(a) está sendo convidado(a) para participar, como voluntário da pesquisa: “**Brincadequê: Brinquedos e Brincadeiras no Quilombo de Lajeado**”, desenvolvida pela pesquisadora **Laurenita Gualberto Pereira Alves**, com o objetivo de compreender como seus saberes e fazeres se relacionam em processos educativos, evidenciando sua percepção na Comunidade Quilombola de Lajeado. Acreditamos que essa pesquisa possa ajudar você e sua comunidade a contar sobre seus valores, crenças, mitos, saberes, fazeres e processos educativos para que outras pessoas possam conhecer e valorizar os sentidos e significados que os brinquedos e brincadeiras representam para você.

PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Neste estudo, queremos caminhar junto com você para compreender como seus saberes e fazeres se relacionam com processos educativos. Para isso, você participará da pesquisa como sujeito dela. A pesquisadora fará contatos iniciais por telefone e por meio de visitas à comunidade, solicitará sua autorização e participação. A pesquisadora irá passar algumas semanas durante um ano na Comunidade, para conhecer ouvir sobre os valores, crenças, mitos, saberes, fazeres e processos educativos, além de vivenciar junto com você todas as atividades diárias compartilhando sentidos e significados de experiências vividas. Além disso, iremos conversar sobre brinquedos e brincadeiras e saberes tradicionais durante os momentos em que reunirem para as rodas de conversas. As observações e as conversas serão registradas por escrito e gravadas por meio de áudios e vídeos. O conteúdo das gravações será transcrito e formará um texto. Ele será apresentado e socializado com a Comunidade que receberá uma cópia impressa do relatório final.

As informações e dados coletados serão armazenados pela pesquisadora até 5 anos após o encerramento do estudo em meio digital e impresso.

RISCOS E BENEFÍCIOS

A sua participação na pesquisa pode trazer alguns **riscos**, como: Os participantes dessa pesquisa correm riscos baixos de interferência cultural em suas formas de existência, podendo ocasionar danos às dimensões psíquicas, morais, intelectuais, sociais e culturais em virtude de situações de preconceito, discriminação e estigmatização provocados pela não compreensão ou compreensão equivocada da pesquisadora sobre seus saberes, memórias, relações sociais, valores culturais, ordenações históricas e políticas, subjetividade e comunicação. (Art. 2º, inciso XVI, Res. nº 510/2016). Caso aceite participar desta pesquisa, você poderá ter como **benefícios diretos** a possibilidade de: contribuir com a discussão acerca dos saberes e fazeres da Comunidade Quilombola de Lajeado; expressar seu modo de compreensão do mundo; e possibilitar o registro dos valores, crenças e mitos da Comunidade Quilombola de Lajeado como relevância social e dos saberes e fazeres de quilombolas para os estudos sobre a Amazônia como relevância científica; e como **benefícios indiretos**: o desenvolvimento da pesquisa na Comunidade Quilombola de Lajeado poderá contribuir para garantia da demarcação e titulação de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA; tornar a Escola Municipal Descoberto que está localizada no território da Comunidade em escola quilombola; e, inclusão da Comunidade de Lajeado em projetos que apoiem ações por eles demandadas que contribuem para a gestão territorial, florestal e ambiental de seus territórios, a promoção de atividades econômicas sustentáveis e redução das vulnerabilidades sociais, culturais, ambientais e climáticas.

A pesquisadora se compromete a adotar todos os cuidados para evitar situações desconfortáveis (como interferência cultural, preconceito, discriminação e estigmatização) provocados em virtude da não compreensão ou compreensão equivocada a respeito das formas de existência, vivência, saberes, relações sociais, institucionais, valores culturais, ordenações históricas e políticas, subjetividade e comunicação dos remanescentes quilombolas de Lajeado (Art. 2º, inciso XVI, Res.

nº 510/2016). Em casos de desconforto, risco ou danos significativo gerados ao participante da pesquisa, previsto, ou não, no TALE, a pesquisadora se compromete a discutir com os participantes as providências cabíveis, que podem incluir a interrupção ou encerramento da pesquisa e comunicar o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, para avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender o estudo, em conformidade com a seção V.3 da Resolução CNS 466/2012 e Art. 19, § 1º da Resolução 510/2016.

A pesquisadora se compromete a garantir a total segurança, respeito e reconhecimento de sua dignidade (Resolução nº 466/2012) e de seus direitos de buscar indenização nos termos da lei (conforme artigos 9. e 19º da Resolução 510/16 do CNS), de modo a evitar dano moral e/ou material a você ou a Comunidade Quilombola de Lajeado decorrente da sua participação na pesquisa. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, assim como nada será pago por sua participação.

SIGILO E PRIVACIDADE

De acordo com a Resolução nº 510/2016, referente às instruções e procedimentos de ética na pesquisa, informamos que: Sua privacidade será respeitada em todas as fases da pesquisa e você poderá decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que fornecerá as que podem ser tratadas de forma pública. A pesquisadora se responsabiliza pela guarda e confidencialidade das informações fornecidas. Caso queira, sua imagem (capturada por meio de fotos) será impressa no texto ao lado de seus depoimentos (gravados e transcritos) também no texto para lhe conceder autoria de fala nessa pesquisa. Sua autorização é condição indispensável para utilização de sua imagem e som da voz no texto da pesquisa.

AUTONOMIA

Você pode se recusar a participar da pesquisa ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem precisar justificar e que, com isso, não sofrerá qualquer penalização.

A pesquisadora e a instituição proponente nas diferentes fases da pesquisa ou em sua interrupção, proporcionarão assistência imediata, nos termos da seção II.3, da Resolução CNS 466/2012, bem como responsabilizam-se pela assistência integral aos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes dela. Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização. É assegurada a consulta a todos os documentos que compõem essa pesquisa, antes, durante e após sua realização, oportunizando o livre acesso ao registro de consentimento sempre que solicitado bem como todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

CONTATO

Você poderá manter contato com a pesquisadora responsável, Laurenita Gualberto Pereira Alves, pelo telefone (63) 99244-7370 (Operadora claro e whatsapp) e/ ou e-mail: laurinhagualberto25@gmail.com, cuja pesquisa é vinculada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal de Tocantins (UFT).

Para acompanhamento, assistência ou qualquer reclamação e denúncia sobre este estudo, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), vinculado à Pró-reitoria de Pesquisa (PROPesq) da Universidade Federal do Tocantins, localizada à Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado, Plano Diretor Norte, 77.001-090 - Palmas-TO, pelo telefone (63) 3232-8023 ou pelo e-mail: cep_uft@uft.edu.br, em dias úteis segunda e terça das 14h as 17h e quarta e quinta das 9h as 12h.

“Os CEP são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (Resolução CNS 466/2012 nº VII.2.) e visam “estimular a participação popular nas iniciativas de Controle Social das Pesquisas com Seres Humanos, além da criação de CEP institucionais e de outras instâncias, sempre que tal criação possa significar o

fortalecimento da proteção de participantes de pesquisa no Brasil” (Resolução CNS nº 466/2012, IX.2.).

A pesquisadora declara ainda que é Professora da Rede Estadual, lotada na Diretoria Regional de Ensino, localizado à Rua Padre Luso, S/nº, Centro, Dianópolis-TO. O contato pode ser feito pelo telefone (63) 3952-2304 ou pelo e-mail: dre-dianopolis@seduc.to.gov.br , nos horários de 8 às 12 horas/ 14 às 18 horas, em dias úteis.

Confirmo que fui informada verbalmente e por escrito com relação a minha participação na pesquisa e que a pesquisadora leu comigo este termo. Tive tempo suficiente para decidir sobre a minha participação e concordo voluntariamente a participar dessa pesquisa e () aceito ou () não aceito que meu nome, imagem e som da minha voz seja divulgada na pesquisa.

Assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, _____, autorizo a participação de meu filho(a)_____ no estudo: **Brincadequê: brinquedos e brincadeiras no Quilombo de Lajeado** no município de Dianópolis -TO. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora sobre a pesquisa os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação de meu filho(a). Sei que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade ou prejuízo com a Comunidade.

_____, _____ de _____ de _____

Resp. pelo participante da pesquisa

Pesquisadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**APÊNDICE D - Termo de Anuência da Comunidade Remanescente Quilombola
de Lajeado, Dianópolis – TO**

Eu, **Ana Bispo Martins**, Presidenta da Associação da Comunidade Remanescente Quilombola de Lajeado, município de Dianópolis-TO, abaixo assinado, ciente dos requisitos da Resolução CNS 466/12, Resolução 510/16 e suas Complementares, autorizo a pesquisadora Laurenita Gualberto Pereira Alves, RG nº. 456.524 SSP/TO, a realizar nesta Comunidade, para fins acadêmicos, a pesquisa que está desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação Profissional Stricto Sensu em Educação - (PPPGE/UFT). A referida pesquisa tem como título: “Brincadequê: Brinquedos e Brincadeiras no Quilombo de Lajeado”, cujo objetivo é analisar saberes tradicionais que se manifestam em brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações e integram a vida da Comunidade Quilombola de Lajeado. Objetivando desenvolver o projeto referente à pesquisa em pauta, a pesquisadora está autorizada a realizar entrevista com, todos os membros da Comunidade, entre outros procedimentos referentes ao projeto acima aventado.

Dianópolis, ____ de _____ de _____.

Presidenta da Associação de Moradores da Comunidade Remanescente Quilombola
de Lajeado

ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Brincadequê: Brinquedos e brincadeiras no Quilombo de Lajeado

Pesquisador: LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 36272720.8.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.648.902

Apresentação do Projeto:

A identidade cultural de um grupo desponta de variadas formas e com a população quilombola ocorre o mesmo processo. Os quilombolas se manifestam na sociedade e no mundo com a luta, com sua cultura, com a voz ativa em seus territórios e também por outros mecanismos, como é o caso dos brinquedos e brincadeiras que perpassam gerações pela via da oralidade. Consta numa contribuição de Kroeber apud Laraia (2001, p. 26) "cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo". Existem diversas maneiras de se demonstrar a cultura, neste trabalho a cultura que refere-se diz respeito a brinquedos e brincadeiras. Assim, a cultura torna os seres humanos o que são ao crescer no ambiente em que vivem. Uma maneira diferente de cada grupo decidir cada diferença em relação às tradições e identidade cultural. Na apresentação do projeto, tem-se uma descrição da proposta do trabalho.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Analisar saberes tradicionais que se manifestam nos brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações e integram a vida da Comunidade Quilombola de Lajeado.

Objetivos específicos

Identificar brinquedos e brincadeiras em diferentes gerações na Comunidade Quilombola de Lajeado;

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.648.902

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação dos Riscos , foi realizada adequadamente: no PB - Informações básicas do projeto, Projeto completo e no TCLE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto representa uma contribuição para analisar saberes tradicionais que se manifestam nos brinquedos e brincadeiras que perpassam diferentes gerações e integram a vida da Comunidade Quilombola de Lajeado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados em conformidade com o exigido.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

O pesquisador deve apresentar um relatório final ao CEP, sobre a pesquisa realizada.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS_DO_PROJETO_1577694.pdf	30/03/2021 19:59:45		Aceito
Outros	carta.docx	30/03/2021 19:57:01	LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_atualizado_3_laurenita.docx	30/03/2021 19:33:22	LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_atualizado_3_laurenita.docx	30/03/2021 19:28:37	LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_pesquisa_3.doc	30/03/2021 19:28:03	LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES	Aceito
Outros	Termodeautorizacaodousogeral.docx	26/12/2020 22:02:17	LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES	Aceito

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
 Bairro: Plano Diretor Norte CEP: 77.001-090
 UF: TO Município: PALMAS
 Telefone: (63)3232-8023 E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.648.902

Outros	termo_anuencia.jpg	22/06/2020 16:18:09	LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto_laurenita.pdf	22/06/2020 10:32:15	LAURENITA GUALBERTO PEREIRA ALVES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 14 de Abril de 2021

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3232-8023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br